

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

LÍLIAN LUANA DA SILVA

**‘JUVENTUDE INDÍGENA’: UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS
JOVENS DA 1ª CONGREGAÇÃO DA TERRA INDÍGENA DE
DOURADOS**

**Dourados-MS
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

LÍLIAN LUANA DA SILVA

**‘JUVENTUDE INDÍGENA’: UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS
JOVENS DA 1ª CONGREGAÇÃO DA TERRA INDÍGENA DE
DOURADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Antropologia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof. Dra. Grazielle Acçolini

**Dourados – MS
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586' Silva, Lilian Luana Da
'JUVENTUDE INDÍGENA': UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS JOVENS DA 1ª CONGREGAÇÃO DA TERRA
INDÍGENA DE DOURADOS / Lilian Luana Da Silva -- Dourados: UFGD, 2018.
98f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Grazielle Açcolini

Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Ciência Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.
Inclui bibliografia

1. Jovens. 2. Indígenas. 3. 1ª Congregação. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

LÍLIAN LUANA DA SILVA

**‘JUVENTUDE INDÍGENA’: UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS
JOVENS DA 1ª CONGREGAÇÃO DA TERRA INDÍGENA DE
DOURADOS**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ANTROPOLOGIA

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Grazielle Acçolini
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD / FCH

Membro titular: Prof. Dr. Carlos Barros Gonçalves
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/FCH

Membro titular: Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/FCH

Membro titular: Profa. Dra. Mariana Paladino
Universidade Federal Fluminense – UFF/ESE

DOURADOS – MS, ___ maio de 2018.

Dedico aos jovens indígenas da 1ª Congregação que me aceitaram e me acolheram. Dedico também à minha irmã Chaiane Franciele da Silva (in memoriam) minha grande incentivadora.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de meu percurso de pesquisa, que se iniciou na graduação em Ciências Sociais algumas pessoas já estavam no meu caminho e outras se agregaram a ele. Agradeço ao apoio do meu companheiro Henrique Duarte e da minha filha Verônica, que souberam entender a importância dessa formação em minha vida.

Agradeço o apoio incondicional da minha família em especial a minha mãe Matilde Swiderski da Silva pelas palavras de apoio e meu pai Antonio Alberto da Silva pelo incentivo.

Grata pelo apoio dos meus irmãos Mathiel e Chaiane (*in memoriam*) pelo incentivo na escolha do mestrado em Antropologia, pela amizade e afeto.

Não posso deixar de falar da minha querida orientadora e amiga *Prof^a. Dr^a. Grazielle Acçolini*, lembro-me que em meados de 2012, quando estava grávida de 6 meses, no segundo ano de Ciências Sociais, me convidou para realizar uma pesquisa de Iniciação Científica. Durante todos esses anos construímos uma relação de respeito e cumplicidade!

Além disso, aproveito para agradecer aos professores que fizeram parte dessa formação: *Prof. Dr. Mario Teixeira Sá, Prof. Dra. Grazielle Dainese, Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira, Prof. Dr. Levi Marques Pereira, Prof. Dr. Leif Grunewald, Prof. Dr. Claudio Reis, Prof. Dr. Guillermo Alfredo Johnson, Prof. Dra. Prof. Dra. Marisa Lomba, Prof. Dr. Walter Roberto Marschner, Prof. Dr. André Luiz Faisting, Prof. Dra. Aline Crespe, Prof. Dra. Noêmia Moura* que oportunizaram partilhar diálogos e práticas humanas.

Aos amigos da vida: Aline, Nicolas, Daniele, Bruno, Laio, Tania, Juliete, Tatiane, Luana, Jaqueline Barbosa, Ana Paula, Roberta, Markley, Maydra, Samilla, Amanda, Educardo (in memória), Jamel, Yasmine, Rayane, Kesley, Alana, Fernando, Marcus, Thiane, Jéssica, Nivia, Fabiela, Ir. Alison, Ir. Ronivon, Solange, Mariela, Moacir, Edna, Dércio, Nilza, Gabriel, Pedro.

Professores e diretores das escolas onde leciono, bem como, todos os alunos (as) das escolas Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos, Escola Estadual Presidente Vargas, que são o meu principal motivo para continuar essa formação.

A CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que me deu suporte para a realização da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, por oportunizar essa formação.

Agradeço finalmente a todos os jovens indígenas e adeptos da igreja 1ª Congregação, que me acolheram de forma tão significativa, e que são a razão desse estudo existir!

Meus sinceros agradecimentos a todos!

“Muitos falam que o jovem é o futuro da igreja, mas eu discordo, a gente é o presente, nós fazemos o presente. Nós jovens temos o nosso jeito de adorar, de louvar, um jeito próprio nosso e, por isso somos o presente e não o futuro apenas.”

Julia Rodrigues Pinheiro

“É triste dizer isso, às vezes conversamos com outras pessoas e o que se fala, é que o indígena não pode ter celular e tem que viver da caça e da pesca. O índio não deixa de ser índio por usar essas coisas. Generaliza-se isso, e as pessoas não vêem a realidade dos indígenas aqui dentro da aldeia. Sugiro que venham conhecer as lutas, sair do salto e ver a nossa realidade.”

François Mamede

RESUMO

O presente escrito é resultado da pesquisa que compreende o papel da 1ª Congregação Presbiteriana, na aldeia Jaguapirú, Terra Indígena Horta Barbosa, no município de Dourados na vida dos jovens indígenas, Terena, Guarani e Kaiowá. Com o foco na participação dos jovens e na formação de lideranças Terena, nesse espaço religioso. Perceber a participação e as especificidades dos jovens indígenas, das relações de intergeracionalidade e políticas que envolvem os jovens da 1ª Congregação, a fim de observar os tensionamentos e diferenças que possam existir com/entre essas juventudes da primeira geração de jovens indígenas e da segunda geração, como também nos facilitadores ou não que fazem essa juventude indígena frequentar a igreja, como trabalho, educação, proteção, segurança dentre outros e identificar o que atrai os jovens para a 1ª Congregação. Este texto é resultado da elaboração da dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Antropologia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados.

Palavras-chave: Jovens; Indígenas; 1ª Congregação.

ABSTRACT

The present document is the result of research that includes the role of the 1st Presbyterian Congregation in the village of Jaguapirú, Indigenous Land Horta Barbosa, in the municipality of Dourados in the life of indigenous youths, Terena, Guarani and Kaiowá. With the focus on youth participation and the formation of Terena leaderships, in this religious space. To understand the participation and specificities of the indigenous youth, the intergenerational and political relations that involve the young people of the 1st Congregation, in order to observe the tensions and differences that may exist with / among these youths of the first generation of indigenous youth and the second generation, I also think about the facilitators or not that make these indigenous youth attend church, such as work, education, protection, security among others and identify what attracts young people to the 1st Congregation. This text is the result of the elaboration of a dissertation paper presented to the Postgraduate Program - Master in Anthropology, Faculty of Human Sciences, Federal University of Grande Dourados.

Key-words: Young; Indigenous people; 1st Congregation.

LISTA DE ABREVIATURAS

1ª Congregação	Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil
AD	Assembléia de Deus
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa em Nível Superior
CEIN	Congresso de Evangelização de Índios
DG1	Despertaí Geração 1
DG2	Despertaí Geração 2
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
PPGANT	Pós-Graduação em Antropologia
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
SPI LTN	Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNIEDAS	União das Igrejas Evangélicas da América do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Primeiro culto realizado pelo Sr. Guilherme em Dourados, conhecido como “Culto de pé” (1961)	32
Figura 2. Primeira sede da 1ª Congregação	40
Figura 3. Sede atual (2017)	40
Figura 4. Culto do dia 26 de janeiro de 2016	44
Figura 5. Jovens indígenas na Escola Estadual Indígena Guateka – Dourados – MS – 1ª Congregação (16/06/2017)	77
Figura 6. Aldeia Jaguapirú, Dourados/MS, 1ª Congregação (04/03/2018)	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Relação dos jovens indígenas entrevistados.....	83
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I. NOS CAMINHOS DO CAMPO: OS JOVENS E A 1ª CONGREGAÇÃO	20
1.1. Os Terena e a “Juventude Indígena” da 1ª Congregação	21
1.2. Presbiterianismo no Brasil e Presbiterianismo Indígena no Brasil.....	27
1.3. Um relato sobre cultos, celebrações e louvores da 1ª Congregação.....	33
CAPÍTULO II. NOVAS CATEGORIAS SOCIAIS: JUVENTUDES INDÍGENAS	49
2.1. O Estado da “arte” sobre a categoria Juventude na Literatura Antropológica	50
2.2. A temática da criança indígena na Literatura Antropológica	54
2.3. As juventudes e a Antropologia Urbana no Brasil	63
CAPÍTULO III. INTERGERACIONALIDADE E JUVENTUDE INDÍGENA NA 1ª CONGREGAÇÃO.....	70
3.1. Juventude indígena e a intergeracionalidade (DG1 e DG2)	70
3.2. O protagonismo da juventude indígena na 1ª Congregação	77
3.3. A juventude indígena da 1ª Congregação fala: “A religião prende, Deus liberta!”	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto de minha pesquisa realizada no mestrado, do curso de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT), da Universidade Federal da Grande Dourados, ‘Juventude indígena’: um estudo de caso sobre os jovens da 1ª Congregação da Terra Indígena de Dourados, sobre o grupo de jovens indígenas frequentadores da igreja conhecida como 1ª Congregação¹. Tal igreja está presente na aldeia Jaguapirú da Terra Indígena Horta Barbosa, Dourados/MS com adeptos das etnias Terena, Guarani, Kaiowá e não-indígenas. Aproximadamente 40 a 50 adeptos frequentam a igreja hoje, como também um grupo de 15 jovens presentes nas atividades desse espaço.

As missões protestantes tiveram suas primeiras inserções na Terra Indígena de Dourados na década de 1920, e em especial com a Missão Evangélica Caiuá, conhecida como Missão Caiuá, que iniciou seus trabalhos em 1928. A Missão se instalou no ano do processo de formação das reservas indígenas da região do sul de Mato Grosso do Sul (MS).

A minha inserção dentro da comunidade teve a contribuição de Sr. Guilherme Felipe Valério que é fundador da igreja conhecida como 1ª Congregação e seu neto, Ronildo Jorge (Terena), integrante do grupo de jovens indígenas, também professor de História de uma das escolas da aldeia Jaguapirú. Com eles fui apresentada à comunidade de jovens da 1ª Congregação, aos cultos e outras atividades, bem como seu histórico na Reserva, que se atrela às próprias memórias do Sr. Guilherme.

Sr. Guilherme Felipe Valério (Terena) é fundador e representante principal da 1ª Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil, conhecida hoje como 1ª Congregação. O mesmo chegou a Dourados/MS no ano de 1961, tendo seu nascimento ocorrido em 1927, sendo natural da aldeia Bananal P. I. Taunay/Ipegue, Aquidauana em MS.

Na década de 60, segundo o próprio Sr. Guilherme (Terena), o reverendo da Missão Evangélica Caiuá, solicitou auxílio ao mesmo para construir a 1ª Congregação na aldeia Jaguapirú. Nesse momento ele trabalhou com os missionários americanos, metodistas e presbiterianos. A igreja construída está localizada a frente da casa do próprio Sr. Guilherme (Terena), que cedeu o espaço para a construção da mesma.

Percebendo o complexo contexto pluriétnico da Reserva de Dourados e, tendo em vista a proposta desta pesquisa, os jovens indígenas adeptos da igreja 1ª Congregação

¹ Toda vez que for mencionada a igreja 1ª Congregação, me refiro a 1ª Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil.

acredito, que os contatos interétnicos e as transformações daí ocorridas, devem ser vistas como um fator organizador de tal comunidade.

A escolha por enfatizar os Terena como protagonistas desse espaço, explica-se a partir da formação e constituição da igreja 1ª Congregação, bem como o grupo de jovens da Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil; os Terena foram os protagonistas na criação da mesma na aldeia Jaguapirú. Pode-se observar isso, ao ver as principais lideranças que tomam frente nas atividades da igreja, que são na maioria Terena, tanto jovens, como adultos e anciões. Isso quer dizer que as sociabilidades na 1ª Congregação se transformaram com o passar dos anos, agregando também os Kaiowá, Guarani e alguns não indígenas, como observado em campo. Entretanto as principais lideranças dentro desse espaço continuam sendo os Terena.

Assim, de acordo com Acçolini (2004), a sociedade Terena pode ser vista como uma estrutura performática (Sahlins, 1990). Os Terena organizam a significação de forma que os sujeitos históricos reproduzem criativa e dialeticamente sua cultura. Os acontecimentos que ocorreram na trajetória histórica da etnia serviram para que os Terena criassem a sua própria forma de pensar e significar as diferenças que apareceram em sua história. A religião protestante já faz parte desta sociedade, com a perspectiva da estrutura performática (Sahlins, 1990), onde se percebe que os Terena tem a capacidade de se adaptar as mudanças e significar fatos históricos.

Creio que o grupo de jovens indígenas dessa igreja, é parte das ressignificações dessa comunidade elaboradas nesse contexto específico. Por isso, pensar o papel dos mesmos nesse espaço é perceber que a categoria juventude foi apropriada e significada dentro da própria etnia.

Apesar de sabermos que a categoria juventude foi apropriada pelo envolvimento dos Terena com a sociedade nacional, a característica de transformação é própria da etnia, que significa suas ações como pensa Sahlins (1990) nas “estruturas performáticas”, levando em conta, as características culturais do grupo e as advindas transformações que hoje, por meio da história do grupo Terena, se tornaram próprias do grupo, como por exemplo a categoria juventude.

Por isso, é relevante perceber que os jovens indígenas dentro da 1ª Congregação se autodenominam jovens Terena, Guarani e Kaiowá, dependendo da situação em que os jovens estão inseridos, pois essa afirmação étnica surge da necessidade de se auto afirmar, dentro desse espaço, tanto que eles se denominam também “jovens indígenas”. Segundo Ronildo Jorge (Terena): “Na igreja 1ª Congregação nós somos jovens indígenas. Fora, às vezes, requer

que nos identificamos como jovens indígenas Terena, Guarani, Kaiowás”, por exemplo, em algum espaço político e religioso que requer uma afirmação das identidades étnicas.

Meus grandes interlocutores também foram o pastor e missionário Ezau Mamede (Terena) e sua esposa Franciele Mamede, que hoje se fazem muito presentes dentro da igreja 1ª Congregação na função de organização das celebrações da comunidade.

O ponto alto de minhas incursões em campo se deu durante o Culto Jovem, um dos cultos mais importantes dentro da 1ª Congregação. É importante ressaltar, que me refiro ao Culto Jovem, com letra maiúscula, para delimitar qual culto me refiro, já que as observações foram feitas principalmente em tal culto.

Entre os jovens, um dos interlocutores é Renan Mamede (Terena), a presença do mesmo no altar é impactante e forte para os adeptos da 1ª Congregação; um jovem Terena que se faz presente de forma significativa e que se mostra como líder entre os jovens indígenas dessa comunidade.

A pesquisa de campo teve início no mês de setembro de 2016 e se estendeu até março de 2018. Vendo a etnografia a partir de Oliveira (2006), a união de três etapas/ três atos cognitivos que a constituem: o olhar, o ouvir e o escrever, elementos que fazem parte de um processo para a realização de tal pesquisa; esta se construiu no caminho fundamental seguido, a fim de constituir uma interação com tais jovens indígenas vinculados à igreja em questão. Quando me refiro a uma interação, penso na relação dialógica que já estabeleci com tal grupo.

Para Geertz (1989) realizar uma etnografia vai além das técnicas utilizadas no trabalho de campo, é o esforço intelectual de interpretar todos os dados obtidos nele. Isso quer dizer, que a etnografia não se limita na prática de desempenhar o método de trabalho, mais que isso, a etnografia é o esforço máximo de reflexão e esforço intelectual pela parte do pesquisador.

Objetivamente, as metas desse trabalho é a de verificar se a participação dos jovens na 1ª Congregação contribui na formação de lideranças; perceber se a participação dos jovens indígenas da 1ª Congregação contribui para aspectos de fora do espaço religioso; e também perceber os aspectos facilitadores para esta juventude indígena por frequentarem a 1ª Congregação.

A juventude ou os jovens vem sendo alvo de estudos na literatura antropológica em diferentes culturas desde a década de 30/40, com as pesquisas de Margaret Mead – Sexo e temperamento em três sociedades primitivas (1935); e Ruth Benedict – Padrões de cultura (1934); bem como a obra O crisântemo e a espada (1946). Essas se tornaram referências no âmbito acadêmico pela forma com que conduziram a temática sobre a adolescência/juventude em sociedades nativas, ou seja, tais autoras apontaram que a categoria juventude não pode ser

analisada a partir de critérios rígidos e universais, mas sim a partir de um processo maior e do contexto sócio-cultural da qual é parte.

O conceito de juventude indígena apresentado por Sivestre (2011) indica que a passagem entre as diversas idades é referência das transformações dos modos de vida e suas valorações. A juventude está atrelada a processos de mudança, adaptação, onde se projeta novas modalidades de vivência temporal. As relações intergeracionais indicam o olhar que o jovem indígena tem com o tempo presente e com o passado, é um caminho a ser seguido a interpretar o jovem indígena.

Pode-se observar que na 1ª Congregação, o grupo de jovens indígenas é reconhecido como um grupo de grande visibilidade dentro da igreja e na comunidade da aldeia. Os jovens indígenas da 1ª Congregação participam dos cultos, da organização, do louvor, e da dança. Eles têm a atenção e o foco na igreja que frequentam, se relacionando, criando vínculos de sociabilidades e socialidades, lá criam amizades e namoros. Tudo isso, sendo assistidos pela família, que na maioria das vezes também frequenta o local. Percebe-se a criação de alianças políticas, com a formação de lideranças, em específico lideranças Terena, que se fazem presente na participação da igreja e na organização da estrutura das atividades da igreja.

Assim, no 1º capítulo será abordado a pesquisa de campo que realizei entre os jovens indígenas frequentadores da igreja conhecida como 1ª Congregação; bem como contextualizarei, mesmo que brevemente, o Presbiterianismo como uma das vertentes do movimento protestante, sua inserção no Brasil, para assim abordar o Presbiterianismo Indígena; com o enfoque final no relato sobre cultos, celebrações e louvores na 1ª Congregação.

No 2º capítulo tem como objetivo dissertar sobre como os jovens ou a categoria juventude, vêm sendo estudados na literatura antropológica de diferentes culturas desde a década de 30/40 até os dias de hoje; assim como tratar da categoria que de fato está constituída na etnologia indígena; a categoria ‘criança indígena’ que se faz necessário por ser também uma categoria apropriada e relativamente nova na literatura antropológica; bem como apresentar como a Antropologia brasileira tem trabalhado com o tema juventude/juventude no meio urbano.

No 3º capítulo a finalidade é apresentar as relações de intergeracionalidade e política que envolvem os jovens da 1ª Congregação, a fim de observar se existem ou não tensionamentos que possam existir com/entre essas juventudes da primeira geração de jovens indígenas e da segunda geração, também penso nos facilitadores ou não que fazem essa juventude indígena frequentar a igreja, como trabalho, educação, proteção, segurança dentre

outros e identificar o que atrai os jovens para a 1ª Congregação, e o que também aproximam outros jovens que não pertencem a esse grupo efetivamente.

CAPÍTULO I. NOS CAMINHOS DO CAMPO: OS JOVENS E A 1ª CONGREGAÇÃO

Neste capítulo pretendo apresentar a pesquisa de campo que realizei entre os jovens indígenas frequentadores da igreja, conhecida como 1ª Congregação, Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil. Tal igreja está presente na aldeia Jaguapirú, da Reserva Indígena Horta Barbosa, em Dourados/MS, com maior número de adeptos da etnia Terena (tronco linguístico-cultural Aruák, língua Guaná), mas que também abrange as outras etnias ali presentes, como os Guarani, Kaiowá e não-indígenas. Aproximadamente 40 a 50 adeptos frequentam a igreja hoje, como também o grupo de 15 jovens atuantes presentes nas atividades desse espaço.

Muitas vezes adeptos de outras igrejas frequentam o espaço, não poucas, especialmente os adeptos das neopentecostais de dentro e de fora da Reserva, principalmente quando se faz cultos de referência como o é o caso do Culto Jovem, um dos cultos mais importantes dentro da 1ª Congregação. É importante ressaltar, que me refiro ao Culto Jovem, com letra maiúscula, para delimitar de qual culto me refiro, já que as observações foram feitas principalmente em tal culto.

Os Terena foram os protagonistas na criação da igreja 1ª Congregação na aldeia Jaguapirú. Pode-se observar isso, ao ver as principais lideranças que tomam frente nas atividades da igreja, que são na maioria Terena, tanto jovens, como adultos e anciãos. Com o passar dos anos, agregando também os Kaiowá, Guarani e alguns não indígenas, como observado em campo.

Assim, de acordo com Acçolini (2004), a sociedade Terena pode ser vista como uma estrutura performática (Sahlins, 1990). Os Terena organizam a significação de forma que os sujeitos históricos reproduzem criativa e dialeticamente sua cultura. Os acontecimentos que ocorreram na trajetória histórica da etnia serviram para que os Terena criassem a sua própria forma de pensar e significar as diferenças que apareceram em sua história. A religião protestante já faz parte desta sociedade, pensando os Terena como uma estrutura performática (SAHLINS, 1990).

1.1. Os Terena e a “juventude indígena” da 1ª Congregação

O contato com a sociedade envolvente há pelo menos um século, caso dos representantes Terena na aldeia Jaguapirú, trouxe com eles algumas particularidades e especificidades, como a noção de juventude no meio indígena.

A constituição da pesquisa de campo teve início em setembro de 2016 a julho de 2017. A metodologia usada é a etnografia, como aponta Oliveira (2006), a união de três etapas/ três atos cognitivos que a constituem: o olhar, o ouvir e o escrever, elementos que fazem parte de um processo para a realização de tal pesquisa.

Os objetivos fundamentais desse trabalho são: perceber os momentos e espaços que os jovens indígenas ocupam e se fazem presentes na igreja, buscando perceber as tensões que existem entre as famílias adeptas das três etnias; e como constitui a formação de lideranças Terena na 1ª Congregação e perceber se a participação dos jovens indígenas da 1ª Congregação contribui em sua vida fora do espaço religioso.

O conceito de juventude² aqui apresentado se constrói a partir do contexto étnico e cultural que vivenciam os jovens indígenas. Fernanda Delvalhas Piccolo (2010) observa a “juventude” como uma categoria. A autora fala que a categoria juventude bem como a experiência a ela atrelada foi construída, ao mesmo tempo em que os jovens vivenciam os processos biológicos da época da puberdade. Não podemos enxergar essa etapa como uma experiência universal, mas sim como específica de cada grupo social, com suas particularidades, significados que cabem serem desvendados com um olhar cuidadoso.

Essa noção de juventude será mais aprofundada no decorrer do texto, mas pode-se observar que na 1ª Congregação, o grupo de jovens é reconhecido como um grupo de grande visibilidade dentro da igreja e ao redor na comunidade da aldeia. Os jovens indígenas da 1ª Congregação participam dos cultos, da organização, do louvor, da dança e o teatro. Eles têm a atenção e o foco na igreja que frequentam, se relacionando, criando vínculos de socialidades, amizades e namoros. Tudo isso, sendo assistidos pela família, que na maioria das vezes também frequenta o local. Percebe-se a criação de alianças políticas, com a formação de lideranças, em específico lideranças Terena, que se fazem presente na participação da igreja e na organização da estrutura das atividades da igreja.

Tanto os líderes adultos como os jovens a frente da igreja são da etnia Terena, mesmo tendo essa categorização, eles se identificam neste espaço também como “indígenas” e “jovens indígenas”; aproximadamente 15 jovens participam semanalmente dos cultos.

² Sobre o conceito de juventude, no segundo capítulo será problematizada.

Considerando a complexidade do contexto pluriétnico³, o Culto Jovem é organizado pelo grupo de jovens indígenas, constituído pelas três etnias. Durante os cultos não abertos a igrejas de fora, os adeptos se autodenominam genericamente como indígenas. Quando se tem a presença de pessoas de fora da aldeia, é frequente que se fale sobre a presença das três etnias dentro da constituição da igreja.

Por isso é relevante perceber que os jovens dentro da 1ª Congregação se autodenominam como jovens Terena, Guarani e Kaiowá, dependendo da situação em que estão inseridos, pois isso, essa afirmação étnica surge da necessidade de se auto afirmar, dentro desse espaço, tanto que eles se denominam também “jovens indígenas”. Segundo Ronildo Jorge⁴: “Na igreja 1ª Congregação nós somos jovens indígenas. Fora, às vezes, requer que nos identificamos como jovens Terena, Guarani, Kaiowás”, por exemplo, em algum espaço político que requer uma afirmação da identidade étnica.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário um levantamento bibliográfico sobre o tema, juventude/jovens indígenas, o que não foi fácil, pois há pouco material produzido sobre essa temática. Nos dias atuais ainda é um desafio pesquisar sobre jovens indígenas, em síntese, por que é um tema que está em expansão, como uma área de pesquisa; por isso as pesquisas nas áreas como a Sociologia, Filosofia, Ciências da Religião me auxiliam a pensar o conceito de juventude.

A pesquisa etnográfica foi o caminho fundamental a fim de constituir uma interação com tais jovens vinculados a igreja. Quando me refiro a uma interação, penso na relação dialógica que estabeleci com tal grupo.

A ideia de pesquisar os jovens indígenas surgiu em 2013, quando era discente do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados. Lembro-me que conversei com a Professora Dr^a Grazielle Açcolini, que na época lecionava a disciplina de Tópicos em Cultura e Diversidade Etnicoracial; recordo que a indaguei sobre a possibilidade de me orientar na elaboração de um projeto de pesquisa que abordasse a temática dos jovens indígenas.

Além dessa conversa, tivemos a oportunidade de conhecer as festividades em comemoração ao dia do índio realizadas na parentela do Sr. Guilherme Felipe Valério, Terena e fundador da igreja conhecida como 1ª Congregação, presente na aldeia Jaguapirú da Reserva Indígena Horta Barbosa, Dourados/MS.

³Como já foi mencionado na Terra Indígena de Dourados, vivem três etnias os Terena, Guarani e Kaiowá.

⁴Ronildo Jorge integrante do grupo de jovens indígenas, professor de História; com ele fui apresentada à comunidade dos jovens da 1ª Congregação, aos cultos e outras atividades, bem como seu histórico na Reserva, que se atrela às próprias memórias de Sr. Guilherme, avô de Ronildo.

Durante essa visita a campo, pude perceber a presença de uma igreja construída em alvenaria, de um porte relativamente grande, localizada a frente da casa do Sr. Guilherme, nesse momento a igreja se tornou emblemática para mim, a meu ver era estranho a presença de uma igreja naquela localidade, o que gerou uma vontade de conhecer a constituição da mesma, juntamente da comunidade frequentadora do espaço. Posteriormente, acessei fontes bibliográficas indicadas pela professora, que me auxiliaram para a elaboração de uma proposta inicial de projeto de pesquisa.

Para tanto, meus dois grandes interlocutores nesse momento foram Sr. Guilherme Felipe Valério que é fundador da igreja conhecida como 1ª Congregação e seu neto, Ronildo Jorge integrante do grupo de jovens indígenas, professor de História em algumas escolas indígenas da Terra Indígena de Dourados; com eles fui apresentada à comunidade jovens da 1ª Congregação, aos cultos e outras atividades, bem como seu histórico na Reserva, que se atrela às próprias memórias de Sr. Guilherme.

Nos últimos anos vem surgindo discussões sobre as religiões tradicionais nas populações indígenas. Há também questionamentos sobre as inserções de outros tipos de doutrinas em diversas etnias como a doutrina cristã a partir da realidade da cultura religiosa protestante. No caso, me vi instigada a conhecer e dar atenção às discussões acerca da apropriação do protestantismo por parte dos Terena, Guarani e Kaiowá, como os não-indígenas da 1ª Congregação e, de como a relação dos jovens se constituía a partir desse contexto pluriétnico.

Por isso, durante o curso de Ciências Sociais, desenvolvi a pesquisa de iniciação científica intitulada: Os jovens terena da 1ª Congregação presente na Terra Indígena de Dourados, que teve como objetivo perceber as particularidades desse grupo e, também nas especificidades que conformam a noção de juventude no meio indígena, em contato com a sociedade envolvente regional há pelo menos um século, no caso dos representantes Terena de tal aldeia/reserva.

Com o intuito de observar de forma mais profunda e entendendo que, havia e ainda há muito mais a ser dito sobre os jovens indígenas, especialmente os envolvidos nesse caso na 1ª Congregação da aldeia Jaguapirú, construí uma proposta de elaboração do projeto do curso de mestrado em Antropologia da UFGD.

Para além das noções subjetivas na escolha do tema, lancei mão de algumas técnicas usuais da Antropologia. A principal delas o diário de campo, que segundo Gomes (2009) é registrada os dados referentes à pesquisa de campo, observações feitas pelo antropólogo, como também falas do grupo estudado. Não se pode esquecer também, que as angústias do

antropólogo e suas emoções são relatadas nesse diário de campo. Assim, o processo de amadurecimento teórico do antropólogo junto do grupo estudado é importante para a pesquisa; esse procedimento é pertinente para esclarecer o quão o pesquisador está sendo objetivo ou não.

Fazer uma etnografia assim como Oliveira (2006) aponta, a partir dos três atos cognitivos, o olhar, o ouvir e o escrever são elementos que fazem parte do processo para a realização de tal pesquisa. Já que a pesquisa é um caminho duro e com enigmas a decifrar, o olhar do pesquisador deve estar treinado pela disciplina, junto com o ouvir. Esses são passos importantes para a realização da pesquisa, já que o olhar e ouvir não são faculdades independentes uma da outra, e fazem parte do mesmo procedimento.

O olhar e o ouvir configuram a primeira parte do estudo, já o escrever é o desfecho final. Depois dos dados levantados em seu caderno de campo, é preciso que o antropólogo se afaste do campo de pesquisa e elabore o texto etnográfico; digo isso no sentido de um distanciamento do ‘campo’, não necessariamente ‘espacial’, como em grande parte das etnografias, pois moro há apenas dois km da igreja e de meus interlocutores!

Como explica Geertz (1989), realizar uma etnografia vai além das técnicas utilizadas no trabalho de campo, é o esforço intelectual de interpretar todos os dados obtidos nele. Isso quer dizer, que a etnografia não se limita a prática de desempenhar o método de trabalho, mais que isso, a etnografia é o esforço máximo de reflexão e esforço intelectual por parte do pesquisador.

Para apresentar o campo de trabalho que atuo, descreverei diversos cultos que eu pude acompanhar na 1ª Congregação. O intuito é pensar como Geertz (1989), uma “descrição densa”, em especial o Culto Jovem, procurando uma interpretação que se baseie na experiência e na intersubjetividade.

Clifford Geertz (1989) é um pesquisador que de fato tem grande importância para o cenário antropológico, já que ele se debruça na compreensão dos métodos interpretativos, usando-os para entender e decifrar diferentes aspectos culturais. Nesse método cabe ao antropólogo descrever e interpretar a cultura a partir de um estudo pautado nos indivíduos de cada grupo.

Trouxe discussões pertinentes, como por exemplo, a problematização da subjetividade e objetividade do pesquisador, rompendo com a noção de imparcialidade construída historicamente pela academia.

Nesse sentido Geertz (1989) afirma que a cultura: “é uma teia de significados que o homem teceu”, então para entendermos uma cultura devemos desmembrar os diferentes

aspectos nela envolvidos, inclusive algum fato desconhecido incomum, o pesquisador deve fazer o exercício de explicar e tornar-lhe essa informação menos estranha para aqueles que não o conhecem.

No exemplo da piscadela, o autor nos passa a ideia de que cada pessoa ao perceber uma piscadela, terá uma interpretação a partir de sua própria teia de significados. Isso quer dizer, o que pode ser um simples tique nervoso para uma pessoa, para outra pode ser um deboche ou imitação daquela primeira piscadela. Resumindo, para então se chegar a uma conclusão do que significa a piscadela, é imprescindível que deixemos de lado leis gerais que abrange um todo, para sim pensarmos modelos teóricos mais específicos.

Afastado do espaço do trabalho de campo o antropólogo com sua autonomia, tem a incumbência de escrever e interpretar os dados que foram coletados, no caso dessa pesquisa a Antropologia, a partir do seu escopo teórico-metodológico e diretamente da bibliografia relacionada ao tema.

Tratarei ao longo do trabalho sobre a noção de juventude, como categoria nova na etnia Guarani, Kaiowá e Terena, bem como entre outras sociedades indígenas, por isso a geração que marca a entrada dessa categorização na igreja está centrada nos atuais adultos, que foram a primeira geração de ‘jovens’ dentro da igreja em questão.

Os contatos regulares dos Terena com os não-indígenas se intensificaram após a Guerra do Paraguai; a frente de expansão pastoril ocasionou um reordenamento territorial. Os Terena, depois da Guerra do Paraguai, se viram explorados pelos proprietários de terras, servindo de mão de obra barata e cada vez mais atrelados à sociedade envolvente.

Com o advento da República, ocorreu a instalação das Linhas Telegráficas, que visavam unir regiões distantes, sob a direção de Cândido Rondon; entre 1904/1905, vários Terena foram chamados para esse trabalho. Algumas das terras foram reservadas para a demarcação por Rondon. Nesse mesmo período o Serviço de Proteção do Índio (SPI) foi criado (1910), com a perspectiva de incorporar o índio à nação brasileira, sob as orientações de políticas integracionistas. O SPI inicialmente tinha o objetivo de vincular o índio à sociedade brasileira como trabalhador nacional para o processo de ocupação e desenvolvimento do país. Tanto que a sigla inicial do SPI era SPI LTN (Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais). Transformando o índio em colonizado e tirando o entrave ao capital e à ideia de progresso.

Segundo Acçolini (2012), alguns pesquisadores apontam que os Terena chegaram à Reserva de Dourados logo após a sua criação em 1917, vindos da Serra de Maracaju, municípios de Miranda e Aquidauana por meio de Rondon; vieram em parte pelo incentivo do

SPI, e posteriormente devido aos parentes que já se encontravam pela região. Troquez (2006) ressalta que a Reserva Indígena de Dourados foi destinada apenas em 1927 aos Guarani e Kaiowá, quando o inspetor do SPI, Major Nicolau Horta Barbosa, deu início a delimitação dessa área que corresponde ao Posto Indígena Francisco Horta Barbosa. Já no início desse processo, deu-se também sua formação como reserva pluriétnica.

O contato com a sociedade nacional intensificou as transformações e, conseqüentemente, a vida da etnia Terena no atual MS. A exemplo de algumas políticas implementadas que objetivavam a absorção da mão de obra indígena para as fazendas, outra característica importante deste período foi o contato com as doutrinas cristãs como o catolicismo, o protestantismo, o pentecostalismo e neo pentecostalismo.

A constituição da igreja 1ª Congregação, está totalmente atrelada as inserções das missões protestantes, as quais tiveram suas primeiras inserções na terra indígena de Dourados no ano de 1920, e em especial com a Missão Evangélica Caiuá, conhecida como Missão Caiuá, que iniciou seus trabalhos em 1928. A Missão se instalou no ano em que o processo de formação das reservas indígenas da região do sul de MS se concluiu. O objetivo da missão era, além da catequese, dar assistência em áreas como da saúde e educação, característica comum de tais missões.

Considerando a complexidade do contexto pluriétnico da Reserva de Dourados e, tendo em vista a proposta desta pesquisa, os jovens indígenas adeptos da igreja 1ª Congregação, acredito que os contatos interétnicos e as transformações daí advindas, devem ser vistos como um fator organizador de tal comunidade.

Assim, de acordo com que afirma Sahlins (1990, p. 11) quando diz que: “culturas diferentes, historicidades diferentes”, onde ele apresenta as ‘estruturas performáticas’ e as ‘estruturas prescritivas’, conceitos que ele apresenta como típico-ideais, “sobre como as estruturas se realizam no interior da ordem cultural e acima do curso histórico”(p. 11), ou seja, vendo-as como diferentemente abertas à história. Sahlins (1990) aponta o paralelo com o contraste levi-straussiano entre modelos mecânicos e modelos estatísticos (sociedades frias e sociedades quentes).

Esquemáticamente, essas estruturas são definidas em relação aos acontecimentos circunstanciais, o inevitável encontro com a prática, ou com os riscos empíricos colocados às categorias culturais. Nas sociedades estruturadas performaticamente, estes acontecimentos circunstanciais são valorizados pela diferença com que se apresentam frente ao sistema constituído, enquanto as estruturas prescritivamente valorizam tais acontecimentos, pautadas na semelhança frente ao arranjo social existente.

No encontro com a prática, os acontecimentos são interpretados pela comunidade de significação e justamente por ela esses são valorizados ou não, prescritiva ou performaticamente. Esta interpretação, baseada nos significados fornecidos pela ordem cultural, se transforma num evento e adquire uma significância histórica.

Apesar de sabermos que a categoria juventude foi apropriada pelo envolvimento dos Terena com a sociedade nacional, a característica de transformação é própria da etnia, que significa suas ações como pensa Sahlins (1990) como uma “estrutura performática”, levando em conta, as características culturais do grupo e desapropriações que hoje, por meio da história do grupo Terena, se tornaram próprias da comunidade como, por exemplo, a categoria ‘juventude’.

1.2. Presbiterianismo no Brasil e Presbiterianismo Indígena no Brasil

A fim de situar a 1ª Congregação no que tange à sua doutrina contextualizarei, mesmo que brevemente, o Presbiterianismo como uma das vertentes do movimento protestante, sua inserção no Brasil, para assim abordar o Presbiterianismo Indígena.

Depois da Reforma, para Wilkinson (2011), diferentes igrejas protestantes foram instituídas na Europa. Com o intuito de libertação da Igreja Católica e, do controle que o Papa exercia no século XVI, mesmo assim no que diz respeito a rituais e algumas características permaneceram com fundamentos católicos.

Seguindo muitos colonizadores, criou-se um movimento evangelizador e missionário, que chegaram a lugares como a África, Índia e a América do Sul, com o intuito de difundir a fé cristã, por meio da leitura e da escrita. Esse viés evangelizador, baseado na educação tem sua origem histórica comprovada, aí se pode perceber a razão das Missões terem um viés assistencialista como norte, que pode ser resumido como, educar para evangelizar.

Assim, pensa Wilkinson (2011) que as igrejas Presbiterianas têm esse nome, por sua conjuntura estrutural, formada basicamente por presbíteros, ministros ou anciãos. Essas pessoas ocupam um papel parecido com o que os padres exercem em outras igrejas. Essa formação do protestantismo tem como norte a interpretação e estrutura das primeiras Igrejas Cristãs, baseadas no Segundo Testamento.

No século XX, diferentes movimentos se uniram na Aliança Mundial das Igrejas Reformadas, que engloba 150 Igrejas e aproximadamente 60 milhões de membros. Existem várias diferenças entre as Igrejas reformadas até hoje, mesmo assim os membros acreditam na salvação a partir de Deus, por meio de Cristo e de seu sacrifício. O mediador dessa salvação é o Espírito Santo, que leva a todos os indivíduos que o Pai escolhe o dom divino.

Segundo Gonçalves (2015), no século XIX, diferentes tipos de denominações, vindas do sul dos Estados Unidos, chegaram ao país, representando o viés do Protestantismo Histórico da Missão, são elas, a Congregacional (1855); Presbiteriana (1862); Metodista (1878); Batista (1882); Episcopal (1889) e a Presbiteriana Independente do Brasil (1903).

Nesse sentido, os povos indígenas se tornaram um propósito de evangelização, perante as missões instaladas no Brasil. Pode-se observar esse viés evangelizador a partir da fala de Gonçalves (2015), onde argumenta que desde o século XIX, o Jornal Imprensa Evangélica, foi a primeira mídia impressa protestante da América do Sul, publicou um texto com o seguinte dizer: “Como pregar aos índios”, documento que veicula uma crítica à Igreja Católica e a benevolência da mesma perante os indígenas.

Gonçalves (2015) ainda aponta que, no fim do século XIX e, nas primeiras décadas do XX, a evangelização dos povos indígenas tornou-se grande tema de foco dos círculos protestantes do país, foi assim que se formaram diferentes entidades que cooperavam nas igrejas do Brasil, uma delas a Missão Caiuá.

A partir de uma visão distorcida dos povos indígenas no Brasil, vistos como “selvagens”, as igrejas tomaram a frente de um projeto de incluir os indígenas no cristianismo, bem como, legitima-los em uma política integracionista.

Nesse projeto de “progresso e pátria”, Gonçalves (2015) aponta que vários intelectuais protestantes construíram ideias sobre o protestantismo, e que essas mesmas representavam o projeto de melhor eficácia, sobre religiosidade e de formação de uma ordem de civilização e progresso para o país. Uma forma de legitimar os indígenas como brasileiros.

Segundo ainda Gonçalves (2015), é possível identificar três sinônimos para o trabalho missionário na Missão Caiuá (1929), civilização, patriotismo e protestantismo.

O contato estabelecido entre a Missão Caiuá e os indígenas da região do sul de MS foram se construindo relacionalmente, conforme observa Gonçalves:

As trocas e negociações caracterizaram o relacionamento entre os indígenas e os missionários. Assim, com o decorrer dos anos, a Missão Caiuá tornou-se um espaço no qual os indígenas puderam estabelecer relações com a sociedade envolvente. Esse cenário desenvolveu-se por meio da própria estrutura missional proposta pelos religiosos, que se dividiu, desde o início, em três frentes: educação, saúde e trabalhos agrícolas. Somado a isso, o ensino cristão, através de cultos e escolas dominicais. O plano de “aldear, civilizar, educar, cristianizar e curar as enfermidades” começou a ser desenvolvido com maior empenho a partir da compra, entre 1930 e 1931, das terras que abrigariam a sede missionária. A área onde atualmente se encontra a Missão foi adquirida contígua à sede da administração da Reserva. Isso certamente facilitou o trabalho conjunto com os agentes do S.P.I. e o acesso aos índios que buscavam benefícios na Sede do Posto Indígena (GONÇALVES, 2015,p. 23).

Por isso, é importante atentar que esse projeto de civilização e evangelização da Missão Caiuá teve um grande impacto e, que foi uma política pensada e organizada pela missão protestante estadunidense no Brasil, bem como, pelo apoio do Estado, numa política integracionista.

Contudo, não podemos esquecer que os indivíduos envolvidos, no caso os indígenas das aldeias de Dourados, também fizeram parte desse processo. Tanto que a Missão Caiuá, mesmo sendo muito efetiva nesse espaço nos dias de hoje, não alcançou toda a Reserva com sua ideia evangelizadora. E também temos que rever a história e perceber as resistências a esse movimento evangelizador, como é possível verificar nas palavras de Gonçalves descritas abaixo:

Contudo, um relato publicado no jornal *O Estandarte*, de autoria de um visitante presbiteriano à Reserva de Dourados, deixou claro que os indígenas resistiram às práticas de saúde apresentadas pelos religiosos. Conforme escreveu o presbiteriano A. L. Davis, num primeiro momento, os índios aceitavam o tratamento oferecido pelos missionários, porém, logo em seguida, cuidavam de voltar aos métodos tradicionais de seu povo. Isso foi evidenciado quando um indiozinho ferido gravemente na cabeça por uma onça buscou auxílio junto ao missionário médico e, após receber os curativos, num momento de descuido dos religiosos, fugiu para o interior da mata e teve os remédios dos brancos substituídos por “cascas de árvore, bem socadas e postas sob as feridas” (GONÇALVES, 2015, p. 26).

Comumente se tem a ideia que os indígenas participaram passivamente da evangelização; ao contrário, se pode visualizar a partir do texto acima, que foram várias as formas de resistência. Tendo isso claro, vale ter cuidado nas análises que se baseiam em perdas e num viés de tradicionalidade imutável.

Com a clareza dessas resistências, que falam muito sobre o processo de evangelização que ocorreu nas aldeias de Dourados, não podemos nos agarrar a ideia de uma tradição fossilizada. Por isso, que pesquisar sobre o contexto de uma igreja indígena presbiteriana, e sobre a categorização dos jovens dentro e fora desse espaço, é uma tentativa de desconstruir essa visão equivocada sobre a evangelização dos povos indígenas. Esses povos participaram e participam desse processo; é preciso então ter o cuidado de não enxergá-los como agentes passivos dessa ação.

Ainda de acordo com Gonçalves:

Conforme dados enviados pelos missionários aos jornais de suas respectivas igrejas, os indígenas resistiam ao tratamento médico e à catequese ofertados. Isso, no entanto, não significa que os índios não frequentassem as atividades religiosas da Missão. Nesse sentido, é ilustrativa uma carta publicada em 1935, na qual o missionário João José da Silva afirma que os religiosos não podiam estar plenamente satisfeitos, pois os índios, apesar da frequência “não estavam interessados nem aproveitando os benefícios do trabalho religioso” (GONÇALVES, 2015, p. 27).

Foram vários os relatos de missionários sobre as diversas formas de resistências dos indígenas, segundo Gonçalves (2015), o reverendo Maxwell demonstra na carta publicada em *O Puritano* (10/6/1937, p. 8) que a esperança na evangelização dos indígenas da região de Dourados estava a cargo do futuro, pois oito anos havia se passado desde a instalação da Missão Caiuá, e os indígenas mesmo aceitando o auxílio para algumas demandas, não deixavam a religião “tradicional” de lado. Mesmo assim, com o passar das cartas, o reverendo Maxwell demonstra que cada vez mais os indígenas procuravam a ajuda da Missão Caiuá, a procura de remédios e tratamentos para diversas doenças.

A Missão Caiuá teve suas primeiras inserções na área educacional por meio da alfabetização de crianças e adultos na década de 30, houve inserções, na sede missionária, na sede do Posto Indígena e no interior da Reserva. Segundo Gonçalves (2015), no relato do jornal *O Puritano* (10/01/1933), no começo as aulas foram ministradas pelo professor Esthon Marques e pela professora Guilhermina Alves da Silva. Posterior a 1933 e, com a saída de Esthon Marques, o médico Nelson de Araújo assumiu também o papel de professor.

Entre 1937/1939, chegaram às missionárias e professoras Áurea Batista, logo em seguida Lóide Bonfim, 1938, e Elda Rizzo Emerique, 1939. Depois disso, em 1938/1939 foram construídos o templo-escola e o orfanato chamado de “Nhanderoğa”, espaço reconhecido pela comunidade até hoje, já que naquela época, abrigava crianças indígenas órfãs, conforme relata Gonçalves:

Em 2014, completaram-se 85 anos da chegada dos primeiros missionários protestantes em Dourados. Devido à longa história que os indígenas de Dourados mantêm com a Missão, frequentando a escola, os cultos, usando o hospital, o Instituto Bíblico, de certa maneira já não há um estranhamento da parte da comunidade indígena frente ao trabalho da Missão. Além disso, ao longo dos anos, a Missão teve um papel importante na formação de lideranças indígenas, político/religiosas, egressas das escolas missionárias, engajadas na promoção dos referenciais culturais étnicos, na luta pelo reconhecimento e demarcação dos territórios anteriormente ocupados, entre outras batalhas. A Missão, nesse sentido, serviu como um instrumento que preparou/auxiliou os indígenas para o contato/convívio com o universo do “branco”. Esse parece ser um importante resultado (indireto) do projeto missionário (GONÇALVES, 2015, p. 30).

No mês de março de 2017, o pastor Ezau me procurou para ajudá-lo a escrever um texto, com o intuito de apresentá-lo no II Congresso de Evangelização de Índios (CEIN), na Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro. Nesse contexto da pesquisa, já estava inserida em inúmeras atividades da 1ª Congregação, não somente como pesquisadora, mas também como colaboradora do grupo.

Algumas vezes sou solicitada a ajudar e, como penso que não existe neutralidade científica em campo, mas sim que o processo de pesquisa é subjetivo e intersubjetivo no que

diz respeito às relações interpessoais que estabelecemos em campo em diferentes momentos; interfiro quando a comunidade me faz o convite e se sente à vontade com o que eu possa contribuir. Creio que é necessário esclarecer isso, para que o leitor entenda que essas pequenas colaborações são feitas a partir de um interesse dos próprios sujeitos da pesquisa e, que esses dados são também parte da reflexão que faço durante a dissertação.

Foi assim que a partir de alguns encontros e na troca de conversas com o Ezau, as coisas ficaram mais claras para mim sobre a Missão Caiuá.

Por volta de 1928 no Brasil chegaram alguns missionários que vieram da Carolina do Sul, nos EUA. Esses missionários foram Albert Sidney Maxwell junto de sua esposa Mabel Davis Maxwell. Albert Maxwell não pensou anteriormente sobre estabelecer uma missão em Dourados, mas com sua passagem pela região e o contato com a etnia Guarani e Kaiowá surgiu a vontade de compor uma equipe de missionários de várias igrejas.

A equipe era composta pelo médico Nelson de Araújo, da Igreja Metodista; também o agrônomo João José da Silva, da Igreja Presbiteriana do Brasil e o professor Eston Marques, da Igreja Presbiteriana Independente.

O intuito dessa era construir uma missão integral, pensada no início pelo Rev. Maxwell, denominada de Associação de Catequese aos Índios, tempos depois e conhecida até hoje como Missão Caiuá.

Como já mencionado anteriormente, a Missão Caiuá também prestou durante sua história, vários tipos de assistencialismos para as comunidades indígenas de dentro da Reserva de Dourados. Uma delas foi o viés educacional do orfanato conhecido como “Nhanderoğa” ou “Nossa Casa”, que teve incumbência de dar assistência para as crianças que vinham do interior da Aldeia que sofriam com a malária, doença comum na região.

Esse orfanato fornecia também o aparato de cuidar das crianças, cuja família precisava trabalhar. Nesse espaço, as crianças estudavam e ganhavam o aparato de necessidades básicas.

Outra função que a Missão Caiuá desempenhou foi a de assistência à saúde, no começo provisoriamente foi construído em um barracão uma enfermaria e tempos depois à criação do Hospital e Maternidade Indígena Porta da Esperança. É de extrema importância enfatizar que o Rev. Maxwell esteve à frente desse projeto por 14 anos, e em 1943 volta para a sua cidade de origem, falecendo no ano de 1947.

Dando andamento ao trabalho do Rev. Maxwell, D. Loide Bonfim em 1938, foi também colaboradora da “Nhanderoğa”, junto de sua vida missionária casou-se com Rev. Orlando Andrade, dando continuidade ao trabalho feito anteriormente, assumindo a Missão Caiuá. Aproximadamente 43 anos dedicados a vários setores da própria Missão e também fora

dela. Encontrou muitas dificuldades, pois aconteciam muitos casos de febre amarela e tuberculose entre os índios Xavante, Bororó, Kaiowá e Guarani, que vinham de outros lugares em busca do tratamento para essas doenças.

D. Loide além de atuar como enfermeira, depois de aposentada realizou serviços diplomáticos, representou a política indigenista no Brasil e em outros países.

Lutou por recursos e apoios de outras igrejas, e com isso conseguiu uma ala especializada para tuberculosos dentro do hospital da Missão Caiuá. Além disso, D. Loide construiu um Instituto Bíblico direcionado as comunidades indígenas, para as etnias de dentro da aldeia, como também das aldeias de fora.

Em 1977 chega à Missão Caiuá Jeane Villon, momento em que o trabalho das igrejas Presbiterianas do Rio de Janeiro enviou recursos para os povos indígenas da Missão Caiuá de Dourados. Hoje, anualmente chegam doações da parte dessas igrejas, doações de roupas, móveis, alimentos e, atualmente o Rev. Benjamin Bernardes juntamente com sua esposa continuam esse trabalho, segundo o Noticiário da Missão Evangélica Caiuá.



Figura 1. Primeiro culto realizado pelo Sr. Guilherme em Dourados, conhecido como “Culto de pé” (1961)

Fonte: Foto cedida por Ezau Mamede

O Rev. Orlando e D.Loide ficaram muito contentes com nossa chegada. Perguntaram se estávamos decididos a ficar morando por aqui. Eu disse que sim. O Rev. Orlando me colocou como líder daquele grupo e disse que a Missão nos daria apoio (JULHO, 2003, p. 03).

Durante umas das conversas que tive com Ezau Mamede (março de 2017) o mesmo relatou a diferença entre pastor e missionário. Ele relatou que o cargo de pastor é resultado da

formação na graduação de Teologia, um estudo mais aprofundado, mais ou menos quatro anos, já o missionário tem a formação basicamente em dois anos.

Ezau está fazendo o curso para se tornar missionário, contudo ele ressalta que a comunidade lhe chama de pastor, por isso, popularmente ele é reconhecido como pastor, mesmo segundo ele, não tendo ainda a formação para tal cargo.

“Sou grato, pois estarei formando como missionário final deste ano de 2017, juntamente com outros irmãos, ao todo são sete pessoas realizando a formação. Essa formação é resultado do trabalho das igrejas presbiterianas do RJ, que dão início no ano de 1982, através da saudosa Jeane Villon. Com uma visão de terceira onda⁵: Índios evangelizando os índios. Até hoje, o único instituto de formação missionária que não cobra pela formação dos alunos. Já foram várias as etnias que se formaram e que estão hoje no campo missionário: Xavante, Bororo, Kaiowá, Guarani e Terena” (Ezau Mamede, 46 anos).

1.3. Um relato sobre cultos, celebrações e louvores na 1ª Congregação

A minha inserção dentro da comunidade teve a contribuição de Sr. Guilherme Felipe Valério⁶ que é fundador da igreja conhecida como 1ª Congregação e seu neto, Ronildo Jorge, integrante do grupo de jovens indígenas, também professor de História de uma das escolas da aldeia Jaguapirú. Por meio deles fui apresentada à comunidade de jovens da 1ª Congregação, aos cultos e outras atividades, bem como seu histórico na Reserva, que se atrela às próprias memórias de Sr. Guilherme.

Meus grandes interlocutores também foram o pastor Ezau Mamede (Terena) e sua esposa Franciele Mamede, que hoje se fazem muito presentes dentro da igreja 1ª Congregação, na função de organização das celebrações da comunidade. O pastor Ezau atualmente cursa o Instituto Bíblico da Missão Caiuá, mesmo ainda não tendo o curso de formação de pastor concluído, muitos adeptos já o chamam de pastor, pois em diversos momentos toma a frente da pregação⁷, e sua esposa Franciele cursa Pedagogia e ajuda na elaboração das atividades dentro do espaço, bem como na recepção dos adeptos.

⁵ Segundo o pastor Ezau Mamede o Presbiterianismo foi composto por três ondas: a primeira com a vinda dos missionários par o Brasil; a segunda, missionários evangelizando indígenas e a terceira indígenas evangelizando indígenas.

⁶ Sr. Guilherme Felipe Valério, Terena, fundador e representante principal da 1ª Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil, conhecida hoje como 1ª Congregação. Chegou a Dourados/MS em 1961, nasceu em 1927, veio da aldeia Bananal P. I. Taunay/Ipegue, Aquidauana em Mato Grosso do Sul.

⁷ Momento do discurso do pastor, com a leitura de um texto bíblico. O texto se baseia em um tema que tenha relevância na vida cristã.

Outra pessoa que está à frente da organização da 1ª Congregação é o considerado cacique e pastor Édio Felipe Valério (Terena), filho de Sr. Guilherme, tio de Ronildo Jorge, que desempenha funções de assessoria na 1ª Congregação. Dependendo da disponibilidade e da demanda da própria igreja para determinada ocasião, estão presentes: Édio Felipe Valério, Ezau Mamede e Hélio Nimbu, o qual pertence a etnia Guarani e teve formação no Instituto Bíblico da Missão Caiuá.

Entre os jovens, um dos interlocutores é Renan Mamede; a presença do mesmo no altar é muito impactante e forte⁸; um jovem Terena que se faz presente de forma significativa para essa comunidade. Segundo Ronildo⁹: “Renan, é um líder nato”, comentário que foi feito durante o culto, sobre sua importância na organização do Culto Jovem, nos acampamentos e como representante entre os jovens Terena e demais etnias da 1ª Congregação.

Sr. Guilherme relatou que na aldeia Jaguapirú existem muitos jovens, mas que muitos estão no processo de ir para a cidade, já que a aldeia Jaguapirú localiza-se aproximadamente 5 km do centro da cidade de Dourados. Ele ainda relatou a importância dos pais desses jovens pensarem no tempo presente e no futuro. Percebi então a sua preocupação com os jovens indígenas das três etnias presentes na Aldeia, já que é um grupo que sai da aldeia para estudar, e que algumas vezes perdem o interesse em continuar morando ali.

Podemos entender que, a partir da fala do Sr. Guilherme, os jovens da igreja 1ª Congregação são vistos como parte essencial no grupo. Os jovens indígenas têm a incumbência de realizar diversos tipos de atividades dentro e fora da igreja. Então, o desafio implicado em abranger a demanda dos jovens e dos anciãos, fomenta transformações como a própria introdução da categoria juventude, por exemplo, relativamente nova entre as etnias indígenas. É um conceito que se fundou na cultura ocidental e, quando Sr. Guilherme era mais novo, não havia essa categoria.

Hoje, com idade de 90 anos, Sr. Guilherme ressalta o papel desses jovens indígenas dentro da aldeia, “os jovens estão tendo um trabalho ou estudo importante na cidade” disse ele, se referindo aos jovens da aldeia ingressando no ensino superior e a perspectiva de melhores trabalhos.

Percebemos um movimento dentro da igreja de valorização dos conhecimentos tradicionais, tanto por parte dos anciãos como também dos jovens. É importante ressaltar, que

⁸ Pude observar que durante os cultos que Renan toma a frente do louvor, o mesmo assume um protagonismo significativo. Isso se torna visível, no momento do louvor, onde os adeptos e visitantes demonstram uma emoção forte, quando ao som do louvor choram e se abraçam emocionados.

⁹SILVA, Lilian Luana da. Os jovens Terena da 1ª Congregação presente na Terra Indígena de Dourados. Entrevista concedida no dia 15/06/2015, Dourados/MS.

isso não significa que o olhar que as duas gerações têm sobre a tradição seja a mesma, mas sim, que um dos aspectos que podemos observar entre jovens e os mais velhos é que, há um consenso sobre o papel dos anciãos e adultos na composição da igreja 1ª Congregação.

Os dois grupos se mostram orgulhosos perante a história de constituição da igreja, e a partir da narrativa dos próprios jovens em homenagem a geração que criou o grupo de jovens denominado Desperta Geração um, conhecido por DG1, foi pensado o nome para o grupo da banda da igreja, denominada de Desperta Geração dois, conhecida com DG2. São jovens, alguns filhos dos participantes da primeira geração, que hoje ocupam o lugar da banda e louvor.

A Geração 1 é composta por Ezau Mamede, que ocupa um papel de liderança dentro da igreja. Outro participante da primeira geração de jovens é Gérson Felipe Valério, filho do Sr. Guilherme, entre outros que hoje não são frequentadores do espaço.

Entre os adeptos da igreja 1ª Congregação, há um movimento forte de valorização dessa formação de religiosidade presbiteriana indígena. A tradição para esses jovens está implicada na constituição da igreja. Entendemos a tradição como um movimento que está constantemente em mudança, em transformação, em criações e ressignificações. Percebido isso, devemos nos atentar a essas transformações como formas de ressignificação elaboradas nesse contexto específico.

Por isso, pensar o papel dos jovens nesse espaço é perceber que a categoria juventude foi apropriada e significada dentro da igreja. Ao que parece, os jovens possuem um papel importante e suas demandas são levadas em conta dentro do próprio grupo. Tanto que, apesar da grande presença de lideranças, adeptos Terena, e da própria formação da igreja que foi originada a partir de uma família Terena, os jovens dentro desse espaço se afirmam como jovens indígenas.

Em momentos de festa e comemoração na 1ª Congregação, os jovens reafirmam sua identidade étnica, entre as meninas usam colares, brincos de pena, pinturas no rosto e do corpo, e entre os meninos é usado o cocar, pintura corporal e colares grandes. Além do mais, é um dia diferenciado, não são todos os cultos que os jovens usam pintura, só em cultos especiais de comemoração.

O parentesco dentro da igreja 1ª Congregação é construído relacionalmente com os sujeitos que ali frequentam, como os adeptos são das etnias Terena, Guarani, Kaiowá bem como não indígenas, os casamentos ocorrem entre homens e mulheres independentemente de seu pertencimento étnico. As relações entre essas etnias têm um ponto em comum, o de se sentir pertencente a 1ª Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil, a 1ª Congregação, que

proporciona um cenário relacional entre os adeptos. Podemos refletir essas transformações no parentesco a partir das palavras de Geraldo Andrello:

Frase como “antes Desana não casava com Tariano, agora já acontece”, ou “a família Rodrigues cedeu um lugar para os Alcântara porque tanto um como outro se casavam com mulheres pira-tapuia” surgem nessas descrições mostrando que na nova situação regras de parentesco vêm sendo manejadas em diferentes sentidos. Atenuadas ou reafirmadas para novos fins, antigas relações vão ganhando novas cores e são alguns dos índices visíveis, identificados pelos próprios índios, de um mundo em transformação (ANDRELLO, 2006, p. 19).

No dia 25/01/2017 foi realizado o Seminário de Louvor e Oração, no qual tive a oportunidade de ter uma conversa informal com a jovem indígena Amireli que é da etnia Guarani. Nesta ocasião, ela pôde me contar um pouco sobre a sua história e as impressões da igreja que frequenta. Amireli cita que a partir da descendência de seus avós, Guarani, Kaiowá e Terena que é conhecido como Guateka, fez a escolha pela identidade Guarani por se sentir mais parecida com a etnia, por conta de seus traços e formato do rosto. Falou sobre os cultos, que o forte da igreja 1ª Congregação é o Ministério de Louvor, a jovem indígena enfatiza que: “Os presbiterianos são louvor e palavra”. A vinda da igreja Nova Aliança também foi mencionada, Amireli disse que a vinda deles é uma troca de experiência e, que os jovens da igreja visitante aprendem muito com a maturidade espiritual dos jovens da 1ª Congregação. Segundo a mesma, os jovens da 1ª Congregação vivem e são maduros na espiritualidade. E isso é uma experiência que enriquece outras igrejas que são visitantes.

Neste mesmo dia, foi realizada uma dinâmica diferenciada dentro da 1ª Congregação, uma roda de conversa entre as equipes de louvor, com o foco nas trocas de experiências entre as igrejas presentes, Igreja do Evangelho Quadrangular de Dourados, 1ª Congregação e a igreja Nova Aliança de Londrina-PR¹⁰. Fizeram então uma roda, com bancos e entre eles estavam às equipes de louvor de cada igreja presente. Os jovens estavam alegres e descontraídos, foram feitos blocos de perguntas. Renan novamente toma frente do grupo de jovens, e faz as perguntas aos participantes.

¹⁰Tudo começou em 1963, quando os pastores Samuel e Lygia de Souza mudaram de São Paulo para Londrina com o objetivo de iniciar uma Igreja. Nos primeiros anos, as reuniões aconteciam em praças públicas, campos de futebol, auditórios de teatro e até em tendas de lona, pregavam inclusive através de um programa de rádio. A construção do primeiro templo foi na década de 70. Com o passar dos anos, nos tornamos uma igreja conhecida pelo louvor contagiante e forte ênfase na formação do caráter pessoal. Em 1993, os pastores Davi e Monica de Sousa mudaram de Curitiba para Londrina, iniciou-se então uma transição, concluída em 1998 com a reestruturação de diversas áreas e ministérios. A aquisição de um novo e amplo local para a construção do templo atual e a implantação da visão de Células geraram um rápido crescimento e a abertura de novas igrejas em outras cidades do Brasil. Disponível em: <<http://www.inabrasil.org/o-inicio/>> Acesso em: 14 jul. 2017.

A primeira pergunta foi: Como é que eu descobri o chamado do louvor?

Gabriela (Nova Aliança): Expôs que cantava no coral desde os oito anos e, com o tempo percebeu que cantar a aproximava de Deus.

Bruno (1ª Congregação): Sempre gostou de violão, e quando a igreja ficou sem baixista, surgiu à oportunidade de aprender o instrumento. E até hoje participa da equipe de louvor.

Natália (1ª Congregação): Sempre gostou de cantar.

Jadson (1ª Congregação): Na família tem muitos músicos, e com 10 anos teve a oportunidade de aprender a tocar, fez um curso por alguns meses e está até hoje tocando na banda da igreja.

Jusieli (Igreja do Evangelho Quadrangular de Dourados): Desde os cinco anos, faz parte da equipe de louvor e, seu irmão a ensinou, mas com doze anos entrou no louvor.

Já a segunda pergunta feita por Renan foi: Como é feita a organização do ministério de louvor e a vida social?

Jusielli (Igreja do Evangelho Quadrangular de Dourados): Relatou que uma semana antes de cantar na igreja que frequenta, faz jejum, medita e ora, tudo isso como forma de preparação.

Alissom (Nova Aliança): Disse que o louvor é um estilo de vida, é algo diário, para compartilhar e adorar.

Lenilza (1ª Congregação): Ressalta que o ensaio do louvor é realizado uma vez por semana, e de vez em quando os jovens levam puxões de orelha, para priorizar Deus em suas vidas.

Carini (1ª Congregação): Está no ministério há quatro anos, e faz isso todos os dias com muito amor.

Miguel (Nova Aliança): Disse que toca na igreja há seis anos, e é muito corrido o dia a dia, mesmo assim deixa os estudos pelo louvor.

Na terceira pergunta foi mencionado para que todos os jovens que participam do ministério de louvor, independente da igreja, falassem uma palavra que definisse as dificuldades que os jovens mais enfrentam:

Na igreja 1ª Congregação foi falada as seguintes palavras: preguiça, distância, tempo, vergonha, e em uma das falas Bruno disse que sentia dificuldade em entender o que Deus quer dele. Já na igreja Nova Aliança, as palavras preguiça, falta de foco, vergonha e tempo foram citadas. Já na igreja Quadrangular, a igreja com menos jovens presentes, citou a vergonha e a falta de tempo como maiores desafios para eles.

Ao final, foi proposta pela pastora da igreja visitante Nova Aliança, que todos os jovens orassem para vencerem todos os problemas, enfatizando que a única forma para vencer esses obstáculos é a oração.

Os adeptos da igreja 1ª Congregação são ativos nos cultos e atividades que a igreja desempenha, e especificamente o grupo de jovens que participa do ministério de louvor, tem a responsabilidade de organizar os cantos e o aparato da banda, e isso é prioritário na vida de cada jovem, como em uma fala de Renan Mamede durante o culto, disse que tem experiência de organização de louvor há anos, e que nesse tempo ele teve que priorizar as obras do senhor (louvor) e que houve momentos que deu prioridade a outras atividades, como a faculdade e que foi retido no segundo ano.

Nesse momento sua vida piorou por conta do desleixo com a igreja. Decidiu então voltar à equipe de louvor e nisso, suas notas melhoraram. Hoje, as obras do senhor (Deus) são sua maior preocupação e dedicação.

Podemos perceber a partir da fala de Renan, das observações e no discurso de outros adeptos, que a prioridade na vida dessa comunidade é a própria igreja. Nesse espaço, se tem a preocupação de desempenhar o maior tempo possível e dedicação para estar presente nas atividades propostas da igreja.

Mesmo assim não se deve perder de vista que, a escolha por enfatizar os Terena deu-se pelo fato de que os mesmos foram os protagonistas na criação da 1ª Congregação na aldeia Jaguapirú. Pode-se observar isso ao ver as principais lideranças que tomam frente nas atividades da igreja, que são na maioria Terena, tanto jovens, como adultos e anciãos. Isso nos leva a dizer que as socialidades na 1ª Congregação se transformaram com o passar dos anos, agregando também os Kaiowá, Guarani e alguns não indígenas, como observado em campo. Entretanto as principais lideranças dentro desse espaço continuam sendo os Terena.

Os Terena tem uma forma própria de organização de identidade, assim pensa Pereira (2009) que, em sua pesquisa sobre a Terra Indígena Buriti, ressalta a formação social específica do grupo, permitindo que os indivíduos da etnia se envolvam de forma institucional e social junto a sociedade nacional.

A participação dos jovens na 1ª Congregação contribui na formação de lideranças Terena; tanto que as principais lideranças dentro da 1ª Congregação são Terena e entre o grupo de jovens, Renan Mamede, que é desta etnia, é considerado uma liderança importante no grupo de jovens e em toda a igreja.

Alguns jovens se conhecem desde crianças, outros ingressaram na comunidade algum tempo depois. Alguns jovens estudam em faculdades na cidade de Dourados, como é o caso

do Renan Mamede que cursa o 3º ano de Medicina Veterinária, escolas da aldeia Jaguapirú, como também frequentam o ensino escolar da cidade.

Outro dado interessante é a divulgação desse culto direcionado aos jovens na internet; os jovens tem usado o Facebook para difundir o culto, promovendo assim a integração entre o maior número de jovens. Também são usados outros meios de comunicação entre o grupo de jovens da 1ª Congregação, como WhatsApp que é um aplicativo do celular onde trocam ideias, organizam os cultos e conversam. A faixa etária do grupo de jovens indígenas da 1ª Congregação está na média de 12 anos à 26/27 anos. Casados não participam do grupo.

Existe uma enorme representatividade do jovem Renan Mamede, que conduz o louvor de forma significativa, a presença de Renan no altar foi muito impactante e forte; Segundo Ronido¹¹: “Renan, é um líder nato!”, foi o comentário feito durante o culto, sobre sua importância na organização do Culto Jovem, nos acampamentos e como representante entre os jovens Terena e demais etnias da 1ª Congregação. As jovens indígenas participam das danças, do louvor e do teatro, apenas na banda não há meninas.

Há uma classificação dos cultos, sendo essa escolhida a partir da temática do culto, como por exemplo: Culto de Casamento; Culto de Aniversário; Culto dos Jovens; Show de Bandas; Seminário de Jovens e Adolescentes.

Pude acompanhar a realização de um casamento na 1ª Congregação, como em um casamento típico cristão, um noivo e uma noiva com um grande número de padrinhos no casamento, mas o que ficou mais evidente é a figura do Sr. Guilherme que continua sendo referência de tradição na igreja, o próprio Sr. Guilherme levou a noiva ao altar.

Com uma pregação baseada na mudança, segundo o reverendo Benjamin, que constantemente realiza casamento nas igrejas presbiterianas de Dourados, afirma que os noivos deixavam de ser jovens e a partir de uma escolha, ingressava-se na fase adulta, momento em que constituem uma família, e essa traz responsabilidades diferentes. Essa fala nos mostra que o casamento é um rito de passagem da juventude para a fase adulta, por isso ser jovem não está implicado na idade e sim nas escolhas de vida.

Nesse dia, Renan teve sua primeira experiência no cerimonial de um casamento, e por conta disso estava apreensivo com essa responsabilidade. A pessoa que se encarrega do cerimonial tem a função de organizar todo o casamento.

O culto de aniversário é reservado a agradecer pela vida do aniversariante, no final do culto há uma festinha com comidas e bebidas. Normalmente essa festa é feita ao lado da

¹¹ Entrevista concedida no dia 15/06/2015, Dourados/MS.

igreja, no sobrado de madeira que antes foi à segunda igreja. A construção dessa segunda igreja, que é a primeira estrutura desse espaço, está demonstrada na figura 2 abaixo (foto disponibilizada pelo grupo, culto realizado no ano de 1961).

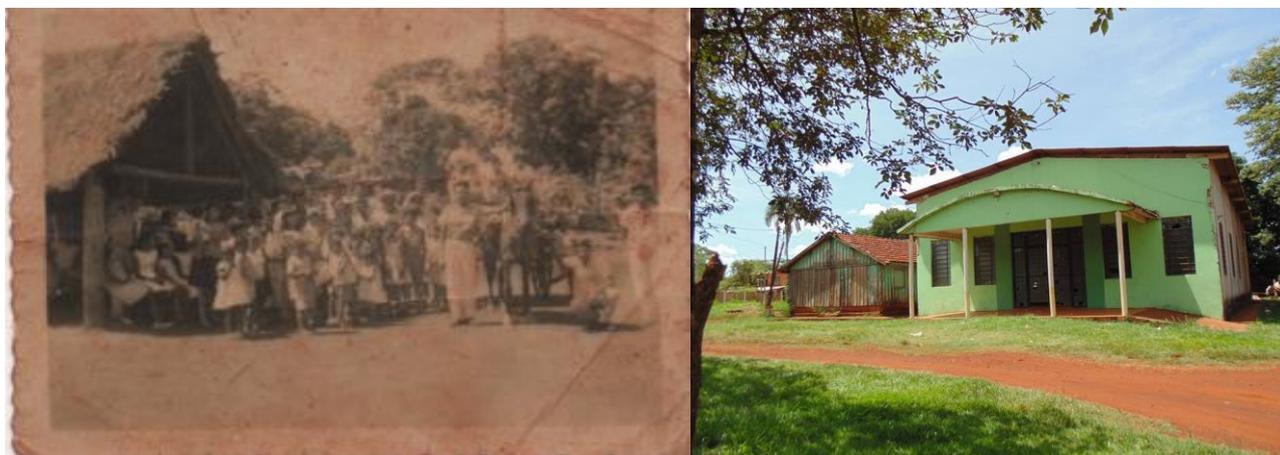


Figura 2.Primeira sede da 1ª Congregação **Figura 3.** Sede atual (2017)

Fonte: Foto cedida por Ezau Mamede (1961)

Fonte: Foto cedida por Ezau Mamede (1961)

Neste dia em especial, o aniversário era de uma criança com cerca de cinco anos. Durante o culto, em vários momentos os participantes tinham autonomia para subir no púlpito, agradeciam e louvavam em nome do aniversariante.

Nesse culto a participação dos jovens também é efetiva, participando na parte de constituição do culto e também, na organização da festa. Os adultos cuidam das comidas tais como pucheiro¹², arroz, salada e os jovens indígenas ajudam na decoração e no louvor da festa e do culto.

Já no Culto dos Jovens, que tive a oportunidade de assistir, chamado de Show de Bandas, junto da realização do 11º Encontro das Igrejas, houve a participação de diversas igrejas, algumas de fora da cidade. Pude observar que cada igreja tinha um referencial de música diferente, um ritmo de banda e louvor próprios como o Axé, Rock, Metal, Gaúcha, Gospel. A 1ª Congregação se destacou na abertura do culto, com músicas com o ritmo Gospel, Renan Mamede a frente dos jovens do louvor, com um grupo de jovens logo atrás acompanhando a música. Nesse culto, foram vendidos alguns alimentos, refrigerante, bolo, torta, e o que é arrecadado fica em um fundo para o grupo de jovens indígenas. Algumas mães desses jovens contribuem com esses alimentos que são vendidos.

¹²Prato feito à base de carnes com osso e mandioca, tradicional da culinária pantaneira e fronteira.

Neste culto, onde o tema foi: Qual a sua escolha? Matheus 7:13 a 14, onde segundo a bíblia há dois caminhos: inferno e Deus, dito isso, deve-se escolher um desses caminhos para seguir, e a pregação caminha para a escolha do caminho mais difícil, porém mais seguro, que é o caminho de Deus; o Pastor Hélio Nimbu fez sua fala em cima desse tema.

Em vários momentos, os pastores Ezau Mamede (tio de Renan) e o Édio Valério (tio de Ronildo Jorge) ambos Terena, intercalam com falas e louvores durante a celebração. Édio ficou encarregado da pregação e as reflexões a partir da bíblia e o Ezau responsável pelos avisos e recados ao final das atividades daquele dia.

Atualmente o Culto de Jovens é determinado por um calendário, pensado logo no início do ano; esse calendário tem a participação e organização do Presidente dos Jovens Indígenas, que se chama Enio. Esse presidente é eleito por votação direta e o mandato dura em torno de um ano. Terminado esse mandato, elege-se outro presidente.

Em um dos encontros que pude acompanhar no sábado a noite, Édio Valério (Terena e um dos líderes entre os adultos) tomou a frente do culto. No momento do louvor, Renan Mamede fez uma fala no sentido de abordar uma questão que foi falada na reunião passada da igreja; segundo Renan, muitos relataram a falta das pessoas “sentirem o Espírito Santo”. Sentir o Espírito Santo, é como os adeptos demonstram o amor que tem por Deus por meio do louvor, pode ser através das mãos erguidas, do canto, da emoção, das lágrimas, enfim, tudo que possa demonstrar o Espírito Santo agindo em cada uma das pessoas presentes.

Em uma das minhas idas a campo, marquei uma entrevista com Renan Mamede em sua casa, seria uma conversa regada a um tereré¹³. Contudo, no campo muitas coisas ocorrem ao acaso; cheguei a casa dele e sua irmã me informou que ele estava na igreja ajudando na obra da cozinha. Assim, fui para a igreja que é perto da casa de Renan.

Chegando lá, vi homens trabalhando com cimento e erguendo uma estrutura que parecia uma escada. Renan veio me receber com um tereré. Havia muitos jovens presentes, alguns meninos ajudando na obra e as meninas acompanhando e servindo o tereré. A Franciele, esposa do Esau, logo foi contando a novidade muito contente, disse que ano passado uma pastora da Igreja Nova Aliança ofereceu a oportunidade de um projeto para a construção de uma cozinha na 1ª Congregação, e que o referido projeto foi aprovado então, a Igreja Nova Aliança de Londrina PR, estava ali ajudando na construção da nova cozinha. Os jovens da Nova Aliança também vieram nessa Missão como foi falado, hospedados em uma escola municipal da cidade de Dourados, vieram trocar experiências com os jovens daqui.

¹³ Bebida típicasul-mato-grossense feita com a infusão da erva em água gelada.

Passei a tarde toda lá, e os jovens faziam brincadeiras com a obra, mas muito contentes pela conquista de uma nova cozinha para a igreja.

Com a visita da Igreja Nova Aliança (Pentecostal), foi realizado um culto de apresentação a comunidade, e o louvor da 1ª Congregação foi liderado por Renan, como forma de dar boas vindas à igreja visitante. Durante o culto a Igreja Nova Aliança entrevistou com atividade de dança e teatro, todas lideradas pelos próprios jovens da igreja de fora.

Além dessas intervenções dos jovens, o pastor Trajano da Nova Aliança fez a parte da pregação, trazendo o texto da Bíblia Romanos capítulo 13, versículo 8. O pastor chamou a atenção sobre o amor de Deus, que faz as pessoas estarem presentes na construção da cozinha. As palavras então não são suficientes, mas sim os atos, as práticas, essas alcançam as pessoas muito mais que as palavras. Segundo Trajano, “amar sem ação, não é amar, pois o amor é a ação”.

Ao final do culto, o pastor Trajano chamou Sr. Guilherme para uma homenagem, já que segundo ele: “Foi o amor que fez o Sr. Guilherme largar sua aldeia e vir para Dourados formar a igreja 1ª Congregação” e que com a ajuda, de Édio Valério e do Ezau Mamede, que a constituição da igreja foi permitida. Com um louvor em tom de homenagem foi feita para os três representantes da 1ª Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil, os três são Terena. Ao final, o Pastor Trajano chamou a atenção para uma possível construção de uma padaria nova, na cozinha da igreja.

No seminário de louvor e oração do dia 25/01/17, tive uma conversa informal com o pastor Ezau Mamede, e ele me relatou que conheceu a Igreja Nova Aliança em um encontro de igrejas, que não lembrava muito bem onde tinha sido exatamente. Foi a partir desse encontro, que foi pensada a Missão Atos de Compaixão, o objetivo é fazer uma missão que trouxesse benefícios a uma parte das comunidades das aldeias Jaguapirú e Bororó.

Normalmente essa missão é feita em lugares diferentes, mas dessa vez os dois pastores da igreja Nova Aliança, pastor Wagner e Pastor Trajano se juntaram para vir a Dourados. Com a ida a campo, pude perceber que essa Missão é carregada de significados e trocas. Durante a construção da cozinha/padaria da 1ª Congregação, foi realizada uma reportagem¹⁴ através da TV Morena, do Mato Grosso do Sul, com o título de: *Voluntários do Paraná constroem cozinha industrial em aldeia de Dourados*. Nesta reportagem, foi mostrada a representação do ótimo trabalho que a Missão desenvolvia com a comunidade da aldeia.

¹⁴Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/bom-dia-ms/videos/v/voluntarios-do-parana-constroem-cozinha-industrial-em-aldeia-de-dourados/5587413/>>. Acesso em: 28 dez. 2017. Também é possível visualizar na página do Facebook, no link: <<https://www.facebook.com/INABrasil/>>.

Contudo, sabe-se que a Terra Indígena de Dourados, tem aproximadamente 15 mil pessoas, então a propaganda da construção da cozinha só abarca os habitantes presentes e os que são atendidos na própria igreja. O que não chega nem perto de resolver a fome e a pobreza da comunidade inteira, como apresentado no Facebook da igreja Nova Aliança e na reportagem da TV Morena, filial da Rede Globo em Mato Grosso do Sul.

Foi demonstrado também, um grande reconhecimento pelo meio de comunicação em exaltar a iniciativa da igreja de fora. É possível observar, tanto no vídeo como também nas falas informais de diversas pessoas que frequentam a 1ª Congregação e também a Nova Aliança, que a missão tem o intuito de evangelizar e realizar ações sociais, e essas ações são retribuídas de diversas formas, como, por exemplo, a reportagem, que serviu como propaganda da instituição religiosa Nova Aliança, bem como forma de alcançar mais adeptos. Outra forma de agradecimento foi o culto realizado no dia 26/01/2017, chamado Culto Especial, Alegria e Gratidão. O intuito deste culto consiste em agradecer as obras realizadas pela missão. Neste culto a 1ª Congregação acolheu outras igrejas como a Quadrangular de Dourados, Comunidade Vinhedo também de Dourados e a Nova Aliança de Londrina no Paraná.

Houve um preparo para a estrutura deste culto em específico, contrataram luzes, caixas de som, microfones, notebooks e retroprojetor para o louvor com as letras das músicas. No púlpito também havia a representação das etnias a partir de cocares e vasilhas de barro.

A igreja estava lotada, não havia lugar para sentar, representantes das igrejas e comunidade ao redor se fez presente neste culto. Como já mencionado, os jovens em momentos de festa usam caracterização indígena, cocar, pintura, colar, pulseira. Por isso, essa caracterização, pode ser entendida como uma situação, onde exalta-se certas características pertinentes.

Essa caracterização que descrevo acima está bem abordada por Cunha (2009), onde trata a etnicidade como uma forma de linguagem, no sentido de permitir uma comunicação com outros grupos. Nesse sentido, é visível sua contribuição sobre os traços diacríticos. São traços que o grupo escolhe para diferenciar-se de outros grupos.

Vimos que a questão de saber quais os traços diacríticos que serão realçados para marcar distinções depende das categorias comparáveis disponíveis na sociedade mais ampla, com as quais poderão se contrapor e organizar em sistema. Poderão ser a religião, poderão ser roupas características, línguas ou dialetos, ou muitas outras coisas (CUNHA, 2009, p. 240).

Foram chamadas duas crianças com a bandeira do Brasil, o que na fala do Pastor Ezau representa os problemas que o Brasil passa hoje. O pastor pediu que todos orassem pelo país e

pela política que apresenta problemas. Sr. Guilherme entrou segurando a Bíblia como representante ancião e líder da igreja.



Figura 4. Culto do dia 26 de janeiro de 2016
Fonte: Facebook da igreja 1ª Congregação

Durante o culto houve um momento de afirmação da identidade étnica, já que enquanto Renan cantava de forma muito expressiva o louvor, foram chamadas três crianças com placas, escrita Guarani, Kaiowá e Terena. Renan disse que as crianças representavam as três etnias que constituem a identidade e cultura das aldeias de Dourados.

Com o passar das idas a campo e com as falas dos interlocutores, pude perceber que os adeptos se sentem pertencentes à doutrina religiosa protestante/presbiteriana e que essa os une como indígenas e como adeptos.

Não afirmo aqui que os grupos deixaram sua identidade étnica de lado, mas que essa foi transformada e ressignificada e, nesse contexto, são frequentadores e adeptos da Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil. Eles não deixaram de ser Guarani, Kaiowá e Terena, mas esses modos de vida próprios de cada etnia fazem parte do pertencer a essa igreja cristã. Tanto que, quando pergunto a ordem do título da igreja, indígena/presbiteriana, os interlocutores adultos falam que antes de evangélicos, são indígenas e isso os une, mas que ser cristão está cotidianamente implicado em suas práticas de vida.

Como afirma o antropólogo Frederik Barth (1998) a identidade étnica é relacional e situacional. Isso quer dizer, que nos afirmamos em nossa identidade étnica dependendo do

contexto em que estamos e da necessidade. Os agentes envolvidos criam novas formas de socialização e com isso, ocorrem transformações nos símbolos, signos, representando o fator organizador de sentido da comunidade. Pode-se observar que nos cultos especiais, momento em que há uma grande presença de adeptos das igrejas de fora, é afirmado a identidade étnica de cada uma das etnias presentes no espaço.

Logo após, mais duas crianças entraram com uma cesta de copos, representando segundo a fala de Renan, a gratidão e amizade que foi constituída com a igreja visitante Nova Aliança. Os jovens, pastores e participantes da Missão ganharam os copos com o emblema da igreja. Logo após, os pastores das igrejas presentes, que também participaram da missão foram homenageados. Os pastores homens foram presenteados com um tipo de cocar. Foi feito um vídeo em homenagem, com fotos da construção da cozinha/padaria.

Neste dia em especial, as músicas da banda¹⁵ e louvor tiveram ritmos, metal/rock, intercalando com músicas gospel. Em uma das músicas, os jovens foram todos para frente do palco. Dançaram, pularam, e se divertiram com as músicas e interagiram entre os próprios jovens das igrejas.

O Pastor Trajano entregou ao Pastor Ezau a chave da cozinha/padaria da igreja, bem como um pão, representando os alimentos que serão produzidos no espaço.

Logo após a comemoração do culto, houve uma exposição sobre a história da 1ª Congregação, com banners e fotos da igreja. Nesse momento de atividade cultural, foi realizada a dança do Bate-Pau, dança tradicional dos homens Terena¹⁶. Todos que ali acompanharam o culto se direcionaram a esse espaço de campo aberto atrás da igreja, para acompanhar a dança. A frente da parte do musical, com os instrumentos tambor e flauta, estavam filhos do Sr. Guilherme, Gérson Felipe Valério e Josias Felipe Valério e o cacique¹⁷ e pastor Édio Felipe Valério. Enquanto eles tocavam, a dança do Bate-Pau era realizada, em uma batida de bambu forte, juntamente da música todos os homens, todos pintados e vestidos com trajes tradicionais Terena dançaram. Enquanto os homens dançavam, o público das igrejas de fora observava atento a dança.

As pessoas que estavam assistindo foram convidadas a dançar junto, mas no lugar do bambu, usavam as batidas das mãos. Nesse momento, houve a integração dos adeptos das várias igrejas presentes com os homens Terena. Vale recorrer o trabalho de Cunha (2009), para interpretarmos esse momento. Esse espaço fora da igreja, junto da caracterização

¹⁵ Banda constituída por: baixo, violão, guitarra, bateria e teclado.

¹⁶ Referência da participação dos Terena na Guerra do Paraguai.

¹⁷ Filho do ancião fundador da igreja 1ª Congregação, Édio Felipe Valério é considerado cacique, por conta do seu protagonismo no Núcleo de Cultura Terena, onde é realizado a Dança do Bate-Pau.

indígena, com danças e o cerimonial, fazem parte dos traços diacríticos criados, para ressaltar as diferenças entre os grupos presentes, como afirma Manuela (2009), os traços diacríticos que representam a etnia Terena.

É possível observar, que durante a dança do Bate-Pau, o grupo desenvolveu uma atividade que integrou os visitantes na dança tradicional Terena, além de firmar as alianças políticas entre os grupos.

Isso quer dizer, que ser Terena tem haver com um processo social que envolve palavras, formalidades e atos em suas condutas cotidianas. Essas condutas serão diferenciadas em cada situação ou posição social, isso tudo implica um cuidado com regras e padrões sociais aceitos na sociedade envolvente.

Nesse sentido, parece cabível pensar tais relações de redes a partir de determinados atores sociais e, acontecimentos que esses atores se envolvem, em suma, com quem eles fazem contatos. Deve-se ter clareza que essas redes estão em constante mudança, já que essas relações são entre sujeitos subjetivos e, seguir esses passos requer uma flexibilidade para interpretar as especificidades dessas relações.

Sabemos que, todos nós partimos de algum tipo de relação, trabalho, amigos, estudo, redes que perpassam várias esferas, às vezes muito distantes uma da outra, mas que se entrelaçam umas as outras. Essas redes se transformam e se reformulam todos os dias, conforme os interesses dos sujeitos envolvidos.

No intuito de entender as redes de relações que os jovens indígenas da 1ª Congregação e suas famílias se inserem, Boissevain (1987) mostra o aspecto das relações a partir das redes, a partir da formação de interesses e alianças. Nessa perspectiva, formam-se alianças de amizades “temporárias”, grande foco da autora nesse texto.

O uso desse conceito de rede parece necessário; os jovens indígenas da 1ª Congregação circulam em várias igrejas, protestantes, pentecostais e neopentecostais. Bem como as mesmas fazem redes de contatos com a 1ª Congregação. Como por exemplo, a Quadrangular que frequentemente está presente nos cultos especiais realizados na 1ª Congregação.

Nesse sentido Boissevain (1987), destaca como as relações interpessoais são constituídas e influenciadas, através do interesse direto dos sujeitos. Isso quer dizer, os sujeitos atingem metas e resolvem problemas a partir das alianças e coalizões construídas, as amizades se tornam instrumentos para atingir determinadas coisas. Por isso, algumas relações são transações de interesses, de ambos os sujeitos envolvidos. O autor aponta uma pergunta necessária a ser pensada, “o que é melhor para o meu grupo?”. Essa pergunta serve de norte

para interpretarmos como são construídas as relações de interesse, como barganha, fofocas, equívocos, manipulações e visitas entre os sujeitos envolvidos na rede.

Ademais, muitos informantes investiam uma quantidade enorme de tempo, energia e outras formas de capital social em alianças pessoais mutáveis – relações patrono-cliente, cliques e facções. Estas alianças eram temporárias e, muito embora algumas pudessem ser ou efetivamente tivessem se tornado permanente, não eram os grupos “corporados” perpétuos que eu fui treinado a acreditar ser a essência da estrutura social. Além do mais, estas coalizões pareciam desempenhar uma parte extraordinariamente importante, não somente nas atividades políticas, mas também no cotidiano das relações sociais (BOISSEIVAIN, 1987, p. 199)

Isso parece ocorrer no caso da 1ª Congregação e a relação construída com a igreja Nova Aliança, nessa relação ambas tiveram interesses próprios, a partir de um modo de agir próprio dos indivíduos. Esses interesses, como o da 1ª Congregação em receber uma assistência material na construção da cozinha/refeitório e, a vivência dos jovens de fora em conhecer as aldeias de Dourados, bem como, da igreja Nova Aliança em se promover e propagar as atividades realizadas pela missão, esses aspectos fazem parte de uma mesma rede de interesses, cada uma com suas especificidades, mas ligadas entre si.

O que Boisseivain (1987) aponta é que os valores morais e regras são sim referências para pensar o grupo em questão, contudo, não se pode esquecer que os indivíduos e grupos específicos têm interesses próprios, envolvendo a manipulação e a mudança de determinadas estruturas de comportamento. Isso se torna um panorama para pensarmos o uso de colares e pinturas quando há o Culto Especial na 1ª Congregação. Há um interesse eminente em mostrar a identidade étnica para os visitantes. Em dias comuns, dificilmente veremos as mesmas pinturas e colares sendo usados pelos adeptos, que pode interpretado a partir de Cunha (2009) como traços diacríticos.

Algumas atividades que eram proibidas em muitas igrejas evangélicas no passado, agora se tornam presente a um estilo neopentecostal dentro das igrejas protestantes, esse movimento de resignificação permeia o cenário pentecostal e protestante.

Costa (2013), afirma que existem estilos diferentes de música, nas igrejas evangélicas. “Louvor e adoração” faz parte do cerne das músicas que são costumeiramente tocadas nos cultos, já os estilos como pagode, gospel entre outros, são destinados a momentos específicos de lazer entre os adeptos.

Pode-se perceber que o ministério de louvor da 1ª Congregação escolhe músicas diferentes dos hinos e cânticos costumeiramente cantados nos cultos em geral, em situações pontuais e de algum tipo de comemoração. São momentos que os jovens indígenas têm a liberdade de escolha de músicas que os atraíam.

Na Igreja Batista de Minas Gerais, Costa (2013) aponta que o Culto Jovem é considerado muito importante para a comunidade, já que se constituem vários atrativos para outras igrejas visitantes e, principalmente para o público alvo, os jovens. A Igreja Batista de MG não é indígena, mesmo assim, reflete a situação que os jovens indígenas da 1ª Congregação vivenciam. A espiritualidade ligada a um pertencer a uma igreja cristã, junto dessa pertença, construindo mecanismos de interação entre os iguais, exemplo, o Culto Jovem, e especificamente o Ministério de Louvor e a Banda “Desperta Geração 2”.

Nesse sentido, a liturgia tem uma função desse espaço. A liturgia pode ser pensada por meio de palavras e gestos, que exercem um papel considerável na espiritualidade durante o culto. Dependendo da situação cria-se um ambiente integrador entre os adeptos, por exemplo, com a demonstração de carinho, emoção e alegria entre os participantes.

Exposto um pouco do meu campo, penso ser necessário esse momento dissertar sobre a doutrina presbiteriana e a inserção do presbiterianismo no Brasil para chegar à Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil, no caso a 1ª Congregação.

CAPÍTULO II. NOVAS CATEGORIAS SOCIAIS: JUVENTUDES INDÍGENAS

Nos dias atuais é um desafio pesquisar sobre jovens indígenas, em síntese, por que é um tema que está em ampliação, como área de pesquisa. Por isso, antes de tudo faz-se necessário falar um pouco sobre como os jovens, ou a categoria juventude, vêm sendo estudados na literatura antropológica de diferentes culturas desde a década 30/40 e balizar meus referenciais teóricos.

Nessa perspectiva sobre os jovens indígenas, temos o trabalho de Silvestre (2011), especificamente sobre os jovens professores Guarani e Kaiowá, no Mato Grosso do Sul. Para ela a categoria juventude entre os Guarani e Kaiowá é nova e, marcada por inúmeras definições que se entrecruzam com a cultura ocidental. Isso quer dizer, que os Guarani e Kaiowá vivem experiências de apropriação e de negação perante a lógica de mundo ocidental.

Apesar da falta de pesquisas sobre juventudes indígenas na antropologia brasileira, isso não se aplica a antropologia urbana, para bem como não é uma temática nova para a Sociologia, História, Pedagogia, dentre outras. Nesse sentido, essas várias áreas de conhecimento oferecem caminhos para pensarmos essa nova categoria social no meio indígena. Assim, trabalharei a partir de uma visão interdisciplinar para além da literatura da etnologia indígena.

No contexto atual, a Antropologia tem desenvolvido pesquisas com a temática da criança, com o papel de explorar esse mundo para além da perspectiva dos adultos. Diversas pesquisas ligadas ao tema da criança têm sido desenvolvidas, como das pesquisadoras Tassinari. (2007, 2003, 2001), Cohn (2009), Pereira (2002) dentre outros.

Um dos maiores desafios é que ainda não ouvimos as crianças, elas que tem muito a dizer e, desconstruir nossas pré concepções. Um mundo que só pode ser acessível através das crianças, então a grande provocação é alcançar mais legitimidade ao perceber a criança como um agente formador de cultura.

É a partir dessa perspectiva que pretendo abordar nesse capítulo as teorias que tratam da categoria 'juventudes', respaldando-me também na bibliografia antropológica que trata da categoria criança, como um subsídio a ser seguido. Trato de juventudes no plural, pois penso que, seguindo vários autores que não podemos pensar em uma única juventude, generalizando-a mesmo que seja em um contexto específico.

2.1. O Estado da “arte” sobre a categoria Juventude na Literatura Antropológica

É necessário falar um pouco sobre como os jovens, ou a categoria juventude, vêm sendo estudados na literatura antropológica de diferentes culturas desde a década de 30/40 para balizar meus referenciais teóricos.

As perspectivas de Margaret Mead em *Sexo e Temperamento em três sociedades primitivas* (1935); Ruth Benedict em *Padrões de Cultura* (1934); e a obra *O crisântemo e a espada* (1946), são referências para se pensar como conduzir as temáticas sobre a adolescência/juventude em sociedades ‘nativas’ no processo da produção antropológica.

Margaret Mead em seu primeiro livro, *Adolescência, sexo e cultura em Samoa* (1928), discorre sobre o tema juventudes/adolescentes em diferentes culturas, problematizando os enigmas que estão relacionados a uma fase vista como conflitante. Examina então, as condições que podem ser determinantes na vida dos adolescentes, em diferentes circunstâncias culturais.

Tais pesquisadoras se preocuparam em pesquisar essa fase da vida nas sociedades da Oceania, em comparação com os jovens de sua própria sociedade, a norte-americana. Mead problematiza distinções entre as culturas, para formular críticas e tentar posicionar soluções a problemas que a sociedade norte-americana enfrentava. Com isso, a mesma fez trabalhos entre a cultura vista na época como “primitiva” e a cultura “ocidental (norte-americana)”.

Margaret Mead (1969), ao confrontar duas populações vizinhas da Nova Guiné, baseada em Benedict considerou que uma delas, a dos doces e ternos Arapesh, valorizavam paz e serenidade, enquanto a outra, a dos violentos Mundugumor, é comandada por uma agressividade violenta.

Tais autoras apontaram que a categoria juventude não pode ser analisada a partir de critérios rígidos e universais, mas sim a partir de um processo específico do contexto sociocultural da qual é parte.

Mesmo com pouco aporte teórico sobre juventude indígena, vem crescendo lentamente as pesquisas que abordam a entrada de jovens indígenas de diferentes etnias, em várias esferas. Com isso, observa-se então a necessidade de discutir o papel do jovem indígena em sua comunidade. Como também o movimento recente desses jovens indígenas nas instituições públicas e particulares de nível superior; além disso, os mesmos como protagonistas do movimento político de luta pelos direitos dos povos indígenas.

Nos últimos anos vem ocorrendo um movimento de legitimação de saberes indígenas em diferentes universidades do Mato Grosso do Sul, em especial, pesquisas de cunho político

e militante. A discussão que Silvestre (2011) desenvolve cabe na relevância da mediação promovida pelos jovens professores Guarani e Kaiowá, ao construírem inúmeras alternativas de vida ao grupo pertencente; uma mediação que esses jovens professores indígenas fazem entre o passado e o futuro.

A educação escolar indígena e a própria formação como docente viram estratégias de resistência, dentro das perspectivas das lutas e interesses da comunidade envolvida. Os próprios protagonistas nesse processo, os jovens professores indígenas, desempenham esse trabalho de refletir a educação e suas interfaces.

Ainda segundo Silvestre (2011), a categoria juventude entre os Guarani e Kaiowá é nova e, marcada com inúmeras definições que se entrecruzam com a cultura ocidental. Isso quer dizer, que os Guarani e Kaiowá vivem experiências de apropriação e de negação perante a lógica de mundo ocidental.

Para essa categoria social, o fascínio dos símbolos da sociedade de consumo está muito presente e fica bastante evidente pela aquisição de celulares, roupas, óculos de sol e aparelhos de som. Quando existe um emprego mais estável, buscam adquirir motocicletas e, por vezes, carros. Mas seguem afirmando que “nossa alma é guarani”; pois o *nhandereko* continua informando as relações sociais internas e os modos tradicionais de vida (SILVESTRE, 2011, p. 151).

Silvestre (2011) indica que a passagem entre as diversas idades é referência das transformações dos modos de vida e suas valorações. Por isso, a juventude está atrelada a processos de mudança, adaptação, onde se projeta novas modalidades de vivência temporal. A relação que o jovem tem com o tempo presente e com o passado, é um caminho a ser seguido a interpretar, o jovem indígena. Pois, o tempo que os jovens indígenas Guarani e Kaiowá vivem é diferente do tempo do jovem do campo, por exemplo. Entender a composição de tempo desses grupos é um caminho para entendermos a composição de mundo de cada grupo.

Para a autora, os povos indígenas constituem uma grande referência, ao relacionar a categoria juventude. Permite-se analisar a relação dos jovens indígenas com o tempo e, especialmente ligados a um processo intenso de transformação. A forma como cada sociedade concebe as fronteiras e as passagens entre as diversas idades é indicadora das transformações de seus modos de vida e de seus valores. Existe, por isso, uma relação estreita entre a construção social de tempo e juventude, na medida em que esta “modela”, readapta e projeta novas modalidades de vivência temporal (SILVESTRE, 2011, p. 143).

Entre os Guarani Kaiowá, Silvestre (2011) detalha que a autonomia é um processo de construção, centrada na coletividade do grupo. Por isso, esse processo de formação tem o intuito de formar um jovem autônomo, mas ao mesmo tempo ligado ao seu grupo familiar.

Os conflitos que os jovens enfrentam, afirma Silvestre (2011) é uma fonte rica de novas experiências. Essas compreensões de conflitos constroem o cenário social que o jovem indígena se insere. As noções de construção do mundo jovem podem variar muito, dependendo da localização da aldeia.

Essas diferenças podem ser vistas, a partir do contexto, por exemplo, de uma jovem de uma aldeia localizada em área mais próxima da fronteira e mais distante dos centros urbanos, diferente de um jovem da aldeia Jaguapirú e a Bororó. E mesmo dentro dessa reserva existem inúmeras diferenças entre os jovens indígenas, o que falaremos mais adiante.

Como a categoria de juventude indígena é relativamente nova na literatura antropológica, existem alguns contrapontos que devem ser problematizados nas teorias envolvendo as juventudes indígenas. Inclusive um dos grandes desafios dessa temática é fugir das generalizações, ao colocar o jovem indígena partindo de características unificadoras e esquecendo que mesmo dentro de um mesmo espaço teremos diferentes jovens indígenas, com suas particularidades e etnias distintas, conforme explica Alcântara:

Os jovens indígenas, em sua maioria, procuram-nos para conversar como uma forma de pedir ajuda. Não são aceitos pela família e/ou são rejeitados por seus(suas)namorados(as). Isso é levado tão a sério que na maioria das vezes, se torna uma das causas do suicídio explicada pelos familiares e amigos(ALCÂNTARA, 2007,p. 85).

No trabalho de Alcântara (2007), a autora se debruça em uma análise geral da Terra Indígena de Dourados, a partir dos jovens indígenas que ali moram; o trabalho é decorrente de sua experiência com os jovens Guarani e de uma intensa convivência com os mesmos.

Para constar, a Reserva Indígena de Dourados tem aproximadamente 15.000 habitantes, constituída pela Aldeia Jaguapirú e Bororó. A violência e o abandono do Estado, vivenciados na aldeia é ressaltado no trabalho da autora, como um problema enfrentado por todos os jovens indígenas da Reserva de Dourados.

Contudo, um contraponto nesse sentido é sobre a violência e descaso do Estado nas ações que poderiam amenizar essa situação, é um equívoco pensar que todos os jovens indígenas vivem uma só realidade dentro desse espaço. É visto que, a violência dentro desse espaço é um ponto a ser pensado de forma mais cuidadosa, mas nem todos os jovens indígenas desse espaço vivem a mesma violência. Muitos são assistidos por instituições religiosas, como é o caso da 1ª Congregação; cria-se a partir dessa certa proteção a esses sujeitos.

A representação de uma juventude violenta é trabalhada por Duarte (2016), a partir do retrato da imprensa de Dourados, a opinião pública desempenha um papel determinante na

construção de uma identidade coletiva sobre esses jovens indígenas, tornando o jovem indígena um estigma de violência da sociedade douradense.

Historicamente o jovem na sociedade brasileira está comumente ligado a uma ideia de ser violento, não responsável por seus atos, por isso, é um grande desafio debatermos a temática da juventude. Tal problemática requer uma ruptura de paradigmas ligados à imagem popular de um jovem generalizado. Para o autor, é necessário que a violência atrelada aos jovens seja desnaturalizada e, amplamente discutida pela sociedade.

Deve-se ter um cuidado quando se abordam as ocorrências de violência atrelada as populações indígenas, já que tal violência não é necessariamente espelho da cultura dessas sociedades tradicionais, ao contrário no caso da Reserva de Dourados, essa violência é tomada como um problema de descaso do Estado, que instituiu políticas invasivas aos povos indígenas.

Troquez (2006) ressalta que a Reserva Indígena de Dourados foi destinada apenas em 1927 aos Guaranie Kaiowá, quando o inspetor do SPI, Major Nicolau Horta Barbosa, deu início a delimitação dessa área que corresponde ao Posto Indígena Francisco Horta Barbosa. Já no início desse processo, deu-se também sua formação como reserva pluriétnica.

O contato com a sociedade nacional intensificou as transformações e, conseqüentemente, a vida da etnia Terena no atual Mato Grosso do Sul. Algumas políticas implementadas objetivavam a absorção da mão de obra indígena para as fazendas, a utilização do português no cotidiano junto à língua materna, bem como a alimentação e outros artigos comuns. Outra característica importante foi em relação ao contato com as doutrinas cristãs, a exemplo das instituições religiosas como o catolicismo, o protestantismo e o pentecostalismo ou neo pentecostalismo.

Creio que devemos compreender que a juventude está ligada primordialmente a outros elementos como a cultura, as formas de religiosidade, política e esses aspectos devem ser estudados a fim de entender as especificidades desses jovens, o histórico também, os conflitos aqui construídos; por isso a importância de frisar também o contato dos Terena com os Guarani e os Kaiowá na reserva.

Como já falamos, a Terra Indígena de Dourados é constituída pelas três etnias, os Guarani, Kaiowá e Terena, além dos não indígenas que ali vivem. Por isso, temos diferentes juventudes indígenas dentro desse espaço. O que compõe um cenário pluriétnico. Nesse sentido, devemos entender que existem juventudes indígenas e não juventude indígena nesse espaço.

Pensando nos trabalhos das diferentes juventudes indígenas presentes no Brasil, o trabalho de Paladino (2006) discorre sobre o processo de escolarização vivenciado pelos Ticuna ao longo do século XX, perpassando processos de territorialização, ligadas a novas configurações religiosas. O papel da categoria juventude entre os Ticuna nesse contexto é ressaltado a designar, a formação da pessoa Ticuna, não atrelado necessariamente a uma noção de faixa etária.

Para além de uma noção biológica, Paladino (2006) aponta que a categoria juventude aparece com grande visibilidade em reuniões e assembleias políticas, demonstrando as novas problemáticas que esse grupo enfrenta, juntamente com a interferência de grandes lideranças. As discussões giram em torno, por exemplo, de drogas, delinquência, prostituição e suicídio, esses são temas que preocupam grande parte dos Ticuna e, afetam diretamente a vida de todos da comunidade.

2.2. A temática da criança indígena na Literatura Antropológica

Pretende-se tratar aqui da categoria que de fato está constituída na etnologia indígena; a categoria ‘criança indígena’.

Penso ser importante deixar evidente que as categorias ‘juventude indígena’ e ‘criança indígena’ não são iguais, tanto no viés da perspectiva analítica antropológica, como também no olhar do grupo em questão estudado. Mesmo assim, é necessário perceber que as duas categorias são parte de elementos exógenos as comunidades indígenas. Isso se refere, por se tratarem de categorias ocidentais apropriadas e adquiridas pelos povos indígenas.

Por isso, usar a categoria ‘criança indígena’ nessa dissertação se torna mais um subsídio teórico e analítico por também se tratar de uma categoria nova entre os povos indígenas, bem como a ‘juventude indígena’’. Diversas pesquisas ligadas ao tema da criança têm sido desenvolvidas e essas, nos ajudam a refletir sobre as várias faces que a juventudes indígenas apresentam, em específico a juventude indígena da 1ª Congregação.

Cohn (2009) e Tassinari (2007) são as primeiras autoras a abordar a temática da criança indígena na Antropologia. Seu livro intitulado “Antropologia da Criança” serve como referência para se pensar a categoria de criança a partir da dúvida, sim dúvida, por que em nossa sociedade a autora aponta que há inúmeros equívocos e ideias negativas constituídas a partir da formação da criança.

Entender a criança e a realidade vivida por ela em seu grupo requer que nos desvencilhemos de nossos preconceitos. Pensar a criança indígena, nesse sentido, é entender a

partir de quais moldes determinada sociedade pensa o papel da criança indígena, bem como, qual seu papel naquela sociedade.

Cohn (2009) chama a atenção para a importância de a antropologia fornecer subsídios teóricos a partir de modelos analíticos que possam contribuir, para que possamos entender mais sobre a temática da criança indígena.

Além disso, a mesma lembra que a etnografia está sendo usada por diferentes áreas interessadas em estudar a criança, por isso, a partir desse método é possível que o pesquisador obtenha os dados a partir da fala e da vivência direta com as crianças, tornando a pesquisa rica a partir das falas dos próprios interlocutores.

Assim como a juventude indígena, a temática da criança indígena é um grande desafio para a Antropologia. Nesse sentido, a própria autora aponta que essa temática é pouco reconhecida como objeto de estudo na área. Com muitas idas e vindas, essas temáticas a todo instante estão a provar sua relevância.

A autora também chama a atenção para as primeiras pesquisas que abordam a criança na Antropologia, assim como a temática da juventude, Margaret Mead e Ruth Benedict se tornaram pioneiras ao falar sobre crianças e juventude. A Escola de Cultura e Personalidade, iniciada por Franz Boas, se preocupava em pensar o papel da criança/jovens em diferentes sociedades. Por isso, essa escola se tornou referência para os estudos sobre outras culturas e gerações.

Entre os Manu da Nova Guiné, Mead (1969), estudou o papel das crianças e o processo de aprendizagem das mesmas sobre as atribuições cabíveis à vida adulta. Essa escola teve a preocupação de estudar o processo de desenvolvimento da personalidade e, especificamente como as culturas constroem uma ideia ideal de sociedade e indivíduos.

Apesar de se tornarem referência no que tange a inserção dessas temáticas na antropologia, cabe algumas críticas.

Esses estudos estão marcados pela cisão entre a vida adulta e a da criança, e remetem a uma imaturidade e desenvolvimento da personalidade madura. Assim, supõem um fim último do processo de desenvolvimento, o adulto ideal da sociedade em questão, seja ela balinesa, francesa ou norte-americana – adulto esse que é, em última instância, definido no e pelo estudo científico (COHN, 2009, p. 15).

A autora chama a atenção para que esses estudos não virem uma forma de engessar a temática da criança e adolescência, já que a partir dos pressupostos analíticos antropológicos, devemos estar atentos as questões relativas à formação de determinada sociedade. Estudar essa temática requer uma tentativa constante por parte do pesquisador em fugir das generalizações teóricas e assim, aventurar-se com outros olhares sobre as crianças e jovens.

Depois desse primeiro momento, os antropólogos britânicos da escola estrutural-funcionalista, que tem como referência Radcliffe-Brown, iniciam suas teorias num viés de negação da escola norte americana, baseada na formação da personalidade.

Esse viés da escola estrutural-funcionalista tem como foco as práticas de socialização dos indivíduos. Para Cohn (2009, p. 17): “não é uma questão de aquisição de cultura e competências, afirmam, mas de delimitação dos papéis e relações sociais envolvidas nesses processos e que embasam e realizam essas práticas”.

Muda-se a forma de como se olha a Antropologia e a cultura no sistema estrutural-funcionalista. Cohn (2009) afirma que os papéis sociais podem ser analisados e descritos para que se possa entender a sociedade com um todo.

Com esses pressupostos, a criança dos estudos estrutural-funcionalista se vê relegada a protagonizar um papel que não define. Suas ações e representações simbólicas não precisam ser estudadas, portanto, para que se defina seu lugar no sistema: são dadas pelo próprio sistema (COHN, 2009, p. 16).

É preciso que todos se conscientizem da negação do protagonismo dessas crianças e jovens ao construir determinada realidade social, ao verificar que eles também são agentes de cultura, e fomentam diversos tipos de demandas próprias. Isso quer dizer, que não são bonecos que estão a serviço da vontade coletiva, mas que tanto as crianças como os jovens são efetivos em suas vontades, demandas e que essas não podem ser deixadas de lado na análise antropológica.

Falamos aqui de uma antropologia da criança e não da infância. Isso porque a infância é um modo particular, e não universal, de pensar a criança. [...] Ela não existe desde sempre, e o que hoje entendemos por infância foi sendo elaborado ao longo do tempo na Europa, simultaneamente com mudanças na composição familiar, nas noções de maternidade e paternidade, e no cotidiano e na vida das crianças, inclusive por sua institucionalização pela educação escolar (COHN, 2009, p. 20).

Segundo Tassinari (2007), há registros históricos dos primeiros trabalhos sobre criança indígena nas décadas de 40 e 50 e de um olhar para as crianças indígenas, como não passivas à cultura pertencente.

Afora alguns trabalhos pioneiros (Melatti e Melatti, 1944; Schaden, 1945; Métraux e Dreyfus, 1958) dedicados à educação e cuidados com as crianças indígenas, somente na última década a Antropologia volta sua atenção para estes pequenos interlocutores, a partir de uma abordagem atenta às crianças como sujeitos sociais e não apenas como objetos passivos da educação (TASSINARI, 2007, p. 12).

As concepções de infância vão variar dependendo da cultura que se fala, ou seja, ela pode existir ou não, ou terá diferenças pontuais. Nesse contexto que a Antropologia da criança se insere, Cohn coloca que:

Podemos ilustrar essa afirmação com o caso dos Xikrin, uma etnia indígena de língua jê que mora no Pará e se autodenomina Mebengokré, para quem o corpo de um novo ser humano vai sendo criado durante a gestação, gradativamente, por meio das relações sexuais; não há, portanto, um momento único de concepção, seguido da formação do corpo, mas sim uma formação contínua (COHN, 2009, p. 21).

Entender, a partir de quais pressupostos se forma a pessoa em determinada etnia é um caminho a ser seguido. Essa formação social e coletiva pode trazer subsídios para se pensar o papel da criança em determinado contexto. Entender em qual ou quais fases as crianças estão inseridas, também é uma possibilidade de contextualizar os marcadores geracionais da comunidade em questão.

Porém, não devemos esquecer que, mesmo nas sociedades de tradição ocidental, a história continua, e essa ideia de infância tem sofrido modificações. [...] Portanto, mesmo uma antropologia da criança que seja feita em uma realidade sociocultural muito próxima à do antropólogo não pode prescindir de uma reflexão sobre o que é ser criança nesse contexto, e de que infância se está falando (COHN, 2009, p. 22).

Essa ideia que a autora aponta está muito próxima a minha pesquisa. Apesar da proximidade da cidade de Dourados e da Aldeia Jaguapirú, Terra Indígena de Dourados, pude observar que as vivências dos jovens indígenas da 1ª Congregação e os jovens da cidade são diferentes.

É muito comum que os jovens indígenas e os jovens não-indígenas frequentem espaços em comum, mas a construção de mundo desses grupos é diferente. Inclusive os jovens da cidade não são um único grupo, o que desmente um olhar genérico do jovem no meio urbano.

Cohn (2009) aponta para um olhar sobre a criança atuante em seu meio, ativo em inúmeras relações sociais, não um adulto em miniatura. Não se trata de olhar a criança em um constante treinamento para a vida adulta, mas que o pesquisador possa ter sensibilidade para percebê-la como agente ativo em sua comunidade.

Portanto, a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa. Isso não quer dizer que a antropologia da criança recente se confunda com análises do desenvolvimento cognitivo; ao contrário, dialoga com elas. A questão, para a antropologia, não é saber em que condição cognitiva a criança elabora sentidos e significados, e sim a partir de que sistema simbólico o faz (COHN, 2009, p. 24).

O conhecimento de mundo das crianças não pode ser julgado com menos importância que o dos adultos, contudo, é uma construção simbólica de linguagem, baseado em dizer aquilo que os adultos sabem, mas não falam.

A criança e a infância, como a autora chama a atenção, têm sido foco de análise de vários campos de conhecimento. Consisti assim, sobre os possíveis diálogos das pesquisas

antropológicas com outras áreas é essencial. A interdisciplinaridade é um bom exemplo de como os trabalhos antropológicos podem enriquecer em suas análises, a partir de um diálogo com outras áreas.

Nesse artigo, “Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil”, Cohn (2013) constrói um panorama atual, momento em que a antropologia da criança tem seu espaço e que, vale então refletir as contribuições que a temática tem produzido.

A segunda observação é irmã desta: venho cada vez mais me tornando consciente de que faz muitos anos que vim dizendo que o campo da antropologia da criança é um campo em criação, crescimento, consolidação. Com satisfação, percebo que hoje se trata de um campo plenamente consolidado, com ampla representação nos debates nacionais e internacionais, em publicações e eventos de antropologia (COHN, 2013, p. 222).

Mesmo com ampliação do debate sobre a temática da criança na Etnologia Indígena, é ainda um desafio para a Antropologia dar visibilidade ao tema. E principalmente, segundo Cohn (2013), um dos maiores problemas é que ainda não ouvimos as crianças, elas que tem muito a dizer e, desconstruir nossas pré concepções. Um mundo que só pode ser acessível através das crianças, então o grande desafio é alcançar mais legitimidade ao perceber a criança como um agente formador de cultura.

Reconhecer as limitações da Antropologia é um primeiro passo a seguir, na escolha do objeto de pesquisa a ser trabalhado. Por isso, a temática da criança e do jovem indígena é tão desafiadora. Aquelas pessoas que têm vontade em abordar essas temáticas, estão tentados a cair numa armadilha, a de cair na generalização etnográfica. Por isso, novos desafios estão postos, como conseguir realmente escutar a criança e o jovem indígena, e que pode enriquecer muito as pesquisas antropológicas.

Brand e Urquiza afirmam que:

[...] a estrutura temporal da vida cotidiana é extremamente complexa, porque os diferentes níveis da temporalidade empiricamente presentes devem ser continuamente correlacionados. Sendo assim, a “estrutura temporal” do cotidiano de uma criança indígena é, no mínimo, possuidora de outra complexidade, que não aquela do espaço escolar, com seus tempos pré-determinados e constantemente dirigidos, exigindo outras correlações (BRAND;URQUIZA, 2017,p. 1).

Os significados de mundo da criança indígena, no mínimo podem ser pensados muito diferentes da rede de conhecimento institucionalizado da escola. Os tempos são diferentes. Calendários e datas comemorativas fazem parte dessas diferenças. É um desafio maior ainda

esses marcadores que revelam as contradições tão latentes que são vividos hoje por grande parte das crianças indígenas que frequentam a escola.

Pode-se perceber que a educação escolar indígena está em uma construção recente e cheia de problemáticas a serem repensadas. A cosmologia que a comunidade se orienta, não está sendo levada em conta no momento de se pensar as práticas educacionais da escola e no caso da Antropologia, o papel dessa criança nesse contexto. O que podemos ter claro é que, muitas das supostas “descobertas” do ocidente, há muito tempo eram vividas nas práticas cotidianas das populações indígenas, conforme as palavras de Brand e Urquiza:

Reitera-se que não se trata de discutir ou criticar a qualidade da educação infantil em terras indígenas, mas sim as implicações do afastamento da criança pequena do seu contexto de socialização primária – uma vida de bricolage– para um espaço de organização socio-temporal diferente: outra lógica, outro “lócus” de saber, outras relações (afetivas, de poder, hierarquias...) ainda que haja uma preocupação com a diferença e a especificidade (BRAND;URQUIZA, 2017,p. 1).

Outro trabalho recente é de Micheli Alves Machado (2016), que aborda os Guarani e Kaiowá a partir das crianças pequenas, com base na referência familiar, que são os pais, avós, tios, e também a partir da cultura própria, com costumes e valores de cada etnia. Sua pesquisa se construiu na Reserva de Dourados, como já foi falado que é composta por três etnias: Guarani, Kaiowá e os Terena, que convivem com a cidade muito próxima a elas.

Hoje é necessária uma discussão mais ampla acerca da aprendizagem e conhecimento do povo Guarani e Kaiowa na Reserva Indígena de Dourados, é necessário que os conhecimentos tradicionais sejam inseridos nas escolas de forma a capacitar as crianças, para ajudá-las a lidar com os dois conhecimentos, um deve contemplar o outro, ou seja, o ensino tradicional como ferramenta dos antepassados e os conhecimentos que os fortalecerão frente ao não índio e ao sistema imposto até hoje para todos os povos indígenas (MACHADO, 2016, p. 12).

Os fatores externos, que estão ligados a proximidade da Terra Indígena de Dourados com a cidade de Dourados e Itaporã é um fator que interfere muito nas práticas culturais dos povos indígenas que ali vivem, inclusive e principalmente no que concerne as necessidades de muitos pais que trabalham e que não têm um lugar seguro para deixar seus filhos. Assim, a escola se torna um refúgio para muitas crianças indígenas.

É um trabalho que mostra a necessidade de pensarmos a educação indígena no viés das crianças indígenas, com o reconhecimento da história desses protagonistas pequenos, que viveram e estiveram em processos de vida ricos em experiências e desafios.

Sobre as crianças indígenas e sua relação com a escola, Luciano expõe que:

Assim, a educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas, enquanto a educação

escolar indígena diz respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores (LUCIANO, 2006, p. 129).

A educação indígena é uma educação baseada na transmissão e produção do conhecimento indígena. Podemos perceber que essa é a primeira referência que a criança tem e o qual ela pertence. Cabe aí ressaltar, que a educação indígena pode ser uma importante ferramenta a se pensar o protagonismo da criança indígena na escola e comunidade a qual pertence.

Conforme explica Luciano:

Ainda existe no Brasil a ideia generalizada e errônea de que os povos indígenas não possuem nenhum tipo de educação. Nada mais equivocado, posto que os saberes ancestrais são transmitidos oralmente de geração em geração, permitindo a formação de músicos, pintores, artesões, ceramistas ou cesteiros, além de todos saberem cultivar a terra e a arte de caçar e pescar (LUCIANO, 2006, p. 130).

Os povos indígenas têm inúmeros exemplos de educação, mas não podemos cair no equivoco de olhá-la com base no preconceito, devemos identificar as várias faces da educação indígena. A educação escolar indígena tem se transformado nos últimos anos, com o acesso de indígenas a escola, mais frequente e, esse espaço também foi apropriado e ressignificado pelos mesmos.

Claro que as amarras da institucionalidade da escola e o ensino baseado em uma visão ocidental de educação não foram deixados de lado, mas as crianças e jovens e a própria comunidade indígena se faz presente a questionar e mostrar as falhas do sistema educacional vigente.

Apesar de todas as contradições, o processo histórico de escolarização dos povos indígenas tornou-se uma das condições e uma das causas da formação da consciência de cidadania, na medida em que possibilitou o domínio dos códigos básicos estruturantes da sociedade não indígena; a conseqüente capacidade de reformulação de estratégias de resistência e de promoção de culturas, valores e conhecimentos; a apropriação de outros saberes úteis e necessários à melhoria das condições de vida (LUCIANO, 2006, p. 164).

Difere-se também, entre escolas indígenas que abarcam uma ou mais etnias, ou apenas uma etnia. A lógica da nossa sociedade, “rouba” o tempo da criança. Metade do dia a escola rouba esse tempo, na outra a televisão, internet, videogame. O problema disso é que, a escola nesse formato que conhecemos de vivenciar a infância, é muito recente no mundo e, em algumas sociedades isso vem ocorrendo apenas agora.

Outro ponto a ser pensando é que a família acessa a assistência social, outros recursos, que fazem parte de uma “camisa de força”, que faz a criança indígena estar na escola.

Por isso, é necessário que façamos o exercício de buscar as formas indígenas de conceber as crianças e os adultos, podendo assim, compreender as relações estabelecidas entre eles, repensando a forma de olhar o outro.

As etnografias têm dado exemplos de que as crianças, especialmente as mais pequenas, são importantes mediadoras das várias esferas cosmológicas, por não estarem totalmente assimiladas à categoria humana. Embora sejam consideradas e respeitadas como seres completos, em alguns casos, como entre os Guarani, ressalta-se sua proximidade com os deuses. Em outros casos, ressalta-se sua semelhança aos animais, numa concepção muito difundida de que os animais são também “gente”, embora de uma qualidade corpórea diferente da nossa, que os fazem ter seus próprios “pontos de vista” (TASSINARI, 2007, p. 18).

Segundo Tassinari (2007), muito se tem discutido sobre o papel da criança indígena em sua comunidade, bem como, a ligação com o transcendente. As etnografias dão exemplos de que as crianças são importantes mediadoras em diferentes esferas cosmológicas, por não estarem integradas na categoria humana. O papel da criança como mediadora de diversas entidades cósmicas. Ela são consideradas e respeitadas como seres completos, como é o caso dos Guarani, ressalta-se sua proximidade com os deuses.

Sobre o reconhecimento da autonomia da criança e de sua capacidade de decisão, Tassinari reflete que:

Tanto na esfera cosmológica, como nas relações sociais entre diferentes etnias, em vários casos, a inserção social dos adultos se dá por intermédio das crianças. Em geral, quando pensamos na autonomia infantil, sempre a restringimos a certas esferas nas quais permitimos que as crianças tomem decisões. As etnografias mostram que as crianças indígenas têm uma liberdade de escolha que nos parece inconcebível, porque lhes permite tomar decisões que afetam diretamente seus pais, familiares ou a comunidade (TASSINARI, 2007, p. 12).

A autora chama a atenção para o papel das crianças na mediação dos diversos grupos sociais. Os momentos que se comercializa artesanato indígena, as crianças de diferentes etnias tomam frente já que os próprios adultos indígenas colocam estrategicamente as crianças nesse papel. Assim, as crianças indígenas realizam a mediação entre indígenas e não-indígenas.

Em face dessa realidade Tassinari (2007) aponta que, diversas vezes as crianças e jovens indígenas se tornam mediadores entre as comunidades indígenas e os não-indígenas. Por isso, não devemos duvidar das potencialidades delas sobre o meio social em que vivem. Creio que o mesmo cabe aos “jovens indígenas”, em especial os interlocutores da 1ª Congregação.

De acordo com Cariaga (2012), os Kaiowá enxergam a criança como prioridade da comunidade. Os adultos Kaiowá devem dar atenção às indagações e demandas que as crianças possam ter. Por isso:

Durante a pesquisa de campo, em ocasiões onde estavam presentes crianças e adultos, por muitas vezes a conversa era interrompida pela interferência das crianças. Numa dessas situações, eu conversava com um homem kaiowá adulto, quando sua filha com cerca de cinco veio até nós e iniciou a dialogar com ele em guarani. Subiu nos seus braços e perguntou algumas coisas e, ao obter resposta, desceu imediatamente e continuou a brincadeira com o grupo de crianças da sua idade. Para justificar a interrupção da conversa o pai disse “curiosidade de criança é igual chuva, tem que sair tudo na hora que vem”, e continuou, “pra gente, não pode deixar a criança esperando, ficar chorando. Eu fico olhando pro branco... branco tem mania de mandar filho espera. Isso não pode. Porque tem que responder na hora, não tem sentido querer conversar depois” (CARIAGA, 2012, p. 80).

Para o autor, é preciso que a Antropologia repense os processos de aprendizagem intergeracionais, a partir da construção do conhecimento e os saberes que não são exclusivos dos adultos, já que as crianças são agentes deste processo, o que varia são as formas de expressão e compreensão delas frente aos ambientes que circulam.

O “universo sócio-cultural com especificidade própria” das crianças deve ser compreendido como mais um componente da produção da história e das relações sociais nessa sociedade. Esta interpretação auxilia na compreensão dos sentidos que os Kaiowá atribuem às relações geracionais para entender as transformações no modo de ser (CARIAGA, 2012, p. 84).

As relações intergeracionais entre os mais velhos e o mais jovens, expressa a produção de novas formas de concepção de ser. Essa produção tem base em uma série de comportamentos, marcada por negociações e mediações entre esses indivíduos. Por mais que as decisões sejam tomadas pelos adultos, cabe aos mais jovens aderirem ou não a essas.

Diversas pesquisas ligadas ao tema da criança têm sido desenvolvidas, nesse sentido os estudos sobre crianças não devem ser restringidos como parte isolada da produção intelectual, é necessário compreender a participação das crianças a partir do sistema social no qual estão inseridas. Para isso é preciso, que a interdisciplinaridade se faça presente no escopo teórico das pesquisas com crianças indígenas. Assim, diversas áreas darão as contribuições cabíveis, para não cair na naturalização que desconsidera as experiências (inter) geracionais.

É indiscutível que a Antropologia deve ocupar esse espaço de reflexão, o de entender a criança indígena de forma mais efetiva, a partir de novas lógicas, já que a criança indígena tem muito a nos ensinar sobre seu mundo.

Observa-se que tanto as temáticas da criança indígena e da juventude indígena estão revolucionando o olhar que temos sobre as socialidades indígenas, assim temos a oportunidade de pensar e repensar essas temáticas.

2.3. As juventudes e a Antropologia Urbana no Brasil

Apesar da falta de pesquisas sobre juventude indígena, para a Antropologia brasileira que trabalha no meio urbano, isso não se aplica. A antropologia urbana aborda diferentes tipos de juventudes no meio urbano. Nesse sentido, Gilberto Velho se tornou uma importante referência dessa temática.

Velho (2006) reflete a juventude no plural, expressa por características complexas, tendo em vista a preocupação de não simplificá-la a meras explicações sem aprofundamento. Por isso, o autor aponta um grande erro dos cientistas sociais em geral que abordam a temática da juventude, comumente com um olhar etnocêntrico sobre a categoria.

Esse etnocentrismo que o autor se refere, baseia-se nos grupos que podem ou não ser trabalhados a partir da categoria juventude. Isso que dizer, o olhar que a academia tem sobre as pesquisas sobre juventude, não pode se basear somente em determinados grupos específicos, ao contrário, estudar as diferentes juventudes pressupõe olhar para todos os lados a fim de compreendermos como os diversos grupos que ainda não foram foco de pesquisa compreendem essa categoria.

Nesse sentido, Velho aponta para possíveis relações e correlações entre grupos, que podem ser reinterpretados com outro olhar:

No caso de nossa temática, por exemplo, é importante estar atento as possíveis semelhanças e diferenças entre jovens frequentadores do Posto 9, em Itapema, e jovens frequentadores de um terreiro de Candomblé, em Salvador ou na Baixada Fluminense, do Rio de Janeiro. Mais importante ainda é identificar jovens do Posto 9 que vão ocasionalmente ou mesmo frequentam terreiros de umbanda e que, em aparência, tenham um estilo de vida muito distante das pessoas que de hábito são consideradas como mais “típicas” fiéis dessas religiões (VELHO, 2006, p. 192).

Para o autor, é necessário que a análise de pesquisa passe pelos multipertencimentos dos indivíduos e dos grupos, embora com um olhar muito cauteloso referente à exclusividade desses com a sociedade. O processo de identidade acontece no decorrer do tempo, por isso é dinâmico, e se multiplica nos contextos sócio culturais em diversos níveis. Por isso, os valores e significados atribuídos a essa realidade, precisam ser analisados tendo como ponto de partida, as visões de mundo atreladas à categoria em questão.

Apesar de algumas metáforas que relacionam o jovem a “tribos” e “grupos isolados” da sociedade, o estudo de geração pressupõe, segundo Velho (2006), o estudo das relações entre categorias, que tem como base, as faixas etárias como ponto de partida.

A juventude está atrelada a constantes negociações, como o autor evidencia que, são os mais variáveis tipos, econômica, simbólicas, políticas, organização social, que não são modalidades universais, mas sim próprias de cada grupo cultural.

Assim, há várias maneiras de “ser jovem”, como também de “ser velho”, sem esquecer que essas próprias categorias não são dadas, e sim fenômenos socioculturais. Todas essas categorias e sua duração são discutíveis e sujeitas a constantes revisões, redefinições e reinterpretações (VELHO, 2006, p. 194).

Tendo em vista a fala do autor, que o jovem enfrenta inúmeros novos tipos de projetos e trajetórias. Essas transformações devem servir para que possamos pensar melhor sobre esse assunto. Assunto esse que merece a máxima atenção dos pesquisadores que se interessam sobre os projetos e trajetórias dessas diferentes juventudes.

Outro trabalho de peso no que se refere à juventude no meio urbano, é de Leila Jeolás (2017). A autora faz uma etnografia com o tema dos jovens envolvidos em rachas de carros, em Londrina – PR. Nesta cidade, é muito comum ocorrer a cada quinze dias corridas ilegais, popularmente conhecidas por “rachas”.

A pesquisa teve o objetivo de compreender como esse grupo de jovens específico, busca constantemente se expor a diversos riscos, juntamente de uma gama de desafios, são criados no limite entre a vida e a morte. O significado do risco está intrinsecamente ligado o jeito de ser jovem desse grupo.

Uma preocupação da autora foi interpretar os significados atribuídos pelo grupo de jovens ao risco envolvido nessas práticas. Por isso, Jeolás (2017) aponta que a aprendizagem desse mundo de motores, que envolve diretamente práticas de velocidade, se dá em um processo longo de socialização. Desde a infância, aproximadamente 8 ou 9 anos, as crianças acompanham familiares do sexo masculino, pais, irmãos, tios vizinhos ou patrões. Com esses conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, esses valores são praticados pelos próprios jovens, a partir de uma masculinidade hegemônica.

O ambiente dos rachas tem a fundamentação em um universo masculino e, Jeolás (2017) demonstra que os conhecimentos passados pelos familiares aos jovens, se tornam em grande medida a possibilidade do jovem ingressar em uma profissão, ou seja, é um conhecimento que pode garantir o sustento do jovem.

A autora chama a atenção, para os “rachas” como ritos intermediários, que tem a função de introduzir os indivíduos em grupos de pares. Os jovens idealizam estarem presentes nesse ambiente masculino carregado de perigos e de velocidade e isso, proporciona certas

vantagens para os próprios jovens, como a possibilidade de um emprego, como dito anteriormente.

Magnani (2017) mostra a importância de se usar o conceito de “circuito” para interpretarmos os mais variados grupos de jovens no meio urbano. O circuito proporciona ao jovem o exercício de diferentes tipos de socialidades, por meio de encontros, que dão continuidades há inúmeras relações.

Em vez da ênfase na condição de “jovens”, que supostamente remete a diversidade de manifestações a um denominador comum, a ideia é privilegiar sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca (MAGNANI, 2017, p. 177).

O circuito é uma conexão entre sujeitos, envolvida direta e indiretamente, por meio da participação, sobrevivência, trocas e conexões. Magnani (2017) apresenta um trabalho significativo, no que tange a interpretação de práticas culturais, envolvendo trocas em redes de socialidade entre os jovens da cidade. A exemplo disso refere-se a um estudo etnográfico em um baile funk do Rio de Janeiro, esse estudo pode gerar experiências da dinâmica de relações entre os jovens frequentadores desse espaço. A juventude é um ponto a ser norteado, e não conceituado. Um ponto de partida para refletirmos a sociedade em geral.

Nesse contexto, é importante ressaltar o processo de constituição de diversos movimentos de juventude no meio religioso no Brasil. Em sua tese de Doutorado, ao trabalhar com a juventude carismática católica de Araraquara, Sofiati (2009) ressalta a necessidade de se entender a perspectiva religiosa a partir da vivência juvenil de tal grupo.

Por isso Sofiati (2009) aponta que no século XIX, ocorreram as primeiras experiências de organização dos jovens no Brasil, em uma atuação efetiva no movimento Abolicionista, os jovens se envolveram, a fim de atuar em defesa das pessoas escravizadas.

Já em 1920, os jovens se fazem protagonistas na constituição de três movimentos importantes, que são: Semana de Arte Moderna (1922); O movimento Tenentista (1922); e o movimento político-partidário que deu origem ao PCB. Esses jovens constituíram um movimento de novas ideias, referente à novas noções de Estado e nação.

Sofiati (2009) aponta que esses movimentos da década de 20, constituíram uma referência para a juventude política ativa na sociedade brasileira. Esses grupos formaram uma base de consciência política sólida, o que se tornou o principal organizador desses jovens.

Dos anos 30 aos 50, cria-se um conjunto de movimentos juvenis em torno de uma solidariedade com as camadas menos favorecidas, ou seja, uma atuação política com base nas classes sociais, vinculada aos sindicatos. Nesse momento formou-se o movimento da União

Nacional dos Estudantes (UNE, 1937) e também a partir do movimento religioso de Ação Católica (1935).

Em virtude da Ditadura Militar, Sofiati (2009) diz que nos anos 70, os movimentos juvenis se tornaram menos efetivos, ou acoplados em movimentos religiosos ou de atuação clandestina em guerrilhas de lutas armadas contra a Ditadura Militar. Já nos anos 80 há diversas pesquisas mostrando a constituição de *tribos urbanas*, como os Punks e os Darks.

Nesse momento há uma reformulação na organização dos jovens no Brasil, que deriva de um enfraquecimento dos movimentos estudantis e, de uma despolitização desses mesmos grupos. Assim, criam-se outras modalidades de organização juvenil. Esses podem ser explícitos na criação do movimento Hip Hop e da militância da Pastoral da Juventude no Brasil. Isso reflete o perfil de um jovem autônomo, que quer ser reconhecido a partir de suas ideias particulares.

Nos anos 90 Sofiati (2009) aponta que, os jovens desse momento estavam distantes de grandes utopias e lutas, se organizavam com base em suas necessidades individuais e de pertencimento. O jovem então quer pertencer a um grupo e ser reconhecido a partir de suas necessidades individuais.

No contexto religioso para a autora, os jovens do ano 2000 em diante, querem ser reconhecidos a partir de movimentos religiosos, com maior predominância dos movimentos pentecostais e carismáticos.

Ainda para Sofiati (2009), as características dos jovens atualmente, mantêm quase as mesmas dos jovens dos anos 90. Contudo, a religiosidade se torna mais efetiva na vida desses jovens e, por isso, se torna latente a religiosidade como forma de organização nos diferentes grupos de jovens da sociedade nacional.

A partir do que o autor aponta, podemos presumir que os jovens criaram uma nova forma de se organizarem, se sentirem pertencentes a um grupo, o que permeia a valorização do grupo, criando novas potencialidades e possibilidades de inserções na sociedade brasileira como a, inserção no mercado de trabalho ou um possível casamento.

Bourdieu (1983) concedeu uma entrevista¹⁸ sobre a construção do conceito de juventude na Sociologia, o autor desenvolveu algumas reflexões sobre suas impressões sobre os estereótipos envolvidos na temática, como por exemplo, a representação e divisão entre jovens e os velhos na sociedade contemporânea. Para o autor, as classificações por idade,

¹⁸ Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *LesJeunesetle premier emploi*, Paris, Association de Ages, 1978.

classe social, sexo, acabam tendo um papel de manter uma relação de ordem entre gerações, onde cada um deve ter e manter o seu lugar.

O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Se comparássemos os jovens das diferentes frações da classe dominante, por exemplo, todos os alunos que entram na École Normale, na ENA, etc., no mesmo ano, veríamos que estes "jovens" possuem tanto mais dos atributos do adulto, do velho, do nobre, do notável, etc., quanto mais próximos se encontrarem do pólo do poder. (BOURDIEU, 1983, p. 2).

Por isso tudo, Bourdieu (1983) diz que a idade é um dado biológico, mas socialmente manipulável. Isto é, a representação do jovem generalizado, entendido pela sociedade como um jovem único, já constitui uma forma evidente de manipulação. O autor ainda ressalta que, é preciso analisar as diferenças entre as juventudes, desconstruindo essa manipulação evidente em nossa sociedade.

Em relação à juventude evangélica, o artigo de Alves (2010), descreve o sentido em ser jovem de uma igreja pentecostal clássica, popularmente conhecida por AD (Assembléia de Deus). Essa pesquisa constitui uma análise sobre as múltiplas características do modo de vida do jovem na AD; no qual se desenvolvem segundo a autora, as escolhas de vida, conflitos e ambiguidades desse grupo.

Ser um jovem assembleiano, segundo Alves (2010), requer uma cisão de mundo específica, diferenciado dos jovens da sociedade em geral. Isso quer dizer, que os jovens adeptos da AD, se distinguem em algumas práticas.

“Ser jovem” no contexto pentecostal da AD implica seguir determinados padrões de conduta condizentes com uma separação da sociedade mais ampla – “do mundo” ou “do mundo secular”, e particularmente, de alguns de seus elementos “perigosos”, vistos como nocivos à vida cristã. Como corolário, implica um disciplinamento da mente e do corpo, de modo a se demonstrar a marca da santidade- “ser separado para Deus” (ALVES, 2010, p. 173).

É importante ressaltar, que mesmo se diferenciando, esses jovens fazem parte de um todo social maior. Essas configurações de fora da igreja, também colocam em xeque alguns elementos da identidade do jovem nesse espaço.

Temos que ter em vista, que um jovem evangélico não deixa de vivenciar certos conflitos postos à juventude brasileira. Esses jovens percorrem outras esferas além da igreja, aí cabem os desafios de vários locais de pertencimento, como a escola, por exemplo.

Para a autora, a categoria juventude, não pode ser vista como unificada ou idealizada, mas sim coberta de contextos, histórias e identidades. Em outras palavras, como já

mencionado por outros autores citados, não devemos olhar a juventude como categoria generalizada.

A classe social, gênero, cor, moradia, família são elementos que fazem parte de fronteiras internas, reforçadas ou não, a partir de outras variáveis. Alves (2010) aponta que essas variáveis funcionam como demarcadores de identidades, ou seja, essas variáveis funcionam como formadoras da identidade juvenil.

Ser jovem “criado no evangelho” e “convertido” não pode ser tomado de modo isolado de outras marcações, como aquelas referentes à escolaridade, à renda, à sua localização entre centro e periferia, além do gênero. [...] Isso certamente pode redundar em reações muito diversas, considerando-se os contextos e os capitais com que lidam nos espaços em que atuam (ALVES, 2010, p. 173).

Um dos aspectos a se discutir é a influência e participação dos jovens na igreja, a AD que é uma das maiores igrejas evangélicas no Brasil, mas que vem perdendo espaço, a partir das inserções de igrejas neopentecostais. Essas igrejas neopentecostais com forte aparato eletrônico e flexibilização das exigências de comportamento, exercem grande apelo ao recrutamento de novos adeptos, e o público alvo em grande medida são os jovens.

Dentro da AD, existem dois grupos diferenciados, segundo Alves (2010) jovens da AD que foram “criados no evangelho”, como os próprios jovens se autodenominam, criados em lares evangélicos; e os jovens AD convertidos.

O primeiro grupo de jovens tem os ensinamentos e o controle da família e comunidade bem efetivos em suas vidas, esse controle parte da ideia do papel desses jovens dentro e fora desse espaço. Isso passa por um compromisso fiel e firme com os preceitos religiosos. Além do mais, como esses jovens desde muito pequenos já estavam convivendo com a comunidade AD, haverá então uma apropriação da doutrina de forma mais enfática do que o outro grupo de jovens, mais novos no espaço.

O segundo grupo de jovens, chamados “convertidos”, formam seus costumes um pouco diferente do primeiro grupo. Esses jovens se convertem, mas não necessariamente passam pela socialização pentecostal assembleiano. Como não estão ligados a igreja AD a partir da família ou história da mesma, os jovens precisam provar a conversão no sistema religioso. Segundo Alves (2010), os novos convertidos precisam provar a saída do mundo de pecado, em um universo que o discurso e a prática devem estar alinhados.

Conseqüentemente, com esse grau de “provação” e de responsabilidade, os jovens mais novos assumem uma prática e um discurso com mais entusiasmo, já que resta a eles duas opções, assumirem a vida de um jovem AD ou sair da igreja.

É muito comum também nesses espaços, surgirem líderes, já que a ocupação de destaque e liderança dentro da AD é motivo de certo prestígio, além do mais, se torna um exemplo de fiel cristão aos adeptos.

Para Alves (2010), a finalidade dessa pesquisa foi enfatizar os jovens adeptos da Igreja Assembleia de Deus, discutindo as diferentes características desses, em um cenário dinâmico e multifacetado, onde os conflitos e as ambivalências de relações estão presentes, e esses se tornam ricos dados analíticos. Creio que o mesmo se aplique à minha pesquisa sobre o importante grupo de jovens da 1ª Congregação.

CAPÍTULO III. INTERGERACIONALIDADE E JUVENTUDE INDÍGENA NA 1ª CONGREGAÇÃO

Neste capítulo pretendo apresentar as relações de intergeracionalidade e política que envolvem os jovens da 1ª Congregação, a fim de observar se existem ou não tensionamentos e diferenças que possam existir com/entre essas juventudes da primeira geração de jovens indígenas e da segunda geração de jovens indígenas que frequentam a igreja. Nesse sentido, penso nos facilitadores ou não que fazem essa juventude indígena frequentar a igreja, como trabalho, educação, proteção, segurança dentre outros; pensar as relações intergeracionais entre anciãos e jovens da igreja; identificar o que atrai os jovens para a 1ª Congregação, e o que também aproximam outros jovens que não pertencem a esse grupo efetivamente.

3.1. Juventude indígena e a intergeracionalidade (DG1 e DG2)

Meu objetivo é relatar a ligação entre as gerações dos primeiros jovens indígenas da 1ª Congregação, conhecidos como DG1 – Despertaí Geração 1, que no final dos anos 80 ficou conhecida como um grupo de jovens atuantes nas igrejas indígenas presbiterianas, por se tratar de um grupo de louvor com grande visibilidade dentro e fora da igreja.

Falar sobre essa primeira geração de jovens indígenas da igreja se justifica no sentido de entender as relações de parentesco, alianças familiares e políticas que envolvem o grupo de jovens indígenas, foco de minha pesquisa. É fato, que a DG1 tornou-se uma referência para esses jovens indígenas de hoje, também conhecidos por DG2, bem como a geração que antecedeu esses primeiros jovens indígenas da 1ª Congregação, como é o caso do Sr. Guilherme.

Ronildo Jorge que foi o meu primeiro interlocutor, como já tido, é neto do Sr. Guilherme; bem como, professor em uma escola da aldeia, e também parceiro do projeto de pesquisa "Outros olhares, novos olhares: um estudo sobre a terra indígena de Dourados"¹⁹. Ronildo me apresentou ao seu avô, nessa ocasião proporcionando-me a oportunidade de apresentar o meu projeto.

Vale ressaltar, que várias vezes surgiu a indagação se havia interesse da comunidade da igreja com essa pesquisa, mas pude perceber que o tema da juventude indígena fazia e faz parte de suas vidas e que sim, essa comunidade deseja ser ouvida. Foi grata e feliz a resposta

¹⁹ACÇOLINI, Grazielle. *Outros olhares, novos olhares: um estudo sobre a terra indígena de Dourados*. Dourados: Projeto de pesquisa. UFGD, 2012.

que tive dos integrantes da igreja em diferentes momentos, legitimando e corroborando a importância do grupo de jovens indígenas da 1ª Congregação.

Como já mencionado anteriormente, Sr. Guilherme Felipe Valério, Terena, fundador e representante principal da 1ª Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil, conhecida hoje como 1ª Congregação. Chegou a Dourados/MS no ano de 1961, nasceu em 1927, veio da aldeia Bananal P. I. Taunay/Ipegue, Aquidauana, em Mato Grosso do Sul. A igreja foi fundada em 6 de fevereiro de 1961. Ele é o presbítero da igreja²⁰ (liderança com mais idade), que atua diretamente como liderança tanto na igreja como na aldeia Jaguapirú.

Quando chegou a Dourados, Sr. Guilherme não sabia falar Guarani. Hoje ele fala diversas línguas como a própria terena, inglês, português, guarani e francês. Segundo ele, fez estudo bíblico na Missão Batista desde jovem já que: “nasceu em um lar evangélico”. Mais especificamente na União das Igrejas Evangélicas da América do Sul (UNIEDAS), presente na aldeia Bananal, P. I. Taunay/Ipegue, pertencente ao município de Aquidauana/ MS.

Sr. Guilherme Felipe Valério é casado com a Sr. Maurícia Mariana; tiveram 8 filhos, entre eles Eliane Felipe Valério casada com Renato Jorge que são os pais de Ronildo Jorge, meu grande interlocutor na aldeia Jaguapirú.

No dia 08/12/2013 Sr. Guilherme falou que tinha interesse que estudassem a 1ª Congregação, e demonstrou alegria em ver o nosso interesse na igreja. No dia que conversamos, Sr. Guilherme estava junto de sua esposa Maurícia Mariana e seu cunhado, irmão de sua esposa, João Mariano que são todos Terena. Ficamos do lado de fora da sua casa e então Sr. Guilherme disse para eu pegar um papel que ele iria falar; rapidamente peguei algumas folhas que havia levado.

Nessa conversa ele relatou sua participação na constituição da igreja 1ª Congregação, segundo o mesmo a Missão Caiuá (também conhecida como Igreja da Missão Caiuá) instalou um local na década de 60 na aldeia Bororó. O reverendo de tal missão solicitou auxílio ao Sr. Guilherme para construir a 1ª Congregação na aldeia Jaguapirú, na mesma década de 60. Nessa Missão, Sr. Guilherme trabalhou com os americanos, metodistas e presbiterianos, tanto é que me explicou a diferença da pronúncia do inglês britânico e do inglês americano.

Quando veio para a aldeia Jaguapirú, Sr. Guilherme disse para a sua esposa: “Lá é bonito, cheio de mato!”, bem diferente da geografia atual da região de Dourados. Em uma das conversas que tive com ele, mencionou a mudança climática com o passar dos anos; na

²⁰Segundo Ronildo Jorge: Presbítero significa pessoa mais experiente. Exemplo: Sr. Guilherme Felipe Valério juntou-se com outros anciões (presbíteros), e formaram a igreja conhecida como 1ª Congregação. O termo usado, presbítero refere-se a denominação da igreja que é Presbiteriana.

época que chegou a Dourados, o clima era bem mais frio que nos dias atuais. No lugar da vegetação, das árvores deu-se lugar aos rebanhos de bois e hoje, a plantação de soja e milho.

Sr. Guilherme incentivou a formação do DG1 e incentiva o grupo DG2, não só no sentido de uma continuidade da comunidade da igreja, mas também no sentido da 1ª Congregação se colocar como local de ‘política’, onde há oportunidades para formação de novas lideranças interno e externo à igreja.

No intuito de entender melhor como se constroem as relações intergeracionais entre a primeira geração de jovens indígenas e a segunda geração de jovens indígenas da 1ª Congregação, fui à aldeia Jaguapirú no intuito de realizar uma entrevista com o missionário e pastor da 1ª Congregação Ezau Mamede e sua esposa François Mamede. Num sábado à tarde, reunimo-nos na casa dos entrevistados, localizada na entrada da aldeia.

Feixa e Leccardi (2010) apontam que existe uma “unidade geracional”, onde se elaboram vínculos de diferentes maneiras e formas de acordo com os grupos concretos aos quais seus membros pertencem. Através do conceito de geração, períodos históricos são fixados e entrelaçados com mudanças sociais. A geração é um período no qual uma identidade é construída a partir de recursos e significados que estão socialmente e historicamente contextualizados. Consequentemente, novas gerações criam novas identidades e novas possibilidades para a ação.

Os autores assinalam as gerações como lugar de dois tempos diferentes – o do curso da vida, e o da experiência histórica – são sincronizados. O tempo biográfico e o tempo histórico fundem-se e transformam-se, criando, desse modo, uma geração social.

Nesse sentido, para os autores existe uma relação entre estas duas dimensões, a história individual e a história social; a sociedade e a identidade social geram-se reciprocamente. Por isso,

Em outras palavras: não há padronização do tempo para medir ou prognosticar seu ritmo. Do ponto de vista sociológico, uma geração pode ter dez anos, ou como aconteceu nas sociedades pré-modernas, vários séculos. Pode incluir uma pluralidade de gerações biográficas ou, como na história de muitas sociedades tradicionais, apresentar apenas uma geração sociológica (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 191).

Não há uma regra geral para estabelecer a relação entre as gerações, cada uma vai se desenvolver conforme diversos fatores internos e externos a cada grupo. Por isso trabalhar com relações geracionais é desenvolver reflexões de diferentes possibilidades de socialidades. Essa relação geracional é o que norteou a entrevista com o pastor e missionário Ezau e sua esposa, ocorrida no mês de março de 2018, conforme relatada abaixo:

Existe diferença de jovem e adolescente? (Entrevistadora)

“O adolescente está se preparando para ser jovem. Todo adolescente na faixa etária dele começa ver o mundo diferente. O jovem indígena é mais maduro, mais entendido. Pensa duas vezes antes de falar ou responder. Já o adolescente é mais espontâneo” (Ezau Mamede, 46 anos).

“Renan é um jovem, já o Husai é adolescente, que está se preparando para ser jovem” (François Mamede, 41 anos).

A partir da mediação dos aspectos coletivos cristãos e das demandas geracionais são elaboradas as relações sociais do grupo. Ou seja, o olhar que o adulto indígena vai ter sobre diferentes temas é diferente da perspectiva do jovem indígena ou da criança indígena, mesmo que essas diferentes gerações pertençam ao mesmo grupo social. Como podemos observar na diferença de jovem e adolescente evidenciada na fala do pastor.

No caso da 1ª Congregação, os pais enxergam uma diferença perante a classificação de adolescente e jovem indígena, para eles, ser adolescente é estar num momento de preparação para se tornar jovem. Já os próprios jovens indígenas da igreja não percebem essas diferenciações, já que para os mesmos estar no grupo de jovens, é ser adolescente também, as duas categorias são sinônimos de pertencimento do grupo.

Para interpretarmos esses processos intergeracionais, Cariaga (2012) propõe situar o tempo das diferentes gerações, a fim de compreender como os mais velhos e os adultos conceituavam o modo como foram educados e, junto às crianças e os jovens, para entender as percepções atuais sobre o modo de ser criança. Em suma, há diferenças de como os adultos vêem os jovens, de como os próprios jovens se vêem e de como as crianças os enxergam. Por isso a necessidade de percebermos as transformações perante o modo de ser jovem indígena dentro da igreja em questão.

Como era ser jovem indígena na década de 80 e 90? (Autora)

“Na época não existia energia elétrica, era mais próximo das histórias dos pais. Todos se reuniam numa roda, era um contato mais direto com os pais, pois quando o pai chegava do serviço ficávamos juntos. Hoje é difícil colocar as crianças em roda da mesa, por conta da forte influência da tecnologia. Evoluiu a tecnologia e com isso tem se perdido alguns costumes” (Ezau Mamede, 46 anos).

Feixa eLeccardi (2010) indicam que embora a consciência geracional envolva a comparação com gerações anteriores, isto não constitui oposição a essas. As diferentes situações narradas por Ezau Mamede demonstram o processo da constituição da identidade jovem na igreja 1ª Congregação. Essas memórias estão atreladas à constituição da primeira

geração de jovens nessa comunidade indígena cristã. Com isso, surge na década de 80 a autoafirmação de ser um jovem indígena dentro dessa igreja.

A percepção que os mais velhos têm do “interesse” dos mais jovens está diretamente relacionada ao tempo que esses despendem ao seu lado. Só depois desse período preliminar, em que o interlocutor demonstra “respeito” e “interesse” ao ouvir pacientemente o que os velhos têm a dizer, os anciões [Sic] estabelecem uma relação de maior proximidade, na qual é possível demandar alguma narrativa. Essa proximidade é idealmente construída num longo período de interação e, portanto, como veremos, também tem uma relação direta com o vínculo de parentesco (NEVES, 2016, p. 90).

Como foi participar da DG1? (Autora)

“Tínhamos vontade de tocar e foi um desafio, porque no começo era órgão de metal. Aí houve mudanças, e vieram os instrumentos eletrônicos, como guitarra e contrabaixo. Isso aconteceu entre 88 e 89, na mesma época que surgiu a energia elétrica na aldeia” (Ezau Mamede, 46 anos).

Percebe-se a partir das memórias dos interlocutores que houve mudanças significativas no que tange as formas de socialidade do DG1; em poucas décadas o jeito de viver desses jovens indígenas mudou. Antes, os jovens indígenas viviam mais próximos dos pais e dos irmãos, hoje com os vários afazeres que os jovens indígenas desse grupo têm, o juntar-se com a família se tornou algo de poucos momentos no dia.

Ao mesmo tempo, a *facilidade* no manuseio desses equipamentos, sem dúvida, constitui um atributo dos mais jovens, já que crescem mais familiarizados na própria aldeia com o mundo de tecnologias digitais: telefones celulares, câmeras fotográficas e acesso a computadores, que passaram a ter conexão intermitente com a internet na aldeia a partir de 2010 (NEVES, 2016, p. 84).

Como você enxerga o protagonismo dos jovens indígenas da 1ª Congregação hoje, comparado com o seu tempo de jovem indígena?(Autora)

“Os jovens indígenas nos vêm como exemplos, contudo hoje, tudo é muito corrido. O que eu vejo é que antigamente eu não trabalhava, quem me sustentava era o meu pai, assim eu me dedicava exclusivamente para as atividades da igreja. Hoje os jovens indígenas da 1ª Congregação eles vão a faculdade, trabalho, por isso conciliar essas atividades é mais difícil. Mesmo assim eles se organizam, mas o sistema mudou” (Ezau Mamede, 46 anos).

“A primeira geração tinha tempo, mas menos condições, os jovens indígenas de hoje tem mais condições, mas menos tempo para se dedicar as atividades da igreja. Essas dificuldades existem” (François Mamede, 41 anos).

Percebo que, com diferenças, a geração anterior legitima a geração de jovens indígenas atuais da igreja, pensando na continuidade, e sendo uma referência para esses jovens indígenas da DG2.

Ser um jovem indígena hoje, não é a mesma coisa do que foi ser jovem indígena na década de 80 como foi falado. É importante frisar, que esta categoria relativamente nova entre os povos indígenas, teve e continua a ter mudanças significativas em pouco tempo.

Uma dessas mudanças se refere ao acesso a bens de consumo. Ao mesmo tempo que, como mostra Cariaga (2015), ocupar postos de trabalhos e serviços públicos, dentro e fora da aldeia, incorporam-se a outras formas de prestígio, com um domínio de saberes obtidos a partir da escolarização. Desse modo, transformam-se as potências de conhecimentos geracionais (inter e intra), como por exemplo, no que tange a tradição e a inovação.

Como o missionário Ezau relata acima, os jovens indígenas de sua época tinham menos condições, mas o tempo era algo que lhes sobrava, por isso participar da preparação e dos cultos era algo comum. Diferente dos jovens indígenas de hoje dessa igreja, que passam a ter acesso a outras atividades para além da própria, como trabalho e estudo, muitas vezes fora da aldeia. Por isso, na primeira geração de jovens indígenas da igreja, os ensinamentos vinham dos pais; no presente com o acesso desses jovens indígenas as mídias, o contato com os mais velhos também passa por tais intermediações, tanto que os mais jovens também são procurados pelos mais velhos para acessar tais mídias.

Apesar dos pais desses jovens terem um papel importante na legitimação desses saberes, esses jovens indígenas hoje possuem alguns conhecimentos que ajudam a resolver problemas em diferentes situações. Como por exemplo, montar slides e lidar com um computador.

Segundo Neves (2016) as novas tecnologias, aliado a agentes externos como o Estado, são fontes alternativas de conhecimento, e empoderamento dos jovens. Por isso, para esses, aprender novos tipos de conhecimentos atribui facilidade para lidar com essas transformações temporais.

Isso contribui para uma transformação dos processos de transmissão de conhecimento: se antes da chegada dos “brancos” existiam poucos saberes que já não fossem bem conhecidos pelos mais velhos, as relações interétnicas criam novos fluxos de informações e novos sujeitos que passam a deter conhecimentos sem ter que necessariamente envelhecer ou passar por processos de aquisição autorizada dos mais velhos para aprendê-los (NEVES, 2016, p. 94).

Feixa e Leccardi (2010) mostram as novas formas de solidariedade que estão surgindo entre as gerações. Apesar da tendência das gerações conviverem sob um mesmo teto menos tempo que no passado, os laços de afetividade entre as gerações não parecem estar enfraquecidos.

Novas formas são estabelecidas de socialidade, acompanhadas de práticas concretas destinadas a reequilibrar as diferenças entre as gerações por meio de intercâmbios.

O que pude observar na concretude desses intercâmbios é o arrecadamento de dinheiro, com o objetivo da permanência dos jovens indígenas da 1ª Congregação ingressantes no nível superior. Toda vez que um jovem indígena da igreja tem dificuldades em pagar as despesas referentes ao estudo, como por exemplos mensalidades, a comunidade da igreja se organiza a fim de colaborar com tal jovem.

Qual o papel dos jovens indígenas da DG2 na 1ª Congregação?(Autora)

“Dar continuidade, manter os nossos preceitos. Eu não estou permanente nesse mundo, uma hora vamos viajar para o outro lado. Nós devemos discipular às obras do Senhor e os jovens tem esse papel” (Ezau Mamede, 46 anos).

“Nós não somos mais sementes, quem são é os jovens, independente de ficar na 1ª Congregação, ou ir para outra igreja, eles são essa semente de continuidade das obras do Senhor” (François Mamede, 41 anos).

“Eu converso com várias pessoas que mostram a importância da nossa igreja. Ouço coisas do tipo: eu aceitei Jesus na primeira; eu casei na primeira. Isso quer dizer, de uma forma ou de outra, houve esse momento de transformação e a 1ª Congregação teve essa importância na história de várias pessoas. Não é fácil continuar um trabalho de 59 anos, e com uma história tão bonita, são vários os desafios” (Ezau Mamede, 46 anos).

Os pais dos jovens indígenas da 1ª Congregação os enxergam como a continuidade da igreja e dos preceitos cristãos. Garantir essa continuidade é papel desses pais, dessa geração anterior; desde cedo falam da importância que tem a história da igreja e, de como ela tem um papel determinante na vida de várias pessoas.

As sementes que eles plantam, como François disse, é o apoio e legitimação que os jovens indígenas recebem de seus pais.

Diante da fala do missionário Ezau, percebe-se a influência que tem em falar da história da própria igreja 1ª Congregação. Como ela foi a primeira igreja presbiteriana da Terra Indígena de Dourados, ela está atrelada a história das outras igrejas que se formaram depois. Por isso, muitos adeptos começaram sua vida espiritual na igreja e com o tempo foram para outra igreja. Isso representa o papel da história da primeira que foi pioneira no processo evangelizador das aldeias de Dourados.

“No mundo capitalista ajudar o próximo acabou. O meu pai matava um boi e dividia entre os vizinhos. Quando limpávamos a roça, todos ajudavam. Hoje não temos mais essa comunhão” (Ezau Mamede, 46 anos).

3.2. O protagonismo da juventude indígena na 1ª Congregação

Os jovens indígenas da 1ª Congregação pediram a minha ajuda para gravar um vídeo de introdução para a Noite de Talentos.

Esse vídeo foi pensado pelos próprios jovens indígenas como: NT-TV (Noite de Talentos – TV). O objetivo do vídeo segundo os próprios idealizadores, no caso os jovens indígenas da 1ª Congregação, foi deixar o culto com uma imagem mais autêntica e dinâmica perante os jovens e, de divulgar e estimular a participação dos jovens na própria Noite de Talentos.



Figura 5. Jovens indígenas na Escola Estadual Indígena Guateka – Dourados - MS. 1ª Congregação 16/06/2017.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Com esse objetivo no dia 16/06/2017, fomos juntos a Escola Estadual Intercultural Guateka – Marçal de Souza que disponibilizou uma sala de aula para que gravássemos os vídeos que os jovens tanto queriam. Durante as gravações, indaguei sobre a organização da Noite de Talentos, e de quais pessoas estavam envolvidas nesse processo. Segundo Kalini Pontes Mamede, o intuito da Noite de Talentos é valorizar os talentos dos jovens indígenas das aldeias de Dourados e, que o próprio pastor Ezau Mamede tem liderado a organização do evento, bem como Amirele e Nathi, jovens indígenas da igreja. Nesse mesmo dia fui convidada por um dos jovens a realizar a cerimônia do evento, confesso que foi uma surpresa feliz para mim, já que me oportunizou conhecer os meandros da organização da Noite de Talentos, além de ficar grata com o convite feito pelos próprios jovens, e os pais nos outros dias aprovaram e reiteraram o interesse da minha participação.

Durante a gravação muitas vezes paramos com a câmera semi profissional que levei, para pequenos ajustes sobre som, câmera e programação do vídeo.

A minha acessoria foi no sentido de oferecer as gravações com a câmera e alguns ajustes nos textos que eles pediam na hora, mas a edição dos vídeos ficou por conta dos próprios jovens.

Os jovens indígenas levaram o celular para gravar o som com uma qualidade melhor. Em um clima descontraído os jovens se divertiram com todo o processo de constituição do vídeo, contudo mesmo com as brincadeiras que alguns faziam quando ocorria um erro de gravação, ou uma fala errada durante o vídeo, todos estavam empenhados a construir o melhor vídeo possível.

Pude perceber que na visão dos jovens uma apresentação em vídeo na igreja é inovador e necessário, já que todos eles estão ligados nas mídias, principalmente a internet. Então para eles, existe a necessidade de ampliar os holofotes sobre os jovens e, que os mesmos possam mostrar as habilidades e demandas próprias por meio dessas mídias.

Conversei com os alguns jovens na casa de Renan, e alguns me relataram as dificuldades que tiveram para organizar e editar os vídeos que havíamos gravado. Renan me disse que por conta das provas finais da faculdade e, também por conta de problemas financeiros, os vídeos foram deixados para outra oportunidade.

Inclusive na semana anterior a Noite de Talentos, foi organizada a venda de espetinhos de carne e mandioca, na casa da mãe de Renan, mas que foi organizada por François Mamede (esposa do missionário e pastor Ezau Mamede), a fim de arrecadar um valor referente à mensalidade da faculdade de Renan. Ocorreu a venda dessas comidas durante cinco dias.

Essa é uma pratica que vem ganhando espaço na comunidade adepta da igreja, já que muitos jovens indígenas estão optando pelas faculdades particulares. As mensalidades e matrículas semestrais que são onerosas ao orçamento familiar, tornam-se uma constante luta por parte dessas famílias. Com isso, a arrecadação através da venda de rifas, almoços, vendas de lanches na igreja fica frequente, e ajuda a garantir a permanência desses jovens no nível superior.

No dia 15/07/2018, dia da Noite de Talentos, a igreja estava totalmente lotada sem nenhum lugar livre para sentar. Além disso, estava também decorada com luzes e desenhos, além do aparelhamento eletrônico, como projetor de mídias, caixas de som e todo aparato eletrônico necessário para o momento.

Muitos jovens indígenas de outras igrejas se fizeram presentes nos dias de festa na 1ª Congregação como: Comunidade Vinhedo (Presbiteriana) e a Monte Sião (Batista), ambas de Dourados. Esse público que frequenta as festas da 1ª Congregação procura estar presente pela fama que os jovens indígenas exercem nessas comemorações. Isso quer dizer, os jovens

indígenas e não-indígenas que frequentam esses momentos de festa reconhecem que esses são uma referência no que tange ao louvor, aspecto valorizado pelas igrejas presbiterianas.

Pode-se perceber, pelas falas informais que estar presente em um culto com o grupo de louvor e banda DG2 é algo emocionante para esses jovens vindos de outras igrejas. Além disso, percebe-se novamente o movimento das redes de interesses e demandas em comum que integram esses jovens, faculdade, trabalho, apoio financeiro e do grupo no geral, no sentido de reafirmação de alianças que extrapolam a igreja.

Louvar, cantar, dançar se tornam referências de união entre esses jovens indígenas de dentro e de fora da igreja, falar de Deus para além da convencional leitura da Bíblia que está presente nos discursos dos pastores, missionários e dos próprios jovens. Integram-se outras formas de reafirmar a pertença a essa identidade cristã; rapidamente formam-se fileiras de jovens um ao lado do outro, regadas de momentos de forte emoção, onde muitos se apoiam com mãos dadas, abraços e choros espontâneos.

No início da Noite de Talentos Renan e Amireli tomam a frente da oração inicial direcionada à identidade do jovem cristão. Segundo os dois, os jovens não devem deixar de ser o que são por conta da vontade de outras pessoas alheias as pretensões de Deus. Mas sim, cada um deve seguir à vontade de Deus, e é a partir de suas escolhas que poderão perceber se estão ou não no caminho certo.

Nesse momento iniciei a minha participação de boas vindas para todas as igrejas participantes, e as pessoas presentes. Confesso que foi estranho estar nessa situação, nunca tinha participado como cerimonialista, mas a experiência rendeu várias observações. Tiveram vários escritos na Noite de Talento, contudo, na hora de eu chamá-los, muitos jovens não estavam no local. Nesse momento, foi no improviso que chamei outros participantes.

Chamo a atenção, para a quantidade de louvor solo presente nesse culto, no geral foram oito apresentações, divididas entre cinco de louvor solo acompanhado de banda, duas de dança e uma de teatro; a apresentação mais solicitada a todo o momento pelo público era da banda DG2 da 1ª Congregação; muitos jovens indígenas evidenciavam a vontade de ver a banda de louvor através de aplausos, gritos e assobios.

Apesar da grande vontade em assistir as apresentações da DG2, os jovens visitantes no começo ficaram um pouco tímidos. Contudo, após o Renan chamar a todos a frente do púlpito, ao mesmo tempo em que desligou as luzes, a maioria começou a ocupar esse espaço e durante a apresentação os jovens indígenas e não-indígenas participaram de danças e pulos, muito similares a um 'show'. Um momento de forte descontração e animação para os presentes.

Os jovens indígenas da 1ª Congregação, são uma referência para os jovens de outras igrejas. O comprometimento desses com a atuação e organização das atividades da igreja, juntamente de um louvor que faz referência ao passado da primeira geração de jovens da DG1, faz com que grande parte do público das igrejas indígenas evangélicas, de várias denominações, se façam presentes nos cultos especiais e de comemoração.

Além disso, é enfatizado no discurso dos pastores, missionários, palestrantes e dos próprios jovens indígenas, que “construa o seu amor na igreja”, referindo-se que se for para o jovem namorar, que essa pessoa faça parte da igreja, e que os namorados vivam o amor que Deus quer.

Em uma sexta-feira chuvosa de junho de 2015²¹ tive a oportunidade de participar do Culto da Amizade. Realizado do lado de fora da 1ª Congregação, em um salão feito de madeira, onde se instalava a antiga 1ª Congregação. Não por coincidência, nesse dia se comemorava o dia dos namorados.

Com o passar do culto percebi o significado dessa data, para aliar dois temas a amizade e o amor. Em um primeiro momento Renan Mamede chamou a irmã da 1ª Congregação Eliete de Souza da etnia Terena que acompanhava o grupo de jovens indígenas na 1ª Congregação, para trazer uma mensagem para todos, mas principalmente para os jovens.

A mensagem vinha no sentido de dizer aos jovens indígenas que há como conciliar amizade e amor; todos deveriam namorar seu melhor amigo ou sua melhor amiga; o propagado é que seu amigo (a) te conhece melhor que um desconhecido, e sabe seus defeitos e qualidades; por isso a data do Culto da Amizade propõe conciliar o amor e a amizade.

O local estava todo decorado com corações vermelhos, tecido vermelho, mesas com toalhas vermelhas. Com isso, percebe-se que são afirmações a incentivar as alianças de relacionamento e parentesco entre os jovens indígenas da própria igreja e, essas afirmações fazem parte do discurso dos próprios jovens indígenas.

Em um momento em particular, os mesmos chamaram alguns casais para dar um testemunho de amor no altar. O primeiro que foi chamado foi o Ezau Mamede, agora missionário e pastor participante da DG1 declarou-se para a sua esposa François Mamede Monteiro, evidenciando a importância em se ter cumplicidade e amor no casamento.

Já em 2018, soube do VII Acampamento de jovens e adolescentes quando fui adicionada no grupo de WhatsApp, intitulado: Organização Acampamento 2018. Esse acampamento foi realizado nos dias 10,11 e 12 de Fevereiro de 2018, feriado de carnaval e

²¹SILVA, Lilian Luana da. Os jovens Terena da 1ª Congregação presente na Terra Indígena de Dourados. Entrevista concedida no dia 15/06/2015, Dourados/MS

ocorreu na Missão Evangélica Caiuá de Dourados. O tema desse evento: “Não deixe o mundo te separar do amor de Deus” (Romanos 8: 35/38-39).

Nesse evento os jovens pernoveram três noites no local, separadamente meninas e meninos, por isso as salas de aula da Missão Caiuá foram reservadas para cada grupo visitante de igrejas de fora, pois o evento congregou várias outras, para além da 1ª Congregação.

Segundo o pastor e missionário Ezau Mamede: “o acampamento é feito por eles e para eles”, referindo-se sobre a organização e o objetivo do acampamento, em alcançar os jovens indígenas evangélicos da região de Dourados e de fora também.

Nesse sentido, procurei participar ao máximo que pude das atividades envolvendo os jovens da 1ª Congregação. Esses estavam diretamente ligados a organização das atividades do acampamento, como organização das brincadeiras, jogos, atividades esportivas, da decoração e dos louvores; a estrutura referente a instalações e alimentação ficou a cargo dos mais velhos. Por isso, penso em relatar os momentos mais marcantes envolvendo essa geração de jovens indígenas.

Durante o segundo dia de acampamento houve a apresentação da DG1-primeira geração de jovens indígenas da 1ª Congregação. Essa apresentação foi emocionante para os presentes e os jovens de várias igrejas seguiram o louvor com abraços e brincadeiras à frente do púlpito.

A maioria dos integrantes da DG1 que teve sua formação em 1989, são casados entre eles mesmos e hoje, tem filhos que participam dos ministérios de louvor e dança da 1ª Congregação. O parentesco dentro da igreja é algo que vem se configurando a reforçar as relações políticas e de parentesco entre as famílias, já que as uniões de namoro e casamento ocorrem entre os adeptos da própria igreja.

As duas principais atividades envolvendo os jovens da 1ª Congregação, “Noite do Pijama” e a “Noite de Gala”, todos esses jovens estavam envolvidos na organização e estrutura necessária.

Na primeira noite, a Noite do Pijama (sem pijama, com roupas do cotidiano) começou logo após o culto que terminou por volta das 22h00min. Logo após, os jovens indígenas foram chamados para um sobrado dentro da Missão Evangélica Caiuá. Esse sobrado estava todo decorado com luzes de natal, flores de papel crepom, mensagens de divulgação do acampamento. Além da estrutura de mesas compridas de madeira com bancos.

Durante essa noite pude perceber a diferença da faixa etária média dos jovens que estavam presentes no acampamento, a grande maioria com idade entre 11 a 17 anos. Os jovens da 1ª Congregação tem uma faixa etária mais ampla, partindo dos 12 aos 27 anos.

Por isso, as atividades pensadas pelos próprios jovens da 1ª Congregação, para essa moçada indígena mais nova foi brincadeiras como ‘quebra gelo’ e futebol de olhos vendados. Renan tomou a frente da organização das brincadeiras. Essas brincadeiras oportunizaram um momento de descontração e integração entre eles. Após esse momento todos foram descansar por volta das 23 horas.

No outro dia tivemos a oportunidade de acompanhar a “Noite de Gala”. Novamente depois de um longo culto que começou as 19h00min e foi até as 23h00min; o intuito dessa noite, segundo algumas conversas informais com os organizadores, é o de integrar os jovens indígenas e oportunizar que os mesmos possam conhecer novos amigos.

Nessa ocasião, cada jovem indígena buscou um parceiro (a), a fim de entrar em uma passarela com tapete vermelho juntos. Novamente Renan toma a frente do microfone chamando os casais, dupla por dupla, para entrar na passarela. Os primeiros casais foram os casais adultos ‘casados’ de dentro e de fora da igreja, logo em seguida os jovens tomaram a frente.

Toda vez que entrava uma nova dupla, novamente era puxado uma salva de palmas com assobios e até gritos dependendo do casal. Depois dessa atividade, começou a ser servido o jantar. Presenciei o cansaço de todos os jovens da 1ª Congregação, que enquanto todos estavam na fila para o jantar, debruçavam em cima da mesa, era visível a exaustão de cada um deles por conta de toda a organização.

No que pude me envolver direta e indiretamente a partir de conversas informais, percebi uma particularidade desses jovens indígenas em específico. Essa maturidade espiritual, que alguns deles demonstram ter, está ligada a esse comprometimento em protagonizar atividades na igreja, que envolva os jovens inclusive de outras igrejas. Dar conta dessas atividades não é algo fácil, diante de todas as responsabilidades externas presentes na vida de cada um deles.

Em uma conversa informal, Renan comentou sobre as dificuldades em conciliar os estudos e as atividades da igreja, mas reiterou que, em sua vida hoje, “a maior prioridade são as obras do Senhor”. Por isso, para esses jovens indígenas da 1ª Congregação o sentido de suas vidas está em Deus e, conseqüentemente os intermediários nesse processo são os pastores, missionários, palestrantes, entre outros, ou seja, a geração mais velha. Além disso, a igreja tem um papel simbólico de uni-los, tanto que a maioria das atividades é idealizada na própria igreja e tendo a igreja como foco de agregação.

3.3. A juventude indígena da 1ª Congregação fala: “A religião prende, Deus liberta!”

Estive conversando com Renan sobre a possibilidade de realizar uma entrevista coletiva com os jovens indígenas da 1ª Congregação, então ele marcou a entrevista para o dia 04 de março de 2018. Ele sugeriu que a entrevista fosse após o culto de domingo à noite, então marcamos para tal data.

Depois do culto de domingo, Renan chamou todos os jovens indígenas da 1ª Congregação a permanecer no local. Na fala ele chamou a atenção para o intuito da entrevista, de construir a minha “tese” sobre os mesmos.

Dirigimo-nos para fora da igreja, no salão aberto ao lado. A princípio coloquei uma toalha colorida em cima da mesa de madeira e todos ficaram sentados ou em pé, como também ao redor da mesa.

Nesse momento, Renan me apresentou novamente e fez uma fala no sentido de agradecer a dedicação e tempo, que segundo ele estou estudando a igreja, mais ou menos há três anos. De fato, já que iniciei esse percurso ainda na graduação.

Por isso logo a seguir, numa tentativa de conhecê-los melhor, passei uma ficha pedindo alguns dados básicos sobre os jovens indígenas presentes, a grande maioria filhos de membros da igreja, conforme enumerados no quadro abaixo.

Nome	Idade	Etnia	Escola	Filiação
Rozi-clene R. Martins	20	Guarani	UNIGRAN	Rosana Martins Pai falecido
Renan Mamede Rodrigues	21	Terena	UNIGRAN	Terezinha Mamede Rodrigues Edilson Rodrigues
Gabriel Martins Felipe	13	Terena	ESCOLA ARMANDO CAMPOS BELO	Talita Martins Édio Felipe Valério
Husai Monteiro Mamede	15	Terena	ESCOLA E. INDÍGENA GUATEKA	François Monteiro Mamede Ezau Mamede
Jordson C. A. Sanches	N/C	Guarani	ESCOLA E. INDÍGENA GUATEKA	Jorge Sanches Jucelange Rodrigues Sanches
Rodner Rodrigues Cáceres	12	Guarani	ESCOLA E. INDÍGENA GUATEKA	Lucio Cáceres Cailene Rodrigues Cáceres
Jorge Sanches Junior	21	Kaiowá	ESCOLA E. INDÍGENA GUATEKA	Jorge Sanches Jucelange Rodrigues Sanches

Amireli Porto Machado	21	Guarani	UEMS	Almires Machado Marinez Porto Machado
Bruno MonteiroMamede	23	Terena	UNIGRAN	François Monteiro Mamede Ezau Mamede
NatáliaJoaquim	27	Terena	UNIGRAN	CarlitoJoaquim ElenirJoaquim
Julia Rodrigues Pinheiro	18	Terena	UFGD	Vania Rodrigues Pinheiro Rubens Pinheiro
Abner Rodrigues Cáceres	N/C	Guarani	UNIGRAN	Marlene Cáceres LucioCáceres
Jhoy R. Sanches	15	Guarani	UFGD	Jorge Sanches Jucelange Rodrigues Sanches
Juliene R. Pinheiro	14	Guarani Terena	ESCOLA SESI	Vania Rodrigues Rubens Pinheiro

Quadro 1. Relação dos jovens indígenas entrevistados

Fonte: Elaborado pela autora

*N/C: Nada consta, alguns não declararam a idade.

O intuito de realizar a entrevista foi a de marcar algumas práticas e crenças envolvendo os jovens da igreja pesquisada. É necessário dizer que é um recurso do método etnográfico. Isso quer dizer, que as entrevistas não são a principal metodologia utilizada. Contudo, as palavras “não ditas” no cotidiano desses interlocutores, deixam brechas e, a entrevista se torna mais um recurso importante abrangendo a construção de mundo desses sujeitos.

A partir das conversas informais que tive anteriormente com o grupo de jovens indígenas da 1ª Congregação, elaborei algumas questões que lancei nessa entrevista semiestruturada, tendo em vista alguns temas que considerei relevantes e recorrentes em suas falas.

Existe diferença entre jovem e adolescente? (Entrevistadora)

“Rodner tem 12 anos e ele já é um adolescente! Para nós ser jovem ou adolescente é a mesma coisa. Ele participa das atividades do grupo de jovens da igreja” (Renan Mamede, 21 anos).

Percebe-se que há um processo do rito de passagem da juventude para a fase adulta, a partir do casamento.

Pude acompanhar a realização de um casamento na 1ª Congregação no dia 24 de setembro de 2016, como em um casamento típico cristão, um noivo e uma noiva com um grande número de padrinhos no casamento, mas o que ficou mais evidente foi a figura do Sr. Guilherme que continua sendo referência de tradição na igreja, o próprio Sr. Guilherme levou a noiva ao altar.

Com uma pregação baseada na mudança, agora segundo o pastor, os noivos deixavam de ser jovens e a partir de uma escolha, ingressava-se na fase adulta, momento em que constituem uma família, e essa traz responsabilidades diferentes das de antes. Essa fala nos mostra que o casamento é um rito de passagem da juventude para a fase adulta. Por isso, ser jovem não está implicado na idade e sim nas escolhas de vida. “O jovem deixa de ser jovem quando casa”. Exemplo, a partir do momento que Bruno e Amireli casarem, eles não serão mais jovens. Mas serão esposo e esposa (Renan Mamede, 21 anos).

O que é a espiritualidade para você? (Entrevistadora)

A espiritualidade é aquilo do meu espírito, daquilo que Deus é. Isso na minha visão evangélica, na visão cultural aí é outra coisa! Não sei se eu já te falei da relação Guarani, Terena e Kaiowá, por que a espiritualidade é diferente. A espiritualidade é quando você acha a sua paz interior. Quando você ajuda uma pessoa que não tem o que comer em casa, para o Guarani essa é a espiritualidade. Agora falando da minha vida com Deus, espiritualidade é o que ‘ele’ é amor e bondade. A gente não leva a cultura em consideração na religião. A nossa crença religiosa é outra coisa. Independente da cultura, por exemplo, temos as três etnias na igreja. Isso quer dizer, que independente da cultura, todos podem se envolver com Deus. Como o congresso que organizamos, Em Cristo Somos Um! (Amireli Porto Machado, 21 anos).

Eles não deixaram de ser Guarani, Kaiowá e Terena, mas esses modos de vida próprios de cada etnia fazem parte do pertencer à igreja cristã. Tanto que, quando pergunto a ordem do título da igreja: indígena/presbiteriana, os interlocutores jovens indígenas falam que tanto quanto são evangélicos, são indígenas também e, isso os une, mas que ser cristão está cotidianamente implicado em suas práticas de vida, isso significa que uma não exclui a outra. Como podemos perceber na fala: “A diferença é que o indígena na nossa igreja vem na placa, nome da igreja, por que está ligada a nossa identidade cultural” (Amireli, 21 anos).

Qual o papel das redes sociais na organização e vida dos jovens indígenas? (Entrevistadora)

Um dado interessante é a divulgação dos cultos na internet, os jovens indígenas da 1ª Congregação tem usado o Facebook para difundir o culto, promovendo assim a integração entre o maior número de jovens indígenas e também não-indígenas. São usados outros meios de comunicação entre o grupo de jovens da 1ª Congregação, como Tinder, Instagram e WhatsApp.

Esses aplicativos de celular tornam-se ferramentas onde os mesmos trocam ideias, organizam os cultos: “As pessoas usam muito o celular, por isso é importante a divulgação nesses meios.” (Natália Joaquim, 27 anos); “A página do Facebook facilita bastante na divulgação dos eventos da igreja, assim aproxima mais as pessoas de dentro e de fora. É o meio mais fácil, pois todos têm acesso.” (Bruno Monteiro Mamede, 23 anos); “A ‘Tata’ ou

Natália organiza toda essa estrutura para os eventos e cultos. A Natália é responsável em digitar slides, mandar mensagens de WhatsApp, ela é a pessoa encarregada” (Renan Mamede, 21 anos).

Como você enxerga o protagonismo dos jovens indígenas da 1ª Congregação, bem como as juventudes indígenas das outras igrejas? (Entrevistadora)

Aqui é uma aldeia mais urbanizada e isso é nítido, por exemplo, no acampamento. No acampamento percebemos que os jovens indígenas de outras aldeias não se misturavam muito. Os nossos papéis como organizadores era quebrar esse gelo e integrar os jovens (Julia Rodrigues Pinheiro, 18 anos).

É necessário ressaltar a complexidade do contexto pluriétnico da Reserva de Dourados e, tendo em vista a proposta desta pesquisa, que os contatos interétnicos e as transformações daí advindas, devem ser vistos como um fator organizador de tal comunidade.

Como no caso dos jovens indígenas da 1ª Congregação, que vivem na Terra Indígena de Dourados, mas que trabalham e/ou estudam na cidade, fator que incentivou, gradativamente, as transformações de seu modo de vida. Isso significa que seu cotidiano é diferente dos jovens indígenas de outras aldeias do Estado, bem como, também de outros perfis de jovens indígenas das aldeias de Dourados.

Dito isso, envolvendo o campo religioso, as transformações foram bem significativas, especialmente diante do contato com as doutrinas cristãs a exemplo da 1ª Congregação, instituições religiosas como o catolicismo, o protestantismo e o pentecostalismo ou neo pentecostalismo. “Por falarem a língua materna, esses jovens indígenas de fora se fecham, acredito que seja por medo de eles falarem errado, e assim acontecer risos e piadas” (Bruno Monteiro Mamede, 23 anos).

A categoria juventude indígena não pode ser analisada a partir de critérios rígidos e universais, é preciso que se perceba a partir de um processo que enfatiza as experiências dos indivíduos decorrentes do contexto cultural e de transformação constante. Nesse caso, os próprios jovens indígenas da 1ª Congregação, afirmam a sua identidade a partir das diferenças dos jovens indígenas de outras localidades, por isso reitera-se a importância de teorias como a do antropólogo Frederik Barth (1998) que evidencia a identidade étnica como relacional e situacional. Isso quer dizer, que nos afirmamos em nossa identidade étnica dependendo do contexto em que estamos inseridos e da necessidade.

“Muitos falam que o jovem é o futuro da igreja, mas eu discordo, a gente é o presente, nós fazemos o presente. Nos jovens temos o nosso jeito de adorar, de louvar, um jeito próprio nosso e, por isso somos o presente e não o futuro apenas” (Julia Rodrigues Pinheiro, 18 anos).

Sabe-se que a ideia genérica do jovem como projeto para o futuro é recorrente no discurso de várias pessoas inclusive os não-indígenas, mas aqui eles já se colocam como protagonistas no presente, influenciando não só na igreja como em aspectos da cultura e organização social.

Para entendermos como se dá as dinâmicas intergeracionais em determinadas etnias Cariaga aponta que:

Para algumas mulheres Kaiowá, as crianças crescem sem conhecer os valores “tradicionais” que regem o modo de ser e viver Kaiowá; porém, ao observar o cotidiano, seja nos espaços familiares ou nos espaços coletivos, conversando com os jovens, pude observar que eles conhecem e vivenciam os valores que os identificam como pertencentes ao grupo – nande/ore reko. Contudo, o que muda são os enunciados sobre como interpretam as transformações no modo de ser. Segundo o professor Otoniel, este tensionamento se deve ao fato de que os mais velhos “*não entendemas crianças e jovens de hoje*”. Avalio que tal compreensão é uma leitura dos jovens sobre as dinâmicas intergeracionais, uma vez que eles são detentores de certos conhecimentos que os mais velhos e os adultos não manejam. Esse conhecimento pode não ser aquele identificado enquanto tradicional aos olhos dos mais velhos, mas, para as crianças e jovens, tais transformações são expressões da socialidade contemporânea que os singulariza perante a história do grupo. (CARIAGA, 2014, p.41).

Fazer parte da juventude requer um jeito próprio de relação com a espiritualidade, o que já constitui um efetivo protagonismo por parte desses. Os jovens indígenas, nesse caso são o tempo presente da igreja. Essa ideia de valorização do futuro por parte dos adultos se coaduna já com a perspectiva de continuidade.

O que você pensa sobre os jovens que não vão à igreja? (Entrevistadora)

“Temos que alcançar os jovens, de alguma forma, temos que fazer a diferença na vida desses jovens que não frequentam a igreja, temos que ir nesses outros pontos de encontro na aldeia” (Julia Rodrigues Pinheiro, 18 anos).

A visão evangelizadora está presente no grupo de jovens indígenas e esta se pauta na preocupação do estado da espiritualidade dos outros jovens indígenas. Essa experiência vem de um esforço efetivo de evangelizar, aspecto mais que frisado na doutrina.

“A Julia como é líder de dança, tem um poder muito grande nessa questão evangelística, onde se propõe alcançar essas pessoas. Tanto no louvor, como a dança são formas de alcançar esses jovens de fora. Existem pessoas que são contra isso. Mas mesmo assim esses jovens são uma grande preocupação para nós” (Renan Mamede, 21 anos).

Acho que deveria ser mais unida. Acho que se todos da igreja se unissem. Acho que se todas as igrejas se unissem, sairia um trabalho muito bom para as pessoas que estão de fora. Por que eu tenho vários amigos fora da igreja, por exemplo, os que eu jogo futebol, esses meus amigos também são amigos de pessoas de outras igrejas, mas essas pessoas não fazem a sua parte. Eu tenho que fazer a minha parte, que é

chamar esse amigo para a igreja, como também falar algo bom para ele. Às vezes esse amigo passa por algum problema e temos que esquecer as fofocas, para falar coisas boas como Deus te abençoe (Bruno Monteiro Mamede, 23 anos).

O discurso desses jovens indígenas legitima a espiritualidade como um dos principais respaldos para a solução de diferentes tipos de dificuldades. A fé, ela tem um papel fundamental, inclusive quando exige algumas práticas como é o caso da dificuldade da permanência dos jovens no nível superior. Nessa prática, que demonstra o apoio dos integrantes da igreja na arrecadação de um valor em dinheiro, tem como base a fé que Deus vai proceder para a melhor possibilidade. Nessa formação espiritual, o agir de Deus faz com que essa comunidade se organize e se movimente a fim de conseguir o objetivo almejado.

O que é o namoro para vocês? (Entrevistadora)

“É um compromisso, para conhecer se aquela pessoa é a certa para você seguir a vida juntos, se vai ser uma boa esposa ou esposo. No meio religioso existem várias etapas, como a oração” (Bruno Monteiro Mamede, 23 anos). Diante disso entramos no tema do namoro. Como já foi dito antes, a passagem para a vida adulta é o casamento, se isso ocorre nesse momento, o que antecede todo esse processo de mudança é o namoro. Esse namoro cristão, como é chamado pelos próprios jovens indígenas, demanda várias etapas e uma maturidade para lidar com esse compromisso.

A partir dessa perspectiva, existem alguns pressupostos imorais nessa identidade cristã, como é o caso do sexo, que só pode ser feito após o casamento, com um ambiente de amor e responsabilidade por parte do casal, algo visto de uma forma muito íntima. Como afirma, Julia:

O namoro cristão, não é um namoro qualquer, onde pode, por exemplo, fazer sexo. O nosso namoro não é um namoro do mundo. Para nós, o namoro é um compromisso, a partir do momento que você mesmo percebe que está maduro e os pais abençoar, aí depende de você e da pessoa orar e não pecar (Julia Rodrigues Pinheiro, 18 anos).

Segundo Dantas (2010), o protestantismo manteve o discurso de desconfiança e a apreensão sobre a sexualidade, que vigorava na igreja católica. Com a necessidade de intervir nas condutas sexuais de seus fiéis, desenvolveram-se dispositivos de internalização do código moral, formando e sendo uma grande referência no comportamento afetivo dos fiéis.

Contudo, à imagem de igreja espontânea e pouco tradicional, opõe-se a rigidez dos códigos morais e das regras de conduta sexual. A igreja assume uma postura conservadora quando o assunto é sexualidade. O discurso eclesial que normatiza e regula a vida sexual e afetiva dos fiéis é transparente, direto e assertivo. O sistema de regulamentação da atividade sexual encontra-se claramente definido e é transmitido ao público jovem através de uma linguagem informal e divertida, porém

incisiva. A igreja demonstra demasiado interesse pelo comportamento sexual e ritualiza o controle da sexualidade, colocando-a no centro da sua atenção (DANTAS, 2010, p. n/c).

“Às vezes a gente vê em filmes e séries, que o jovem (a) chega em casa com um namorado (a) e já chega apresentando. Para nós não acontece assim, primeiro nós pedimos a opinião dos pais, por isso é muito importante essa aprovação dos pais” (Bruno Monteiro Mamede, 23 anos). Além da referência reguladora da sexualidade por parte do protestantismo, que tem o papel de apresentar regras e limites claros, há também a referência do pai nessa orientação de namoro. Como é possível observar na fala de Amireli:

Eu e Bruno nos interessamos um pelo outro. Tivemos um processo de oração durante o namoro. Antes de namorar, o interesse dos dois, começamos a orar para Deus nos direcionar. E depois Deus deu sinais dessa aprovação. Logo cada um falou com seus pais. Depois Bruno foi conversar com a minha mãe, e ela abençoou. Depois eu fui falar com os pais de Bruno e os pais dele nos abençoaram. Depois tivemos um almoço para unir as famílias (Amireli Porto Machado, 21 anos).

Ao contrário da igreja Bola de Neve, Dantas (2010) fala que o pastor deve ser consultado, na igreja 1ª Congregação, a "permissão" e bênção a oficializar esse compromisso são papéis dos pais dos jovens indígenas.

A gente pede na oração, Deus me mostre à pessoa certa! Depois dessas orações, como também durante, Deus dá sinais bem claros do caminho a seguir. Como por exemplo, a gente tem planos de ter uma casa, e Deus vai abençoando cada detalhe, e nós vemos isso como um sinal positivo (Amireli Porto Machado, 21 anos).

De acordo com Dantas:

A igreja impõe um longo processo de ritualização do namoro, que consiste em uma série de procedimentos institucionalizados que o regulamentam. Antes de começar a namorar, os cristãos devem seguir um demorado ritual. A eles é prescrito que façam orações para receber a autorização divina (DANTAS, 2010 p. n/c).

A gente vai fazer 4 anos de namoro. O namoro para mim é uma preparação para o casamento. Perceber as qualidades e defeitos, para conhecer um ao outro. No ano que vem iremos noivar, nossos pais também nos abençoaram, e também as famílias se conhecerem. Os pais dele são crentes, a minha mãe não, mas houve esse processo de aprovação das famílias. Creio que a oração tem um sentido de pedir a Deus qual o melhor caminho a seguir (Roziclene R. Martins, 20 anos).

Para Dantas (2010), o (a) jovem cristão passa por inúmeras dificuldades nessa espera, pois essa relação, "arranjada" por Deus, será bem-sucedida. Esse aguardo pelo parceiro perfeito para a sua vida será recompensado, a partir da escolha dada de Deus, e essa espera se torna a garantia da durabilidade do relacionamento.

Por isso, divulga-se segundo Dantas (2010), a ideia de que a escolha livre do indivíduo é equivocada e confusa, podendo resultar em relações frágeis e gerar frustrações amorosas.

Como você acha que deveria ser a juventude indígena? (Entrevistadora)

Quando era solteira, eu era de uma igreja da cidade. Eu só estudei um ano na reserva, os outros anos foram na cidade. Então eu consegui ver a diferença de um jovem indígena, para um jovem não indígena. Lá na outra igreja, os jovens eram unidos dentro e fora. Quando marcavam para lavar a igreja todos apareciam. Aqui todos têm muitos compromissos, aí dificulta nessa organização (Amireli Porto Machado, 21 anos).

Uma grande parte dos jovens indígenas da 1ª Congregação trabalha e estuda na cidade, por isso os ensaios dos cultos, por exemplo, ocorrem de maneira esporádica. São jovens indígenas que vivem as dificuldades de conciliar diversas tarefas, inclusive a financeira como já foi dito antes.

Essa observação de Amireli refere-se a uma tentativa de reiterar a importância de priorizar as atividades na igreja, ela deixa claro, que é possível sim com esforço e organização dar prioridade nas demandas da própria igreja.

Ainda segundo Dantas (2010), é necessário precaver-se de tudo que é 'obsceno'. O cristão precisa, a todo instante, estar atento a si, ser um exemplo a todas as pessoas. Por isso, cada pensamento, palavra e conduta devem ser observados. Por isso, é preciso vigiar-se constantemente para evitar maus exemplos para afastar o perigo que o "mundo" oferece.

"Outra questão, é que devemos ser a Bíblia que as outras pessoas não vêem. Na minha faculdade, no meu curso de Direito é muito pesado. As meninas elas saem com vários meninos, falam muitos palavrões, elas saem com roupas inapropriadas, bem curtas mesmo, e elas são pessoas que não preservam o corpo. É o que para nós mulheres cristãs são ensinadas diferentes. Na faculdade falam que eu não uso shortinho, que eu não falo palavrão. Isso é o reflexo do que Deus quer da gente, e ser esse reflexo para outras juventudes" (Amireli Porto Machado, 21 anos).

Para esses jovens indígenas a liberdade tem haver com a espiritualidade e as vontades de Deus para eles, escolher livremente sem esses preceitos espirituais como eles mesmos falam, pressupõe temer fazer a escolha errada. Eles acreditam que renunciando à liberdade de escolha a que tem direito, e aceitar de forma resignada as "decisões divinas" é a garantia de que estará tomando a decisão certa.

Na Igreja Presbiteriana é possível observar uma grande referência ao louvor, a pregação e também na oração. Atividades mais comedidas são exaltadas pelos mais velhos. Já os jovens sentem uma necessidade de explorar a espiritualidade a partir de atividades mais

dinâmicas e mais envolventes com a sua realidade, como por exemplo, o louvor com dança, pulos e abraços.

“Devemos ser esse reflexo diferente. No meio cristão é costume dizer que a religião prende, mas que Deus liberta. Deus é liberdade, Jesus é liberdade. E o que seria essa liberdade? Não é a liberdade do mundo, mas sim eu posso dançar, cantar, louvar, na presença de Deus. O que antigamente não era bem visto” (Amireli Porto Machado, 21 anos).



“Acontece alguns casos de, dançou? Pecado! Gritou? Pecado! Acredito que são coisas que nos prendem até a partir da doutrina presbiteriana, mais tradicional” (Bruno Monteiro Mamede, 23 anos).

Figura 6. Aldeia Jaguapirú, Dourados/MS, 1ª Congregação (04/03/2018).

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Mesmo com essa noção de mudança que os jovens almejam na parte de como eles concebem o louvor, existem outras formas de expressão que eles mesmos concebem a 1ª Congregação como referência para outras igrejas. Como relata Amireli:

Eu fui viajar com o meu pai, e ele faz parte de uma igreja retinha. Lá as mulheres não podem pintar as unhas, não podem cortar o cabelo. Aí um dia eu tava lá, conversando com os jovens. E um jovem me perguntou: como você fala com Deus? Eu respondi, eu falo em pensamento, quando estou andando na rua, toda hora eu falo com Deus. Ele me perguntou: você não ajoelha para falar com Deus? Eu disse que eu ajoelho na hora de dormir apenas. Ele me disse: Deus não vai te ouvir se você não ajoelhar, é pecado falar com Deus desse jeito. Isso é a religião, a religião tem esse poder de nos prender. Mas Deus é liberdade, é poder falar quando eu puder e quiser, Deus quer ter uma relação boa conosco (Amireli Porto Machado, 21 anos).

O que Amireli quer dizer sobre “uma igreja retinha” significa que a composição da igreja tem sua base numa estrutura tradicional e fundamentalista, menos aberta a mudanças.

Logo após essa conversa, os jovens fizeram comentários indicando a vontade de realizar encontros como esse da entrevista, a fim de integrar os jovens da igreja. Encerramos a conversa porque já estava tarde e o frio estava nos expulsando do local.

Renan pediu para Amireli realizar uma oração para me abençoar. Nesse momento, todos fizeram um grande círculo de mãos dadas ao redor da mesa. Amireli expressou sua vontade para Deus, que abençoasse a todos ali presentes e, em especial a mim e a minha pesquisa. Ela frisou que tudo ocorresse da melhor forma possível e que todos estavam muito agradecidos pela minha presença na igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação é um estudo de caso sobre os jovens indígenas da 1ª Congregação, Igreja Indígena Presbiteriana no Brasil, que ocorreu durante dois anos, na aldeia Jaguapirú, Terra Indígena de Dourados, a partir de uma pesquisa etnográfica nos cultos de final de semana, bem como, atividades que envolveram os interlocutores.

Nesse sentido, foi possível perceber a partir do contato com os jovens indígenas da 1ª Congregação, que dentro desse espaço eles fazem parte de uma unidade geracional e da identidade cristã da igreja.

Por isso, os jovens indígenas apesar de pertencerem às três etnias diferentes, os Terena, Guarani e os Kaiowá, dentro da igreja constituem o grupo de jovens indígenas. Dentro dos espaços religiosos, há uma união no que se concebe como geração de jovens indígenas. Isso quer dizer, que independente da etnia, eles pertencem a identidade cristã e essa tem uma grande influência na vida de cada um.

Percebe-se também a importância que a categoria juventude indígena tem nesse espaço, pois os anciãos como Sr. Guilherme (Terena) legitimam essa geração de jovens indígenas; assim como os pais desses, que foram à primeira geração de jovens indígenas dentro da referida igreja.

Os adultos que participaram da conhecida DG1 (Despertaí Geração 1) se tornaram para a geração atual de jovens indígenas, uma referência no que tange a parte do louvor. Apesar das mudanças instauradas entre as diferentes gerações da igreja, há uma grande menção sobre o papel dessa primeira geração de jovens indígenas, originada nos meados das décadas de 80 e 90.

É visível o papel de protagonismo dos jovens indígenas dentro e fora da igreja, pois suas demandas são levadas em conta pelos pais e familiares, além do mais, esses tem papéis importantes na constituição de diferentes atividades, como especificamente a participação dos mesmos no ministério de louvor, com o foco nos cantos e o aparato da banda além de, organizarem a estrutura para os eventos da igreja.

A banda DG2 (Despertaí Geração 2) tem um espaço de grande visibilidade e prestígio dentro e fora da igreja, o louvor é um grande marco ligado a referência presbiteriana. Contudo, são perceptíveis algumas mudanças instauradas no que tange a forma como são conduzidas determinadas atividades. Os jovens indígenas da 1ª Congregação têm construído novos significados, demonstra-se uma forma mais dinâmica e menos rígida na condução dos cantos. Isso é visto, com um louvor com pulos, brincadeiras, danças e abraços, momento onde

os jovens indígenas conseguem explorar emoções e espiritualidades ligadas à identidade cristã presbiteriana.

Existem várias dificuldades para os jovens indígenas permanecerem no ensino superior, a questão econômica é uma delas. Por isso, as campanhas que os adeptos da igreja fomentam faz parte de um apoio significativo para a permanência deles na faculdade, o que engloba os facilitadores em pertencer a esse grupo.

Há também a formação de lideranças políticas dentro da igreja. Percebi a representatividade de um jovem indígena, Renan Mamede (Terena), que conduz o culto com louvor e oração. A presença de Renan é muito impactante para a comunidade adepta da igreja, como também para os cristãos que em momentos de cultos especiais se fazem presentes no espaço. É perceptível que ele é um jovem indígena que se faz presente de forma significativa para essa comunidade.

Nesse espaço os jovens se denominam como jovens indígenas, e por isso, ultrapassa a questão da identidade étnica presente na Reserva e dentro da 1ª Congregação, construindo assim uma identidade religiosa entre os jovens, em que todos se denominam 'jovens indígenas'. Mesmo com uma configuração histórica da igreja 1ª Congregação, que foi formada originalmente por uma família Terena, família do Sr. Guilherme, que é ainda nos dias atuais uma grande referência na 1ª Congregação, houve um processo de reformulação e agora tanto os Terena, Guarani, Kaiowá exercem um papel de destaque na formação de novas relações sociais nesse espaço.

Sugiro que, diante das falas dos interlocutores que se sentiram a vontade diante de minhas questões, mesmo com mudanças ocorridas entre as gerações de jovens indígenas da igreja, há a continuidade com relação aos preceitos da doutrina delegada pelos mais velhos. E mais, mesmo com as mudanças 'instauradas', como a dança nos louvores, o grupo mais velho vê na juventude indígena da igreja atual sua continuidade, vide o que os jovens indígenas pensam sobre o namoro, o casamento. Penso que, com diferenças, a geração anterior legitima a geração de jovens atuais a igreja, legitimando-os e, pensando na continuidade, preparando, quem sabe, a DG3!

Há muito mais a ser dito e elaborado sobre os jovens indígenas, especialmente os envolvidos nesse caso da 1ª Congregação da aldeia Jaguapirú, e muito mais a ser investigado no campo da etnologia indígena com relação a tal temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACÇOLINI, Grazielle. **Protestantismo à moda Terena**. Tese de Doutorado, FCL/UNESP, 2004. _____. **Terena: Adoção de um novo mito**. São Paulo, Dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 2004.

_____. **Outros olhares, novos olhares: um estudo sobre a terra indígena de Dourados**. Dourados: Projeto de pesquisa. UFGD, 2012.

ALVES, Maria de Fátima Paz. **Juventude, igreja e “mundo” na perspectiva de jovens pentecostais assembleianos de Recife**. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Juventude Contemporânea culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. **Jovens Indígenas e lugares de pertencimento**. São Paulo: Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória, 2007.

BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard*. São Paulo: UNESP, 1998.

BOISSEVAIN, Jeremy. **Apresentando “amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões**. In: Bela Feldman Bianco: *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAND, Antonio J.; URQUIZA, Antonio Hilario Aguilera. **Entender o outro: a criança indígena e a questão da educação infantil**. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/NB/Desktop/MESTRADO/Textos/Jovens%20e%20Igrejas/Brand-criança.pdf> Acesso em: 20 set. 2017.

ANDRELLO, Geraldo. **Cidade do índio: transformações e cotidiano em Iauaretê**. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CARIAGA, Diogenes Egidio. **As transformações no modo de ser criança entre os Kaiowá em Te'ýikue (1950-2010)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2012.

_____. **Transformações no modo de ser criança entre os Kaiowá em Te'ýikue: história e socialidade**. In: TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; ALMEIDA, José Nilton; ROSENDIZ, Nicanos Rebolledo. *Diversidade, Educação e Infância: reflexões Antropológicas*. 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

_____. **Para fazer nossa cultura aparecer:** equívocos e reflexividade entre os modos de conhecer entre os Kaiowa e a educação escolar. Texto apresentado no “ST 07: Pretensões disciplinares e desafios” na V Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, Porto Alegre, 2015.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

_____. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244 maio-ago., 2013

COSTA. Waldney de Souza Rodrigues. **Notas etnográficas sobre a música em um culto jovem evangélico:** diversão, arte, liturgia e espiritualidade, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacilegens/files/2015/02/11-2-5.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

CUNHA. Manuela Carneiro da. **Etnicidade:** da cultura residual mas irreduzível. In: CUNHA, M. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: CosacNaify, 2009.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. A dupla linguagem do desejo na Igreja Evangélica Bola de Neve. **Revista Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro, v.30, n.1, jul., 2010.

DUARTE, Henrique. **As representações sociais da violência envolvendo “as juventudes indígenas” na imprensa de Dourados MS.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, v.25, n. 2, p. 185-204, mai./ago., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GONÇALVES. Carlos Barros. Protestantismo no Brasil e povos indígenas: a Missão Caiuá. **Revista Perspectiva Histórica**, n. 5, jan./jun., 2015.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia:** ciência do homem: filosofia da cultura. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2009.

JEOLÁS, Leila Sollberger. **Correndo risco “rachas” de carros e de moto, gênero e experiências geracionais.** 2017. Disponível em <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373335658_ARQUIVO_TrabalhoCompleto-LeilaJeolas.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.

LUCIANO, G. J. S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: SECAD/MEC; LACED/Museu Nacional, 2006.

MACHADO, Micheli Alves. **Educação infantil:** criança Guarani e Kaiowá da Reserva Indígena de Dourados. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p. 1-33, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a08v17n2>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MISSÃO EVANGÉLICA CAIUÁ. **Uma visão do gigante pela natureza**. Dourados, n. 4, jul., 2003.

NEVES, André Luís Lopes Neves. **Vende-se pequi: o vídeo como mediador de relações intergeracionais**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 25, p. 80-106, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PALADINO, Mariana. **Estudar e experimentar na cidade: trajetórias sociais, escolarização e experiência urbana entre os “jovens” indígenas Ticuna, Amazonas**. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti: as formas organizacionais, territorialização da identidade étnica**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

_____. **No mundo dos parentes: a socialização das crianças adotadas entre os Kaiowás**. In: SILVA, A. L. da; NUNES, A.; MACEDO, A. V. L. da S. Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. **Desigualdades sociais, práticas educativas e juventude numa favela carioca**. In: VELHO, Gilberto. DUARTE, Luiz Fernando. Não há fontes bibliográficas no documento atual. DIAS. **Juventude contemporânea: culturas, gostos e carreiras**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SILVESTRE, Célia Maria Foster. **Entretempos: experiências de vida e resistência entre os Kaiowá e Guarani a partir de seus jovens**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal Paulista, Araraquara, 2011.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e juventude: os jovens carismáticos**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, 2009.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **Concepções indígenas de infância no Brasil**. Campo Grande. **Revista Tellus**, ano 7, n. 13, p. 11-25, out. 2007.

_____. **Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras da educação**. In: LOPES DA SILVA *et al.* Antropologia, História e Educação: a questão indígena na escola. São Paulo, MARI/FAPESP/GLOBAL, v. 01, p. 44 – 77. 195. 2001.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá**. São Paulo, EdUsp, 2003.

TROQUEZ, Marta Coelho Castro. **Professores índios e transformações socioculturais em um cenário multiétnico: a reserva indígena de Dourados (1960- 2005)**. 2006. 189 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade da Grande Dourados, Dourados – MS, 2006.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. **Culturas jovens, novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WILKINSON, Philip. **Guia ilustrado Zahar: religiões**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.